

SANDRA MARA DANTAS

VEREDAS
DO PROGRESSO
EM TONS ALTISSONANTES

UBERLÂNDIA (1900 / 1950)

Uberlândia

UFU

2001

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SANDRA MARA DANTAS

VEREDAS DO PROGRESSO EM TONS ALTISSONANTES

Uberlândia (1900 -1950)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO **INSTITUTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA** COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO **TÍTULO DE MESTRE EM HISTÓRIA** SOB ORIENTAÇÃO DA **PROF. DR. CHRISTINA DA SILVA ROQUETTE LOPREATO.**

Uberlândia

2001

SANDRA MARA DANTAS

VEREDAS DO PROGRESSO EM TONS ALTISSONANTES

Uberlândia (1900 – 1950)

Este exemplar corresponde à redação
final da dissertação defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em ___/___/2001.

Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato (Orientadora)

Dra. Jacy Alves de Seixas

Dra. Márcia Regina Capelari Naxara

Uberlândia

2001

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a quem tenho entregado minha vida, sem me decepcionar. A Ele glória e louvor pelo dom da vida, pela paz, pelas vitórias conquistadas. *“Tudo posso Naquele que me fortalece.”*

A professora Christina Lopreato, que com seu jeito tranquilo e sereno, confiou em meu trabalho, pela atenção, incentivo e competente orientação.

A professora Jacy Seixas pelo atencioso acompanhamento, as valiosas sugestões, a confiança e estímulo.

Aos meus pais, Cilene e Lindoval, e meus irmãos, Luciene e Júnior, pela presença constante e o apoio.

A professora Beatriz Ribeiro Soares, do Instituto de Geografia da UFU, pela colaboração no empréstimo de documentação e sugestões no momento da qualificação.

Aos colegas do Programa de Mestrado pela companhia e descobertas, momentos de discussão e reflexão, especialmente a Márcia Pereira e Valéria Queiroz.

Aos entrevistados que me permitiram entrar em seu mundo, possibilitando leituras diversas dessa cidade.

Aos amigos do Conjunto de Jovens Jeverli pelo carinho, momentos de descontração e pelo compartilhar de nossas experiências.

E a tantos outros que, de forma direta ou indireta, tornaram esse trabalho possível.

RESUMO

A cidade de Uberlândia, localizada na porção ocidental do estado de Minas Gerais, assenta-se em um imaginário bastante ufânico. Desde os primeiros anos de sua emancipação político-administrativa, em 1888, Uberlândia arvora-se destinada ao progresso. E a fim de concretizar tal ideal, foi forjado, na primeira metade do século XX, um discurso que buscou imprimir à cidade uma imagem de ordem e progresso, civilidade e modernidade.

A elaboração desse ideal coincidiu com as mudanças ocorridas no país, após a instalação da República, cujo objetivo maior era constituir uma nação moderna e civilizada. E é neste momento que as grandes cidades brasileiras ganham visibilidade, como por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro que, após a sua reformulação, torna-se vitrine do país.

Para compreendermos a constituição do imaginário que, em certa medida, sustenta a imagem da cidade, valemo-nos da documentação *da imprensa* por ser um dos principais meios de manifestação das representações construídas pelos sujeitos sociais; os *memorialistas* que, geralmente vinculados aos grupos sociais dominantes, produziram obras que reafirmam a trajetória da cidade, tentando preestabelecer o futuro; e *depoimentos orais* de pessoas idosas residentes na cidade há mais de cinquenta anos para averiguar as diferentes percepções que possuem da cidade.

O discurso grandiloqüente incentivou uma série de práticas sociais, políticas, culturais para a construção da cidade moderna. A imagem urbana o atesta. A paisagem da cidade foi continuamente reformulada seja através de construções imponentes, de arborização, da higiene pública e do controle da mendicância, de modo que o espaço urbano se tornasse aprazível e manifestasse os ideais de sua comunidade.

A crença no progresso levou a cidade de Uberlândia, na primeira metade do século XX, a assentar as bases para o desenvolvimento subsequente, constituindo um imaginário social e político que, valendo-se de representações forjadas como universais, sufoca as demais possibilidades de cidade, ao mesmo tempo que legitima a dominação.

SUMÁRIO

Capítulo I

ASSENTANDO AS BASES:

A Constituição do Imaginário do Progresso.....

016

1.1 – Para Pensar a Cidade – referencial teórico-metodológico.....

017

1.2 – O Caminhar nas Sendas do Progresso.....

029

1.3 – A Elegância do Discurso..... 056

Capítulo II

REPRESENTAÇÕES DO PROGRESSO

NA HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA..... 069

2.1 – Os Memorialistas..... 071

2.2 – A Imprensa..... 101

Capítulo III

A EFICÁCIA DO DISCURSO:

Imagens e Representações..... 118

3.1 – A Imagem Urbana..... 119

3.2 – O Que os Sujeitos Sociais Têm a Dizer..... 141

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 153

FONTES..... 160

BIBLIOGRAFIA..... 163

LISTA DE IMAGENS

Capítulo I

Aspecto urbano de Uberabinha em 1902.....	035
Planta Cadastral de Uberabinha – 1927.....	043
Mapa do Brasil localizando Uberlândia.....	054

Capítulo II

Projeto da Nova Matriz de Uberabinha, 1922.....	096
Projeto de construção da Matriz de Nossa Senhora Terezinha.....	096
Inauguração da Matriz de Nossa Senhora Terezinha 25/12/1941..... 097	
Aspecto Interior da Matriz – 1944.....	097

Capítulo III

Ilustração do Arraial de São Pedro de Uberabinha – Século XIX.....	121
Vista parcial de Uberabinha – Década 1920.....	124
Fórum de Uberabinha – 1922.....	125
Paço Municipal construído em 1917, atual Museu Municipal, tombado em 25/09/1985.....	127
Residência luxuosa na região central da cidade.....	132
Aspecto interior de um palacete.....	132
Residência no centro da cidade, atual Casa da Cultura, tombada em 15/10/1985.....	133
Residência luxuosa na região central da cidade (foto da autora).....	133
Praça da República (atual Praça Tubal Vilela) – Anos 40.....	135
Uberlândia, vista aérea dos anos 1940.....	139

LISTA DE TABELAS

Capítulo II

Estatística sobre o comércio no Triângulo Mineiro (1904-1905).....	077
Infraestrutura urbana de algumas cidades do Triângulo Mineiro em 1920.....	078

INTRODUÇÃO

Deixar o obscurantismo e revelar-se ao mundo, esse é o sonho de muitos. E em nome desse sonho, transpõe-se montanhas e vales, mobiliza-se forças e sentimentos, constroi-se imagens e representações para endossá-lo. A cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro, nasceu com esse anseio de fazer-se grandiosa. E, lançando mão de uma série de recursos, lutou (e luta) por sua efetivação.

Uberlândia aporta o século XXI como uma das maiores cidades de Minas Gerais. Pelo censo 2000 do IBGE, a população ultrapassa os 500.000 habitantes, com níveis econômicos consideráveis. Consideremo-na centro regional, num limiar entre cidades médias e cidade de grande porte, visto polarizar mais de 200 cidades envolvendo o Triângulo Mineiro, o Alto Paranaíba e o Sudoeste Goiano. Maior cidade da região, parece possuir uma síndrome megalomaníaca, em que a maioria dos uberlandenses e *uberlandinos*⁽¹⁾ se ufana de sua condição de liderança regional e, com efusivo júbilo, luta por fazê-la cada dia mais desenvolvida.

A imagem dominante que é divulgada pode assim ser descrita: Uberlândia é uma cidade de porte médio que comanda o desenvolvimento da progressista região do Triângulo Mineiro. Essa região abrange um mercado consumidor de mais de três milhões de habitantes. Apresentando um extraordinário crescimento econômico, Uberlândia é a terceira cidade do estado de Minas Gerais em PIB e em população e mantém, ao mesmo tempo, excelentes indicadores de qualidade de vida. Apoiada na argumentação de uma localização geográfica privilegiada, considerada uma facilidade logística, a cidade impressiona: boa malha rodo-ferroviária e aérea, rede de telecomunicações considerada pioneira no país, excelente capacidade de armazenamento de grãos, e um distrito industrial com empresas de renome nacional que a faz conhecida como centro atacadista. E mais, obras faraônicas marcam sua paisagem edifícios públicos e privados, shopping center, viadutos, estádio de futebol, clubes de recreação, universidades, agroindústrias, baixas taxas de analfabetismo e mortalidade infantil, ativo comércio e sistema bancário consolidado.

¹ Expressão empregada por um conhecido cronista – Luiz Fernando Quirino – que escreve no maior jornal da cidade, *Jornal Correio*. Segundo ele, *uberlandinos* designa os indivíduos não nascidos em Uberlândia, mas que a adotaram-na como cidade-mãe, fixando raízes, estando extremamente apegados à terra de forma a defendê-la arduamente e por ela trabalhar, assim como o filho natural da terra.

Por tudo isto, grande parte dos habitantes da cidade desenvolveu um sentimento bastante ufanista como espécie de marca identitária. Esse ufanismo, na verdade, não é característica da contemporaneidade, nasceu com a cidade, que parece possuir uma *vocação para o progresso* como uma espécie de missão teleológica. De modo irreversível, a cidade caminha em uma direção predeterminada. E se, por um lado, a cidade alcançou um considerável desenvolvimento em relação a demais cidades da região, polarizando a região do Triângulo Mineiro e atraindo consideráveis investimentos, por outro essa imagem de uma condição de progresso escamoteia as contradições e conflitos existentes em seu interior na tentativa de garantir uma imagem hegemônica.

O projeto de fazer de Uberlândia uma cidade moderna e de considerável progresso não foi um objetivo atípico. No final do século XIX, o Brasil trocou a mão de obra escrava pela mão de obra do trabalhador livre e assalariado, a monarquia foi substituída pela república. Ora, essas modificações possuíam, em si, um anseio pela renovação social em todos os níveis: econômico, político, social, cultural; visto o país inserir-se no moderno, competitivo e promissor mundo capitalista, conforme aspiração das classes dominantes brasileiras. Desse modo, inúmeras cidades (de médio e grande portes) iniciaram projetos de modernização no afã de construir a cidade ideal.

Os desbravadores do Sertão da Farinha Podre, primeiro nome da região do Triângulo Mineiro, adentraram o território em meados do século XVII, nas bandeiras de exploração do território brasileiro mas, somente no século XIX, as primeiras famílias fixaram-se, formando uma pequena povoação. A pequena povoação cresceu e se adensou, constituindo o arraial de São Pedro de Uberabinha. Seus habitantes, desejando fazê-lo notório, empreenderam uma série de ações no sentido de dinamizar o crescimento e desenvolvimento. O pequeno arraial sonhava ser um dia uma cidade notável. Para alcançar esse propósito foi elaborado um projeto político que, ao ressaltar os aspectos positivos do lugarejo, criou condições para alavancar o progresso. Valendo-se de um discurso grandiloquente, deu-se início à constituição de um imaginário bastante ufânico que confirmasse as representações constituídas. Esse empreendimento ancorou-se nos elementos naturais que poderiam confirmar as aspirações de um futuro próspero como as características geográficas (relevo, solo, clima, hidrografia, topografia), e nas potencialidades humanas, quais sejam: povo civilizado, hospitaleiro,

de boa índole, pacato, disciplinado, trabalhador e de nobres ideais. Sob esses aspectos havia condições para a realização de um sorridente futuro, em que as condições de vida e a materialidade do lugar tivessem melhor apresentação, fazendo esquecer-se das limitações e problemas do presente vivido.

Esse ideal, na verdade, está ancorado na crença no progresso, no contínuo e progressivo desenvolvimento. Assim, pode-se operar com projeções futuras, ainda que o presente, em sua limitação, não possibilite a satisfação imediata dos anseios.

Para o historiador italiano Paolo Rossi, a idéia de progresso veio à luz na Europa, entre os séculos XVI e XVIII, mesmo período em que se estava formando a moderna concepção de ciência⁽²⁾. Alternativa à visão mágico-explicativa do mundo, a ciência tem como princípio que o saber é cumulativo; em um processo crescente, diferentes gerações, por meio de constantes contribuições individuais, vão constituindo-o, sem jamais esgotá-lo, ou seja, sempre há uma chance de avançar. Segundo o autor, as transformações ocorridas, a partir do século XVI, revolucionaram os homens. As descobertas marítimas, a constatação da existência de povos com valores e cultura diferentes e o avanço da técnica ocorriam em uma velocidade vertiginosa que sobrepujava os conhecimentos do passado. O mundo já não era o mesmo e com a invenção da imprensa, da pólvora explosiva e da bússola aumentaram-se as esperanças de que o avanço viesse romper as tradições e as limitações, gerando um acúmulo de saber que superasse as obscuridades e as deficiências.

Esse apelo ao futuro acarreta certo desprezo ao passado. O futuro é contraposto ao passado, é sempre superior. O passado teve sua especificidade, suas limitações. No entanto, o presente sugere problemas e desafios que demandam respostas e saberes que não aqueles do passado. Assim, é possível perceber uma linearidade, o progresso ocorre por etapas ou degraus, de modo que o mundo que uma geração lega para sua posteridade é mais próspero de conhecimentos que o mundo que herdou da geração anterior. *O lento acumular-se da experiência é a fonte e a garantia do progresso do gênero humano.*⁽³⁾

Nesse sentido, podemos atentar para o indelével desejo da cidade de Uberlândia, que tem a tônica do progresso e modernidade como sustentáculos. O projeto de

² ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: A idéia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

³ Idem. p. 73.

construção de cidade moderna teve início na busca por emancipação política, em 1888, e tomou vulto nos primeiros anos do século XX. A partir daí, inúmeras medidas que corroborassem na construção da cidade-progresso foram postas em execução como, por exemplo, a promulgação do Código de Posturas em 1903, com vistas a regulamentar e normatizar a vida em sociedade dos habitantes do município. Como a determinação de construir uma nova sociedade, moderna e progressista, se acentua no início do século XX, iniciamos, então, nosso trabalho com o objetivo de compreender como se dá a construção da imagem de progresso que a cidade carrega, isto é, fomos buscar as raízes que sustentam, em grande medida, ainda nos dias atuais, as práticas políticas, econômicas, sociais e culturais dos sujeitos uberlandenses.

Entretanto, à medida que os anos avançavam, amparado em um constante discurso de afirmação da condição de progresso da cidade, este parecia não se materializar, ainda seria uma realização futura. Com a intensificação do processo de industrialização e urbanização do país, nos anos 50, o nobre ideal ganhou maior incentivo. Imbuída por esse sentimento de entusiasmo, Uberlândia acenou ao progresso para que este se assentasse definitivamente em seu seio. Foi o momento de implementação de inúmeros projetos de modernização como o plano de urbanização, a luta pela instalação do distrito industrial e a construção da universidade. Nesse momento, a cidade tomou maior impulso inaugurando uma espécie de “*era dourada*”; e é esse nosso ponto final. Depois de caminhar por veredas, às vezes íngremes, o ponto de chegada estava à mão, bastaria desfrutar dos louros da vitória.

Quem crê no progresso, todavia, geralmente não se contenta com escolhas efetuadas no reino da imaginação. Não tende à fuga da história. Conta ou julga poder contar com possibilidades reais ou que interpreta como reais. Vê presentes na história algumas possíveis confirmações das suas esperanças, julga que ela procede – nem que seja nos tempos longos – segundo uma e não outra direção. Considera em todo caso que tem sentido operar no mundo com base em projetos regidos pela esperança num futuro desejável, melhor que um presente cujos limites e insuficiências são visíveis.⁽⁴⁾

De acordo com esse princípio, para os sujeitos da cidade de Uberlândia o progresso não era apenas uma possibilidade. Era uma realidade que, mesmo em meio às

⁴ Idem. p. 52.

vicissitudes, seria alcançado, visto as condições existentes em seu interior que confirmavam os requisitos necessários. Portanto, o ideal sonhado não era uma utopia. Realizar-se-ia, ainda que não fosse possível prever o tempo exato.

Foi com a consolidação do sistema capitalista que a cidade moderna se firma como espaço de civilidade e concretização das potencialidades humanas. Incorporando a idéia de progresso como tentativa de negar os vestígios do passado e confirmação de novas práticas que explicassem as novas concepções de mundo, a cidade abriga múltiplos sonhos e representações.

As representações podem ser percebidas nas ações dos indivíduos construindo e reconstruindo a cidade em um exercício contínuo e infindável, nas relações estabelecidas, no discurso, no cotidiano. Essas representações também se materializam no espaço urbano, na arquitetura, criando imagens que parecem querer manifestar a todos que as contemplam, o discurso proferido e as sensibilidades que o cercam. Os sonhos compartilhados ultrapassam o racional, inspiram novas práticas, criam e apontam novas possibilidades de realização.

Isso concerne ao território político porque toca a existência do indivíduo, suas concepções, seus anseios, suas posturas, suas escolhas e, como percebemos, o político não como meramente um, dentre muitos, domínios da realidade. Ele possui dimensões diferenciadas, sem fronteiras naturais ou fixas; porquanto envolve as convicções, sentimentos, subjetividade, tradições de cultura que desencadeiam as ações dos indivíduos, esses movidos por circunstâncias para além da racionalidade; não havendo um elemento determinante, mas um conjunto de fatores conjugados. O político é, então, de geometria variável. *Não é um fato isolado. Ele está evidentemente em relação, também, com os grupos sociais e as tradições do pensamento.*⁽⁵⁾

Posto isso, para percorrer as veredas do progresso em Uberlândia fundamentamo-nos nos referenciais teóricos da nova História Cultural do político, na acepção de Roger Chartier⁽⁶⁾. Consoante o objetivo dessa abordagem teórica em buscar perceber as imbricações e relações tecidas entre racionalidade e sensibilidades que vêm

⁵ RÉMOND, René. "O retorno do político" In: CHAUVEAU, A & TÉTARD, Ph. (orgs). *Questões para a História do Presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 58

⁶ CHARTIER, Roger. *A História cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985

(re)instituindo o campo da política, cremos não ser possível compreender a constituição do imaginário sócio-político de Uberlândia amparado em um discurso grandiloquente com vistas a uma cidade-progresso, sem atentar para essas relações que buscam o exercício da dominação.

Até há algum tempo, história política era sinônimo de narrativa descritiva de fatos e acontecimentos, personagens importantes, datas marcantes. Contemporaneamente, o político se destaca na análise histórica marcando uma revalorização da história política. Preocupado com a questão metodológica, Pierre Rosanvallon propõe uma nova abordagem, a história conceitual do político, ao identificar que, concomitante ao declínio da história política tradicional, ocorreu uma série de deslocamentos: historiadores, filósofos e sociólogos, tentaram pensar a renovação do estudo da política.

O objeto da história conceitual do político é a compreensão da formação e evolução das racionalidades políticas, ou seja, dos sistemas de representações que comandam a maneira pela qual uma época, um país ou grupos sociais conduzem sua ação, encaram seu futuro.⁽⁷⁾

É história política porque entende que é na esfera do político que se articulam o social e sua representação, e é conceitual pois é ao redor de conceitos que se explica o princípio de ativação e ação propriamente dita. O político são todas as práticas coletivas que se enraízam e se refletem ao mesmo tempo, estando presente em todas as esferas sociais. Todos os espaços são políticos, o que difere são as dimensões que possuem maior ou menor intensidade. As ações coletivas pressupõem a ação individual. Sua originalidade reside no método: interativo - análise da interação da cultura política e os modos de vida - e compreensivo - apreensão da história em seu vir a ser, ou seja, compreensão do passado simultaneamente à interrogação do presente. Como a proposta de Rosanvallon preocupa-se com a evolução das racionalidades políticas, as sensibilidades não são consideradas na análise do político.

Compartilhando o pressuposto de que todos os espaços são políticos, elegemos a cidade como objeto de análise. *A cidade é sempre um organismo em mutação, pois, a cada instante, há algo mais que a vista alcança, mais do que o ouvido possa perceber,*

⁷ ROSANVALLON, Pierre. “Por uma História Conceitual do Político” (nota de trabalho) In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero. V. 15, nº30, 1995. p. 16

uma composição nova em um cenário novo que espera para ser analisado⁽⁸⁾. Em constante metamorfose, ela é obra coletiva de significados diversos, fornece àqueles que nela habitam, referências, símbolos e inúmeras possibilidades de realização. Desse universo recortamos Uberlândia.

Inserida no contexto da sociedade capitalista, Uberlândia ambicionou destacar-se em meio a seus pares. Nesse afã, a construção do imaginário social e político da cidade, em grande medida, fundamentou e alavancou as práticas de seus habitantes vistas nas imagens e representações criadas para confirmar seus anseios. Nesse sentido, a compreensão do imaginário, na primeira metade do século XX, procura entender as significações que os sujeitos históricos imprimiram às suas ações ao (re)produzir sua realidade, dando condições para que a imagem projetada de uma cidade-progresso pudesse ser sustentada ao longo do tempo.

A concepção de Uberlândia, enquanto uma cidade que “deu certo” – pólo regional que se destacou em meio a outras até mesmo mais antigas – de certo modo, hegemônica entre a população uberlandense, levou-nos a compreender a formação do ideal de progresso e das práticas que a tornaram viável. E sendo as práticas sociais da vida cotidiana que conferem sentido às representações elaboradas, a utilização de diversas estratégias tornou-se condição *sine qua non* para a difusão do ideal de progresso, convencendo a população uberlandense da viabilidade da idéia e sua efetivação.

A respeito da cidade de Uberlândia constam inúmeras análises que buscam compreender a cidade em seu fazer-se. São trabalhos de historiadores, sociólogos, educadores, geógrafos e outros que, em suas respectivas áreas de análise e pesquisa, procuram examinar a cidade em suas diversas relações de seus sujeitos em uma multiplicidade de práticas que (re)constroem-na numa ação contínua, visto ser a cidade uma construção permanentemente inacabada. A produção historiográfica existente foi importante contribuição pois que, ao analisar outras facetas da cidade, aponta o ufanismo corrente e como as práticas, representações e imagens buscam confirmá-lo e, ao mesmo tempo, como resistências e contradições aparecem no seio social⁽⁹⁾. Nossa

⁸ LIMA, Rogério. “Mapas textuais do imaginário fragmentado da cidade”. In: *O imaginário da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

⁹ Dentre essas produções destacamos:

ALEM, João Marcos. “Representações coletivas e história política em Uberlândia.” In *Revista História e Perspectivas*. n°4: Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Jan/jun.1991; ALMEIDA, Maria de

contribuição é compreender a gênese do discurso que proporcionou a consolidação da imagem de progresso.

A imprensa foi assaz importante nessa empreitada porque, como fornecedora de informações “neutras”, atinge um grande e diferenciado número de interlocutores e, concomitantemente, forma opinião.

A atividade da imprensa em Uberlândia, na primeira metade do século XX, foi bastante marcante, ainda que pontuada por inúmeras adversidades. Considerando que a população não dominasse a escrita, haja vista o considerável número de analfabetos, as páginas da imprensa estão repletas da apresentação do progresso local. Outra estratégia utilizada foi a produção de memória. Através dos memorialistas foi forjada uma memória à luz do projeto de progresso que confirmasse, desde os pioneiros, as ações que levaram ao desenvolvimento e, ao mesmo tempo, apontasse para a continuidade do mesmo. Para compreender esses aspectos fomos às fontes. Na imprensa porque espaço de luta de ideais, forma de expressão das concepções dos indivíduos e da sociedade, buscamos as diferentes formas de apresentação da cidade, seu desenvolvimento paulatino, as representações e práticas dos sujeitos e as formas de apropriação delas, as estratégias utilizadas para convencer o interlocutor, a expressão dos diversos sujeitos sociais e a materialização do progresso. Nos memorialistas, observamos a construção de uma dada memória voltada para o engrandecimento de uma imagem valorativa da cidade, pois o memorialista possuía um determinado interlocutor (assim como a imprensa) e objetivos específicos ao redigirem suas obras.

Nesse percurso, algumas dificuldades metodológicas surgiram: como averiguar a eficácia de um discurso em meio a uma sociedade em que a maioria não tinha acesso aos órgãos de imprensa? Como detectar as diversas vozes dissonantes? Como perceber

Fátima Ramos de. *Uberlândia operária?* – Uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia – 1950 – 1964. Campinas: UNICAMP, 1992. Dissertação de Mestrado; MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada - Uberlândia - 1965 a 1980.* São Paulo: USP, 1990. Dissertação de Mestrado; NUNES, Leandro José. *Cidade e Imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras.* Uberlândia – 1950 – 1960. São Paulo: PUC, 1993. Dissertação de Mestrado; OLIVEIRA, Selmane Felipe. *Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa.* Rio de Janeiro: UFF, 1992. Dissertação de Mestrado; RODRIGUES, Jane de Fátima. *Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924 – 1964.* São Paulo: USP, 1989. Dissertação de Mestrado; SILVA, Idalice Ribeiro. *“Flores do Mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia (1945-1954).* Campinas: UNICAMP, 2000. Dissertação de Mestrado; SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado - Imagens e Representações no Triângulo Mineiro.* São Paulo: USP, 1995. Tese de doutoramento.

as diferentes práticas existentes na sociedade? Procuramos sanar essas dificuldades visualizando, nas entrelinhas, o não dito, o oculto, a exclusão, as diferentes apropriações de uma mesma realidade.

Outra fonte utilizada consistiu em entrevistas com pessoas idosas da cidade que nasceram após a década de 1920 ou que nela residam há mais de cinquenta anos, ou seja, mudaram-se para Uberlândia entre os anos 1940 e 1950. O depoimento dessas pessoas foi importante para compreendermos a eficácia do discurso que sustenta a imagem de cidade-progresso e como os sujeitos vêem a cidade. Nessa etapa, escolhemos sete pessoas de características sociais diferenciadas. Mantivemos contatos prévios, estabelecendo diálogos informais e como aponta Ecléa Bosi⁽¹⁰⁾, muitas vezes recordações vibrantes ocorreram quando o gravador não estava ligado, ou na conversa informal, numa espécie de confiança. Alguns foram mais receptivos, relatando com prazer suas lembranças, reconstruindo seu mundo de infância com suas brincadeiras e expectativas; sua juventude e conseqüente entrada no “mundo dos adultos”, com sua responsabilidade de trabalhador, pai (ou mãe) de família, sujeito social. Outros preferiram manter certa resistência, afinal estávamos “invadindo” sua privacidade, suas lembranças, quem sabe, algumas traumáticas e dolorosas.

Durante a década de 1990, a Secretaria de Cultura de Uberlândia, através da Divisão de Patrimônio Histórico realizou o *Projeto Depoimentos*, que consistiu na entrevista de pessoas idosas que nasceram em Uberlândia ou que vivem na cidade desde sua infância. Abrangendo os mais diversos temas, esse material foi disponibilizado para consulta ao público, e dele utilizamos alguns relatos.

O trabalho está estruturado em três capítulos assim distribuídos: no primeiro capítulo discutimos a constituição do imaginário que fundamenta o discurso político da cidade. Para tanto, buscamos levantar a constituição de algumas cidades enquanto exemplares do ideal de modernidade e progresso, como Paris, na Europa; no Brasil, a capital federal, Rio de Janeiro e a capital mineira, Belo Horizonte. E as estratégias para formação do imaginário do arraial de São Pedro de Uberabinha à cidade de Uberlândia enquanto representativa do ideal de progresso acalentado com efusivo ânimo e posto em prática com resolução.

No segundo capítulo, apresentamos algumas representações do progresso na história da cidade a partir da imprensa e dos memorialistas. Como meio de difusão das

¹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

representações construídas, alguns veículos foram mais ou menos eficazes. A imprensa, como meio de expressão das concepções de uma época, de um grupo social específico, produz linguagens e discursos que visam a manutenção da dominação. Os memorialistas, vinculados aos grupos sociais dominantes, narram a história da cidade em uma espécie de epopéia que justifica a ordem vigente, de modo que o futuro fique preestabelecido. Ambos se valem das representações dominantes para consolidar o imaginário e as práticas empreendidas.

Por fim, a materialidade das imagens dominantes que confirmam o discurso são discutidas no terceiro capítulo. A imagem urbana desperta as sensibilidades, ativa a memória e consolida os ideais porque os grupos sociais deixam nela registrado sua identidade, suas interpretações que dão sentido ao mundo. Em constante mutação, a imagem urbana é polissêmica e permite que entendamos o urbano, a cidade, em sua multiplicidade de significações no decorrer da trajetória histórica. Encerram nossa análise as impressões dos sujeitos sociais que participaram da construção da cidade, na primeira metade do século XX, formando um imaginário hegemônico que garante a dominação e não permite que outros projetos de cidade possam ser viabilizados.

Capítulo I

ASSENTANDO AS BASES:

A Constituição do Imaginário do Progresso

Estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica.

(Jacques Le Goff – *O imaginário medieval*)

1.1. Para Pensar a Cidade – referencial teórico- metodológico

Alguém que deseje conhecer a cidade de Uberlândia obterá, informações do tipo: tem ritmo de metrópole e qualidade de vida de interior. É a terceira cidade de Minas Gerais, com população de 500.488 habitantes, segundo o censo IBGE 2000. Dotada de uma boa malha rodoviária, posto que a cidade é cortada por seis rodovias⁽¹¹⁾, atende um mercado estimado em mais de três milhões de consumidores em que predominam as atividades do setor terciário (comércio e serviços), mas, também possui significativas atividades agropecuárias.

Diante desse quadro, pintado com cores esfuziantes na imprensa, folhetos da administração pública, publicações de empresas locais, e cantado com júbilo pelos cronistas, poetas, músicos e memorialistas locais, poderíamos indagar sobre sua veracidade porque se, por um lado, a ânsia de progresso permitiu à cidade um grau de desenvolvimento superior às demais cidades do Triângulo Mineiro, por outro alijou do processo, outros projetos de cidade, outros sujeitos. E sendo o imaginário uma estratégia para o exercício do poder, é de fundamental importância produzir imagens e discursos para torná-lo inteligível, assegurando-lhe legitimidade. E, nesse aspecto, a classe dominante de Uberlândia revelou-se bastante competente criando uma cidade à sua imagem e semelhança e, concomitantemente, silenciando as vozes dissonantes e ocultando as mazelas, a ponto de um autor anônimo afirmar: *Uberlândia, a terra que Deus fez e perdeu depois a receita.*⁽¹²⁾

Considerando que a cidade é mais que o aparato material e racional, pois abriga, em seu seio as subjetividades e as representações que dão sentido ao mundo, elegemos Uberlândia como objeto de análise. Nascida sob os auspícios do progresso, para sustentar sua aspiração de cidade moderna e progressista forjou-se um imaginário que, em grande medida, direcionou (e direciona) as ações sociais e políticas. Assim, a constituição desse imaginário e as representações que lhe garantiram legitimidade são as preocupações desse trabalho.

¹¹ Sob esse aspecto, a cidade é apontada como estando no coração do Brasil e, por isso, inserida no maior complexo logístico do hemisfério sul.

¹² Jornal *CORREIO*. 07/08/1955. N°4210. Ano XVIII. p. 1

Uma cidade harmônica em que tudo concorre com seu desenvolvimento pode até ser o desejo de muitos, porém escamoteia a multiplicidade. A cidade não é única, ela é múltipla. No interior da cidade, há várias cidades (concretas ou apenas idealizadas). E pensá-la em sua multiplicidade não é uma tarefa fácil. Uma das opções de análise é apontada por Anny Silveira que considera a cidade como um texto que se dá a ler em seus diversos espaços que, em constante (re)escrita, possibilita diferentes leituras e interpretações. *O livro da cidade é algo como um labirinto, que possibilita múltiplos caminhos, não necessariamente convergentes*⁽¹³⁾. Ela não é somente concreto, é feita de *pedra e sensações, desejos, criações, intenções, experiências...*⁽¹⁴⁾, ficção e representação. As intervenções no urbano são resultado das práticas sociais da vida cotidiana, conferindo-lhes sentido, dando materialidade ao simbólico, ao imaginário. Nesse sentido, compreender o imaginário implica compreender as imagens passadas que fazem a cidade ser o que é, e, ao mesmo tempo, o que deseja ser. Sendo assim, quando se procura a cidade antiga (a cidade velha) vê-se que está quase apagada, a cidade cresceu e se expandiu, e a parte velha foi reapropriada, remodelada. A cidade está destinada a ser sempre nova, de modo que os símbolos da cidade são continuamente reformados, instituídos. A reconstrução da cidade se dá pelo fato de as representações e apropriações serem plurais.

E por considerar a cidade nesse exercício de constante (re)escrita, buscamos entendê-la, atentando para a multiplicidade das representações e a complexidade de seu imaginário que revela as experiências dos sujeitos sociais nela inseridos, as relações estabelecidas e, por conseguinte, como fazem história.

O estudo do imaginário foi relegado no Ocidente, a partir do avanço do pensamento racional e científico que adotou o cientificismo como critério de verdade, ao passo que o imaginário seria ilusão, fantasia, algo não sério. A atenção ao domínio do imaginário deve-se à constatação de que a vida do homem e das sociedades está ligada a imagens como a realidades palpáveis; e essas imagens, por sua vez, não se restringem à produção artística e iconográfica, abarcam o universo das imagens mentais e conduz os sujeitos à ação. As imagens são a materialização dos anseios e propósitos dos sujeitos engendrando o imaginário das sociedades. Dedicando especial atenção ao imaginário, Le

¹³ SILVEIRA, Anny Jackeline T. “Acerca da leitura das cidades” In: *Varia História*. Revista do Departamento de História da UFMG. n°16. Belo Horizonte: UFMG, Setembro/1996. p.81

¹⁴ Idem. p. 87.

Goff afirma que é ele que incita os homens à ação, *o imaginário alimenta o homem e fá-lo agir*⁽¹⁵⁾. O imaginário, em grande medida, é a manifestação da parte “irracional” da história. Ele busca o inconsciente, suscita imagem, e é arrastado pela fantasia. A ação dos sujeitos está imbuída de significações, estas que lhes são atribuídas consoante o seu universo mental, exprimindo-se em discurso/ação, materializando e dando visibilidade a seus anseios e a sua forma de conceber o mundo. E ao historiador interessa as imagens coletivas que circulam nas sociedades através das gerações, ressaltando que sua “utensilhagem” de análise deve ser forjada conforme as estruturas mentais dos sujeitos analisados, e vice-versa. *Uma história sem o imaginário é uma história mutilada e descarnada. Estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica*⁽¹⁶⁾. É, portanto, fundamental tratar os documentos com a devida especificidade que possuem, pois informam, não somente, acerca de uma dada realidade mas são, em si, uma realidade histórica. Assim, todo documento contém imaginário, exprime uma imaginação da cultura, do poder.

O imaginário, segundo Le Goff, tem sido confundido com outras noções vizinhas: representação, símbolo e ideologia. Necessário se faz uma distinção. Embora o imaginário faça parte da representação, nem toda representação nele está inserida. O imaginário avança, é arrastado pela fantasia. A representação, por sua vez, é um processo de abstração intelectual, configurações que conferem sentido ao mundo, o primeiro é a materialização desse processo. *O imaginário pertence ao campo da representação mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra.*⁽¹⁷⁾

O símbolo exprime uma correspondência entre um objeto e outro, espelha o referencial sem ultrapassá-lo. Já o imaginário se sobrepõe ao referencial sem a necessidade de eximi-lo. Por fim, ainda que imaginário e ideologia possuam imbricações, ambos se distinguem pois que o segundo tende a impor à concepção de mundo um sentido de mascaramento que legitima as formas de dominação.

¹⁵ LE GOFF, Jacques. “Prefácio da 1ª edição.” In: *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. p.

16.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Ibidem. p. 12

Imagem, imaginação, imaginário possuem uma mesma matriz, não obstante apontam significações diversas. Em latim, a raiz é *imago*, designa imitação; no grego, o termo equivalente é *ícone*, ou seja, fantasia. Desse modo, a imagem é a ausência, ilusão, mas, paradoxalmente, confere aparência de realidade⁽¹⁸⁾. Essa relação imagem e real suscita uma problemática, qual seja, como a imagem pode reivindicar ser quase-realidade e/ou realidade?

Observando que o imaginário orienta e dirige as práticas da vida coletiva, Baczko discute a associação tecida entre imaginação e política, e o imaginário e o social⁽¹⁹⁾. Segundo ele, o imaginário é uma das estratégias de exercício do poder que ao se apropriar dos símbolos e representações coletivas garantem a dominação. O imaginário social fornece pontos de referência nos quais a coletividade designa sua identidade, seus códigos, modelos e sua razão de ser.

O imaginário não está fora do real, não é autônomo, é um elemento constituinte e constituidor do real, que se constitui a partir das experiências e das motivações dos sujeitos, dotando-os de identidade e hierarquizando a sociedade. Sendo uma das respostas aos conflitos e lutas de representações, isto é, uma das forças reguladoras da vida coletiva e das relações nela estabelecidas, elabora seus meios de difusão, forma seus “guardiões” e garante legitimidade ao poder.

De estrutura complexa, intervém em inúmeros níveis da vida coletiva, podendo, ao mesmo tempo, unir e distanciar ações e sujeitos sociais. Uma sociedade, ao construir seu imaginário social, elabora aquilo que anseia confirmar, cria símbolos, imagens, linguagens que são decifráveis apenas no interior de seu contexto, não havendo unanimidade de interpretação pois as apropriações do real são diferenciadas. *O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações coletivas numa linguagem.*⁽²⁰⁾

O controle do imaginário assegura a orientação das aspirações e a consecução dos objetivos, visto o imaginário operar com projeções futuras. Outro aspecto ressaltado é que o imaginário social não funciona isoladamente, mas em relações com outros imaginários, empregando linguagens diversas para se exprimir. Nesse ponto, Baczko afirma que as

¹⁸ Essa reflexão foi feita a partir do seminário da Prof^ª. Dra. Jacy Alves de Seixas, apresentado no Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política – NEPHISPO em junho/2000.

¹⁹ BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social” In: *Enciclopedia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1985.

²⁰ Idem. p. 31

idades são projeções de imaginários sociais no espaço e ao organizar esse espaço atribui determinados lugares ao poder, explorando-lhes a carga simbólica como, por exemplo, o centro que se opõe à periferia. A periferia é a parte disforme que não deve ser exibida porque desprovida de inúmeros recursos, é habitada por pessoas de baixo poder aquisitivo, ao passo que no centro se localizam os maiores investimentos, é o espaço de circulação e reprodução do capital.

O domínio do imaginário implica uma gestão do simbólico, este que integra e assegura a inteligibilidade e reprodução do mundo social. Essa análise é corroborada por Bordieu para quem os sistemas simbólicos asseguram e legitimam a dominação à medida que são estruturantes e estruturados pelas relações de sentido, ou seja, o poder simbólico se exerce na proporção em que é reconhecido e acreditado como legítimo, numa forma transfigurada e legitimada das outras formas de poder.⁽²¹⁾

Nesse sentido, a cidade e as relações nela tecidas devem ser consideradas enquanto produção de seu imaginário e das apropriações dos sujeitos que nela habitam, fazendo-a múltipla de significações e significados que legitimam as práticas sociais.

Ao contemplar a cidade, a primeira experiência usufruída é o impacto visual, e sua materialidade possibilita uma sensibilidade ambígua de fascínio e medo pois que a cidade é dinâmica, mutável; é o espaço por excelência das transformações, ou seja, do progresso e da história. Camaleônica, as metamorfoses urbanas surpreendem e nem sempre as experiências visuais são agradáveis. Local de renovação, na cidade há um constante (re)construir como que na tentativa de renovação que se afigura como positiva, o impacto das transformações aparece como necessário pois as formas de representação da cidade são elaboradas consoante ao projeto político vigente. As imagens e representações constituem-se a partir do acúmulo de análises do urbano, guiando e orientando sua observação e as práticas sociais e políticas.

A formação de saberes sobre a cidade teve em vista a mesma enquanto questão urbana, passível de intervenção e remodelação de forma que antigas tramas de sociabilidade são desfeitas para ceder espaço ao imperativo do progresso, da eficiência. É o nascimento do urbanismo como domínio do saber, um olhar analítico e classificador, que possibilita implodir o velho, planejar e racionalizar o novo, como um laboratório,

²¹ BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

controlando o caos e permitindo a formação de uma cultura urbana em que o sujeito é percebido em suas representações e imagens que confere à cidade.⁽²²⁾

Diante do novo espaço, doravante denominado urbano, surge uma nova sensibilidade: o mundo exterior organiza a vida privada, o progresso técnico vence a natureza, alteram-se as relações sociais e culturais, a sociedade deixou o campo e se tornou urbana e industrial.

R. Williams assevera que a experiência da cidade surge em oposição ao campo. "Campo" e "cidade" são palavras poderosas pelo que expressam na vivência das comunidades humanas. Campo é o significado da palavra inglesa 'country' que também pode significar país, local em que ocorrem as realizações humanas, e uma dessas realizações é a cidade, forma distinta de civilização. Em torno dessas comunidades, associaram-se, cristalizaram-se algumas imagens. Campo: forma natural de vida, paz, inocência. Cidade: centro de realizações e negativamente ambição, mundanidade. De imagens contraditórias, a realidade, porém, é variada. O campo, ao longo do processo histórico, conheceu diferentes formas de vida: caçadores, pastores, fazendeiros, empresários, agroindustriais. As formas de vida no campo e na cidade obedecem à historicidade do momento, possuem especificidade e desdobramentos; entre campo e cidade há o subúrbio, a favela. Não há o absoluto. A cidade pode ser centro religioso, comercial, base militar, pólo industrial. Apesar das diferenças entre campo e cidade persistem certas imagens e associações.

Na obra *O campo e a cidade – na História e na Literatura*, Williams⁽²³⁾ parte da literatura inglesa para analisar a experiência do urbano e rural pelo fato sintomático da Inglaterra ter enfrentado muito cedo transformações nas estruturas campo e cidade devido a Revolução Industrial. Essa revolução propiciou o desenvolvimento do capitalismo agrário que enfraqueceu o campesinato tradicional. Na fase imperialista, a importância da

²² As reflexões aqui elaboradas se ancoram nas análises de Maria Stella Bresciani nos artigos abaixo elencados:

“História e historiografia das cidades, um percurso” In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. pp. 237-258; “Lógica e Dissonância - Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária”. In: *Revista Brasileira de História*. (V.6, nº11). São Paulo: ANPUH, set.1985/fev.1986. pp. 7-44; “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)”. In: *Revista Brasileira de História*. (V. 5, nº8/9). São Paulo: ANPUH, 1984/1985. pp. 35-68; “Cultura e História: uma aproximação possível”. In: *Cultura, Substantivo Plural* (Ciência Política, História, Filosofia, Antropologia, Artes, Literatura). São Paulo: Editora 34, 1996. pp.35-53.

²³ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade – na História e na Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

agricultura doméstica tornou-se quase nula. E com isto a Inglaterra foi o primeiro país a ter uma população predominantemente urbana. Destarte, essas transformações ao longo dos séculos XVII a XIX, a literatura inglesa permaneceu basicamente rural. Mesmo no século XX persistem formas de antigas idéias e experiências rurais. A relação campo e cidade, afirma o autor, deve ser pensada considerando sua historicidade, pois cada perspectiva de análise encerra um tipo de abordagem e uma modalidade de discurso.

Na Inglaterra do século XVIII, as propriedades estavam concentradas. Porém, à medida que as relações sociais iam sendo alteradas, as transformações e organização da terra iam se tornando dominantes ocasionando modificações nas concepções de mundo, uma espécie de “*ética de melhoramento*”⁽²⁴⁾. Doravante, o campo passou a segundo plano enquanto a cidade foi exaltada. O rápido processo de expansão e transformação da cidade implicou para os sujeitos sociais uma alteração em suas formas de percepção do mundo. O campo é percebido como refúgio, lugar de descanso e regeneração física e espiritual; a cidade é movimento, modernidade, ápice da experiência humana. *A experiência urbana se generalizava tanto que qualquer outra forma de vida parecia quase irreal, todas as fontes de percepção pareciam começar e terminar na cidade, e, se havia alguma coisa além dela, estaria também além da própria vida.*⁽²⁵⁾

Novos modelos de cidade, apontando para o futuro, surgiram em meio a crise e grandes transformações no urbano. Na proporção em que a crise urbana se agudizava, a vivência urbana se espalhava pelo mundo em grande voracidade, ora em visões esplendorosas, ora em visões apocalípticas. As ficções de cidade do futuro interagiam com o anseio bucólico, isto é, a cidade do futuro deveria ser avançada, desenvolvida; mas, ao mesmo tempo, acolhedora, planejada detalhadamente a fim de oferecer boa qualidade de vida a seus habitantes, haja vista que o urbano era considerado como forma superior de vida.

Campo e cidade são realidades históricas em transformação e é importante saber explicá-los em termos relacionados em suas mudanças e persistências, isto é, em sua historicidade. Não basta apontar, ou negar as concepções acerca do campo ou cidade (geralmente opondo os pares atraso/avanço, idiotia/corrupção, respectivamente), é preciso averiguar as experiências que a idéia interpreta e o porquê da persistência de traços rurais no mundo urbano; mister é confrontar as realidades históricas, porque como assevera

²⁴ Expressão utilizada por R. Williams que designa uma ideologia do melhoramento - da transformação e organização da terra para efetivação das novas relações sociais capitalistas. Op. cit. p.89

²⁵ Idem. p. 316.

Williams: *Projetar lembranças de infância, ainda que verdadeiras, como representações da história, sem qualquer ressalva, gera grandes confusões.*⁽²⁶⁾

Como espaço de urbanidade e sociabilidade, a cidade é sinônimo de revolução porque possibilita uma aparência de liberdade e realização. De raiz latina – *urbs* – cidade significa polidez. Fora da cidade está a barbárie, daí o desprezo pela vida rural e pelo camponês. A cidade é pólo de civilização, cultura, educação, bons costumes e elegância.

No caso dos países de colonização ibérica, Rama descreve que, desde a conquista, as cidades latino americanas caracterizaram-se pelo desejo de ordem. O conquistador desejava criar um mundo novo, sem reproduzir o mundo europeu medieval. *Mais do que uma fabulosa conquista ficou comprovado o triunfo das cidades sobre um imenso e desconhecido território, reiterando a concepção grega que opunha a pólis civilizada à barbárie dos não urbanizados*⁽²⁷⁾. A cidade real cedeu lugar à cidade das letras. No interior da cidade americana, havia uma cidade letrada que garantia a ordem: religiosos, administradores, educadores, servidores; representando a ação racionalizadora das classes dirigentes no afã de conquistar o futuro e garantir a dominação.

O urbano pode ser pensado enquanto representação, o que significa dizer que a cidade real abriga em si outras cidades que não são menos reais que a que dispõe concretamente. A cidade abriga as utopias, as pulsões inconscientes, as vontades que vão se incorporando na trajetória histórica. Essas “cidades” podem ser percebidas nas representações e imagens que os sujeitos lhe imprimem, sendo que cada uma dessas representações é como uma palavra tornando a cidade *como um murmúrio de vozes diversas*⁽²⁸⁾. E em cada representação da cidade é perceptível uma dupla face em que se articulam o racional e as subjetividades buscando a hierarquização social.

Essa forma de imaginário bastante ufânica não é característica somente de Uberlândia. A partir do século XIX, a cidade passou a ser tratada como problemática que exigia respostas às novas demandas de uma sociedade capitalista. Ou seja, historicamente a cidade tal qual a conhecemos surge com o capitalismo.

Conforme Pesavento, para o imaginário ocidental há quatro modelos de cidade: Jerusalém, a cidade sagrada; Babilônia, a cidade maldita, pecadora; Roma, a cidade legal,

²⁶ Ibidem. p .398.

²⁷ RAMA, Angel. *Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 32

²⁸ SILVEIRA, Anny Jackeline T. Op. cit. p. 79

fonte de autoridade; e Bizâncio com sua aura de sacralidade e mistério⁽²⁹⁾. No entanto, dentre as cidades modernas, Paris é a primeira cidade a sofrer intervenções no sentido de adequá-la aos novos anseios sociais, políticos e culturais sendo, posteriormente, seu modelo copiado em quase todos os países do mundo.

O ideal de planejamento urbano no Brasil do início do século XX fundamentou-se no ideal positivista de cientificismo, ordem e progresso e a França constituiu o modelo a ser seguido. O padrão de urbanismo francês foi alicerçado nas idéias de progresso, modernidade, estética e arquitetura apuradas proporcionando à cidade uma imagem bela, requintada e aprazível à vista e exigindo amplas e extensas avenidas, em um traçado retangular que evitasse espaços estreitos. A contribuição francesa esteve presente na formação de urbanistas como Saturnino de Brito e na importação de técnicos para planejarem e intervirem no espaço das cidades. E sob a égide do padrão francês foram modeladas a capital do país, Rio de Janeiro, e diversas outras cidades brasileiras. Dentre elas, Uberlândia.

Paris é a cidade sobre a qual mais se escreveu, sendo uma cidade polissêmica e polifônica, pois, num contexto de transformação, o arcaico se choca com o novo, o progresso com a tradição fazendo da cidade o paradigma da modernidade, devido às inúmeras representações literárias, artísticas e urbanísticas construídas a seu respeito que ultrapassaram as demais metrópoles modernas.

No início do século XIX, a cidade, ao mesmo tempo que identificava o mais alto grau de civilidade, era associada à barbárie pela contradição subjacente ao seu interior. Após a constatação dos problemas urbanos, foram realizados estudos no sentido de implementar reformas técnicas, higiênicas e estéticas para conter o crescimento, criando o que se chamara o mundo elegante da burguesia. Por que não retirar o feio para ceder lugar

²⁹ PESAVENTO. Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade. Visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p.165

ao belo? As reformas foram iniciadas por Luis Felipe de Orleans (1831) e intensificadas por Luis Napoleão Bonaparte (1848) que é substituído por Haussmann, em 1853. O ideal de cidade estava assim expresso: *A grande cidade é aquela que irradia a cultura, a civilização, a novidade e a informação, onde se cruzam e entrecruzam toda sorte de gente e atividades e onde seu povo se caracteriza pelo que se chamaria a ‘urbanidade’ das atitudes.*⁽³⁰⁾

Quando Georges-Eugène Haussmann, o barão, começa a administrar Paris, a cidade já era centro mundial de cultura, civilização e agitação social e política e as intervenções urbanas, em curso desde o século XVIII, procuravam eliminar os elementos de tensão, evitando os conflitos sociais. Na realidade, as intervenções de Haussmann foram uma tentativa de racionalização do espaço e da política, sem um plano estratégico e específico de urbanização. Foi nessa gestão que se consolida a imagem e a identidade que extrapola até ao imaginário social da cidade. Não obstante, um desafio se impôs: como equilibrar as forças do progresso e a preservação da memória e das tradições (coletiva e individual), pois que a alteração do espaço urbano implicava a alteração da identidade?

Identidade é a construção simbólica que estabelece uma comunidade imaginária de sentido, fornecendo referências no mundo e uma sensação de pertencimento. A formação identitária da cidade é resposta às inquietações e aos desejos dos sujeitos. Ela lida com a “cidade do desejo” e a “cidade do possível”, o que implica pensar a cidade como problema. Como num jogo de espelhos, a cidade moderna vale pela nação – da cidade maravilhosa ao país das maravilhas – eis, o sonho brasileiro para o

³⁰ Idem. p. 59

Rio de Janeiro no ofuscar do século XIX e início do XX. *A imagem do outro lado do espelho era, em tudo, melhor do que o mundo do lado de cá*⁽³¹⁾. A cidade como materialização da idéia de modernidade fornece referência para pensar o todo. E o efeito da representação é que faz com que expresse o desejável. Desse modo, a cidade passa a valer pela nação e ainda que o resultado não tenha invalidado a força da construção imaginária - uma nova Paris nos trópicos - foi necessário reformular a concepção de sociedade, sepultando e superando os traumas escravistas – a imagem do espelho não era a desejada.

Renascer, num processo de recriação da identidade nacional talvez pudesse sanar nossos 'males de origem'. (...) Um detalhe da transformação urbana iria projetar no espelho a cidade moderna desejada, e esta operaria como emblema da nação. Da cidade maravilhosa, a força da representação tornaria real um país das maravilhas.⁽³²⁾

A reconstrução da capital federal, então, não invalidou a construção do imaginário que se legitima pela crença e não pela autenticidade. Embora o Rio de Janeiro não tenha nascido de uma parto de inteligência urbanística, a partir da segunda metade do século XIX, começaram as preocupações com a estética urbana. A identidade desejada apontava para a Europa, e sob influência do que se poderia denominar de modelo haussmanniano, o presidente Rodrigues Alves, o ministro Lauro Muller, e o prefeito Pereira Passos empreenderam a remodelação da cidade. As intervenções no espaço não se resumiam ao traçado, alcançou as sociabilidades e valores do povo estampadas em um confronto entre ordem e desordem, público e privado, tudo com vistas a fazer do Rio de traço colonial, uma metrópole moderna digna de ser vivida e visitada.

Pechman é um dos autores que analisa a imagem urbana do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX, e aponta que há uma dualidade em que o passado é apresentado como atraso, sendo o presente institucionalizador de uma nova

³¹ Ibidem. p.227

³² Ibidem. p. 160.

história. Segundo ele, a partir de 1870 os problemas urbanos da capital do país se avolumavam à medida que a cidade crescia e se desenvolvia. A remodelação do Rio de Janeiro, capital da República, tornou-se uma questão nacional; o progresso do país seria possível se sua capital fosse saneada, reurbanizada conforme os princípios do trabalho livre, progresso e modernidade⁽³³⁾.

A deterioração das condições sanitárias da cidade engendrou, nos primeiros anos do século XX, uma política sanitarista como meio de controle do espaço urbano e da moradia do pobre, através de um discurso em que se opunham feio e belo, sujo e limpo, saúde e doença, morte e vida, desordem e ordem. Por trás dessa intervenção nas condições sanitárias havia uma crítica à sociedade tradicional que passa a ser identificada como atraso em uma dualidade atraso *versus* moderno, visto, naquele momento, a modernidade ser o fundamento das novas relações sociais capitalistas de uma sociedade que estava em vias de abandono do sistema escravista, o tradicional.

A “velha” sociedade estava fundamentada em práticas sociais insalubres do ponto de vista estético e moral, e era imprescindível eliminar qualquer vestígio de desordem, criando uma nova imagem de ordem, disciplina e higiene. O espaço urbano deveria reunir os atributos e condições necessárias à saúde, à moralidade, à organização do corpo físico e social. Para a nova classe dominante que chegava ao poder, a burguesia cafeeira, o Rio de Janeiro não era nenhuma cidade modelo, dantes não espelhava sua imagem e desejo, ameaçando seus projetos políticos e econômicos. Era preciso criar uma nova cidade à sua imagem e semelhança. Especialistas elaboraram planos para construção de uma nova urbanidade e nova sociabilidade. Enquanto o Estado executava-os, cabia a população obedecer. O objetivo era educar os indivíduos para viverem em uma nova sociedade.

A capital mineira não fugiu à regra. O acanhado arraial Curral d’El Rei em apenas quatro anos (1894-1897) transformou-se na moderna Belo Horizonte.

Belo Horizonte foi planejada e executada sob o signo da modernidade, consoante aos novos tempos que se abriam à República. Conforme Silveira, as

³³ PECHMAN, Robert Moses. “Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade.” In: *História e Cidade*. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992. pp.33-42.

mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XIX pautava-se na necessidade de dar uma aparência moderna a comportamentos, práticas e lugares à semelhança das nações européias. Em Minas, discutia-se a transferência da capital da província pois a imagem de Ouro Preto tornara-se arcaica, provinciana.

Era necessário criar uma cidade que fosse mais consoante aos novos tempos que se abriam à nação republicana. Talvez se pudesse mesmo dizer, uma cidade que funcionasse, ela mesma, como mais um elemento contribuinte na constituição dessa mesma nação.

Já aqui é possível identificar a força com que a idéia de moderno se inscreve na criação e na história da nova cidade: moderno igual a novo (república) em oposição a antigo (império). Constituição de uma nação/cidadão (Belo Horizonte) em oposição à colônia/súdito (Ouro Preto).⁽³⁴⁾

A transferência da capital expressaria a transformação de Minas Gerais em um estado moderno. A escolha do local para construção de uma nova cidade obedeceu a princípios políticos e não aspectos geográficos como a topografia do terreno, vias de acesso. O projeto da futura capital foi concebido antes mesmo de ser definido o sítio em que a mesma seria construída, visto que o Arraial de Curral Del Rei possuía precárias condições, sendo conhecido como “cretinópolis” e “poeiropólis”. Essa definição revela, segundo Ribeiro e Cardoso, uma crença na capacidade e no poder da ciência em adequar o mundo às necessidades humanas.⁽³⁵⁾

Como cidade planejada, Belo Horizonte trouxe em si, ainda com maior intensidade, o desejo de

³⁴ SILVEIRA, Anny Jackeline T. “Imagens destoantes: a moderna capital de Minas” In: *Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Campinas: Out/1998. 1. p.1, 3 Da mesma autora ver: “As ruas e as cidades” In: *Cadernos de História*. V.2, n.3 . Belo Horizonte: PUC/MG, Out/1997, pp. 29-35.

³⁵ RIBEIRO, Luiz César Q. & CARDOSO, Adauto L. “Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil”. In: *Cidade, Povo, Nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. pp.53-78.

modernidade, racionalidade, funcionalidade, eficiência e disciplina, retirando de seus sujeitos a possibilidade de escolha e autodeterminação, formatando um “viver moderno”. As imagens criadas, afirma Silveira, parecia não comportar outra coisa que não o discurso daqueles que a conceberam, visto que o discurso técnico é um discurso de poder, daí o traçado geométrico rígido, os tamanhos prefixados, as formas estéticas.

Para acomodar os sujeitos aos papéis sociais, inúmeras estratégias foram utilizadas. Na capital mineira, os estabelecimentos de cafés constituíram um dos principais espaços do encontro e da sociabilidade, notadamente nas décadas de 30 e 40 do século XX. Sob esse pressuposto, a autora assevera que a idéia sobre o que era civilizado e moderno filiava-se aos modelos europeus, sendo possível identificar, através dos cafés mineiros, um projeto de ordenamento social.

Através deles foi possível apontar que, se a cidade planejada revelava um projeto de ordenação social, seus lugares de civilidade, e entre eles, em especial, os seus estabelecimentos de café, cumpririam um papel dentro deste mesmo projeto: disseminar hábitos, modas, normas e costumes finos e de bom tom, e nesse sentido, intervir e regular a vida dos habitantes da capital segundo os padrões burgueses escolhidos por sua elite e divulgados através de alguns de seus cronistas.⁽³⁶⁾

A autora também aponta que se, por um lado, o discurso técnico é um discurso de poder sobre o espaço, as apropriações dos sujeitos são plurais. Os sujeitos (re)criam o espaço urbano, pois é o elemento humano que dá vida a esse espaço. O planejamento é como uma mensagem inaugural, que

³⁶ _____. “O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital” In: *BH – Horizontes Históricos*. Belo Horizonte: Com Arte, 1995. (119-182) p. 171

define a *priori* os caminhos a percorrer, mas não é a cidade. Ela é apropriada e reconstruída continuamente, os sujeitos resistem e constroem seus próprios caminhos. E do mesmo modo que os sujeitos escrevem diferentes imagens da cidade, o espaço urbano vislumbra cidades diversas.

Diante desse quadro, em que as grandes cidades buscam demonstrar grandiosidade, Uberlândia não foi uma caso estranho. Se a capital do país, seu principal cartão de visitas, deveria refletir os auspícios do progresso e modernidade, Uberlândia que se emancipou no final do século do século XIX, mesmo momento de visibilidade das grandes cidades brasileiras; abraçou esse objetivo com fervor. Objetivo que só poderia ser alcançado se fosse abraçado pela sociedade como vontade coletiva. E aqui a formação de um imaginário social e político foi assaz importante.

1.2. O Caminhar nas Sendas do Progresso

Na verdade, o sonho de se fazer “grande” e radiosa nasceu com Uberlândia. Acanhado, o pequeno povoado nasceu no século XIX, às margens do córrego São Pedro e, aos poucos, foi se desenvolvendo tornando-se a Uberlândia dos sonhos, sonhos acalentados por seus habitantes, notadamente os elementos dos grupos sociais dominantes que se preocupavam em investir na cidade, e, também, atrair investidores, a fim de fazê-la próspera, moderna, bela. Desde pequenina, possuía intenções as mais grandiosas. Não bastava

ser uma dentre as muitas cidades da província de Minas Gerais, o sonho era ser uma grande cidade, uma das mais bonitas e desenvolvidas depois da capital.

Para a ocupação do território, ao sesmeiro João Pereira da Rocha foi concedida sesmarias em 1821, fixando aglomeração no território. Nesse ínterim a família Carrejo adquiriu possessões e o núcleo de povoamento se expandiu. Um dos membros da família, Felisberto Alves Carrejo, construiu a primeira capela, Capela Nossa Senhora do Carmo, oficializando, em 1852, a existência do arraial que recebeu o nome de Arraial de Nossa Senhora e São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha.

Ainda que o ideal de modernidade e progresso estivesse impregnado no imaginário das cidades brasileiras, principalmente a partir do final do século XIX, é pertinente salientar que o nascimento das cidades no Brasil está ligado ao relacionamento entre o Estado e a Igreja, esta que exercia um papel político e social, normativo e institucional. Geralmente, a aglomeração humana se dava ao redor de um templo ou capela, que era a garantia de auxílio mais próximo, de serviços institucionais (registros de nascimento, batismo, casamento) e eclesiásticos.

À medida que ocorria o reconhecimento das categorias eclesiásticas para uma construção, quais sejam capela, paróquia e matriz, o reconhecimento civil do povoamento era simultâneo, ou seja, a construção da capela sinalizava o povoado, a paróquia designava o arraial e, por fim, a matriz identificava a freguesia. Dessa relação Estado – Igreja na constituição da cidade no Brasil, Marx assevera que o rural é instituído do urbano. As sesmarias, ao serem conferidas a donatários que dispusessem de meios para desbravar, povoar e colonizar o interior do país possibilitaram a formação do embrião do urbano⁽³⁷⁾. A construção da capela implicava o adensamento de população e a

³⁷ MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de quem?* São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1991. (Coleção Cidade Aberta).

garantia de atenção do poder administrativo. Um dos primeiros requisitos para a oficialização de uma capela era que o local pretendido não fosse despovoado, fato que para a Igreja era rentável porque os interessados em habitar nas proximidades da capela deveriam pagar a manutenção do templo, isto é, aquisição dos paramentos (ornamento, vestes litúrgicas, materiais para celebrações), imagens de santos, limpeza; bem como a assistência eclesiástica e civil.

Embora obtivessem o reconhecimento administrativo, os primeiros núcleos “urbanos” do país padeciam com o descaso das autoridades, ausência de infra-estrutura, sem preocupação com a configuração do espaço, predominando a tradição sinodal (em torno da igreja). Com o adensamento e crescimento desse primeiro núcleo “urbano”, a freguesia ganhava o *status* de vila.

A criação de uma vila teria que atender algumas exigências: ocupação anterior do território, a área assistida pela matriz deveria contar com outros arraiais comprovando não se tratar de um lugar ermo, delimitação das fronteiras, designação da sede do município, determinação dos logradouros públicos (cadeia, câmara, fórum). Após a legitimação da vila ou sede de comarca, a categoria almejada era cidade e esta obedeceu mais a razões geopolíticas que o crescimento e desenvolvimento urbanos.

De semelhante modo, o povoado que se originou Uberlândia, galgou a categoria arraial em 1852 quando da construção da capela, período em que sua sede administrativa e eclesiástica era Uberaba. Em

seguida, ocorreu o reconhecimento de freguesia com a demarcação do patrimônio em 1857. De aspecto disforme e configuração espacial descontínua, a freguesia de São Pedro de Uberabinha estava intimamente ligada à existência da igreja, mas possuía ambições ousadas que implicava o abandono da origem rural.

As casas foram construídas sem ordem de alinhamento, estendendo-se mais a população para os lados dos córregos. As melhores construções ficavam no largo da igreja. Servia de cemiterio do arraial uma faixa de terra cercada ao redor da capela. Sepultavam-se aí os mortos e também no recinto da capela.⁽³⁸⁾

Essa forma de ocupação e construção deu à localidade uma aparência um tanto tosca, as ruas eram estreitas e sem planejamento, visto serem nascidas de antigas trilhas de caminhantes e as construções sem alinhamento. Geralmente, o único referencial consistia em margear a igreja, pois que ali se davam não somente as práticas religiosas. Em seu entorno, concentravam-se as atividades comerciais, de lazer e sociabilidade.

Alcançando, na representação de seus sujeitos, considerável desenvolvimento, foi elaborado, pelo grupo dirigente, o projeto para alavancar o desenvolvimento da pequena Uberabinha que encaminhou, ao governo da Província de Minas Gerais, um manifesto descritivo, aspirando a criação do município e, por conseguinte, a elevação à categoria de vila. O teor do manifesto estava assim expresso:

A população consta de vinte mil almas mais ou menos. Contem 60 engenhos de serra, 9 olarias de telhas, 6 officinas de ferreiro, 14 officinas de sapateiro, 600 carros arreados em trabalho, 200 prédios, um cemitério obra de pedra aperfeiçoando uma matriz importante, contendo os paramentos; uma Igreja do Rosario em construção, 2 aulas de sexo masculino e feminino, 8 aulas particulares, 10 capitalistas, 9 negociantes de fazendas, 12 negociantes de generos do paiz, 1 fonte de aguas sulfurosas já acreditadas, 1 hotel bem montado, pedras de diversas qualidades e muitas madeiras de lei.⁽³⁹⁾

É perceptível, no manifesto, um tom de ufania, pois que descrevendo, com certa minúcia, o que a vila possuía, julga convencer seus

³⁸ ARANTES, Jerônimo. *Corografia do Município de Uberlândia*. Uberlândia: Ed. Pavan, 1938. p. 18.

³⁹ *Ibidem*. p. 20-1.

interlocutores de sua condição de desenvolvimento. Outro aspecto que pode ser destacado é que o manifesto refere-se apenas às atividades consideradas urbanas, como se cidade não se relacionasse com o rural, como algo diametralmente oposto entre si, e, por isso, indigno de menção. E diante dos esforços envidados, pela lei estadual de 31 de agosto de 1888, a então freguesia São Pedro de Uberabinha foi emancipada. Por fim, pela Lei nº 23 de 24 de maio de 1892 que elevava a categoria de cidade todas as vilas, sedes de comarca da província, consolidou-se a aspiração da futura Uberlândia, “princesa do Triângulo”, “Cidade Jardim”, “Metrópole do Triângulo”, adjetivos atribuídos à cidade no decorrer de sua trajetória histórica.

O Arraial de Nossa Senhora do Carmo de São Sebastião da Barra do qual originou Uberlândia, ficava à beira de um caminho. Veio a onda do Progresso, numa fúria implacável e transformou o cenário primitivo do povoado no belíssimo painel, retratando a formosa Uberlândia de agora.⁽⁴⁰⁾

Estava lançada a “sorte” para a realização de uma “odisséia de sucessos”. Como um vento que tudo arrasta em seu caminho, o progresso, como um artista a esculpir sua obra, foi moldando o lugarejo, tornando-o digno de admiração.

Ambos os documentos, acima mencionados, demonstram que as aspirações dos sujeitos uberabinhenses não eram acanhadas, os recursos que a pequena cidade possuía justificavam-nas de modo a sair do obscurantismo e se tornar “grandiosa”.

⁴⁰ _____. “A Sucupira Centenária” In: *Monografia de Uberlândia*. Rio de Janeiro: Ed. Universal Publicidade Ltda. 1957. p.41.

Os “pioneiros e bandeirantes”⁽⁴¹⁾ que desbravaram essa terra são lembrados na sua pretensão de construir uma cidade venturosa, mas não chegaram a vê-la. Os atuais cidadãos devem, portanto, levar adiante o “espírito bandeirante” e concretizar o objetivo primeiro. Essa constante afirmação de progresso acaba por mascarar a dominação de classe, pois o discurso forja uma imagem da cidade bastante idealizada negando os conflitos, tentando instituir uma memória do progresso e as vozes dissonantes, quando conseguem se fazer ouvir, são abafadas, permitindo saber que há manchas na imagem difundida.

Essa crença no novo, enquanto portador de melhorias, diz respeito à idéia iluminista de avanço do conhecimento que gera progresso, trazendo luz à ignorância. É o ideal, como indica Paolo Rossi, que julga estar contando com condições que gerarão o fim esperado⁽⁴²⁾. Expressões de acentuada “fé” no progresso são usuais na documentação pesquisada, revelando o recôndito dos sujeitos que fluía sem receios, estimulava os seus interlocutores e granjeava adeptos. Observe:

Isso aqui ainda vai ser capital!⁽⁴³⁾

Continue o povo de Uberabinha, na senda recta do progresso, com a boa vontade e patriotismo que vae abrilhando e terá juz a ser contado entre os logares que mais uteis são à si e à patria. Avante!⁽⁴⁴⁾

O futuro de Uberlândia está traçado – será sempre o ponto convergente de toda a zona que a cerca e como tal terá o seu desenvolvimento natural.⁽⁴⁵⁾

O surto vertiginoso de progresso desta cidade vem se acentuando, cada vez mais, não se detendo a sua marcha batida, par os seus destinos culminantes.⁽⁴⁶⁾

⁴¹ Expressão utilizada por um memorialista local, Tito Teixeira, para designar os primeiros moradores da cidade, aqueles que, segundo ele, com espírito aventureiro, ousaram acreditar que essa terra seria uma “grande cidade”.

⁴² ROSSI, Paolo. Op. Cit.

⁴³ SILVA, Antônio Pereira. *ACIUB em Revista*. Uberlândia: Gráfica SABE, 1983. p. 5. Exclamação atribuída ao Cel. José Theophilo Carneiro por ocasião da inauguração da rede de energia elétrica em 1909.

⁴⁴ Jornal *O PROGRESSO*. 06/06/1909. Nº 89. p.1.

⁴⁵ Jornal *A TRIBUNA*. 20/05/1934. Anno XV. Nº 794. p.1.

⁴⁶ Jornal *A TRIBUNA*. 30/06/1937. Nº 1117. Anno XV III. p.1

Alguns passos em direção ao progresso foram dados, caberia perseverar no mesmo ritmo que o futuro seria promissor. E sob alguma hipótese de desconfiar dessa teleologia, o discurso atuava como estímulo, declaração de verdade para afastar qualquer sombra de dúvida.

A primeira tentativa para a realização desse objetivo foi a construção da estrada de ferro Mogiana, na cidade, em 1895. À época, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação detinha concessões para trafegar por São Paulo, com extensões na região do Triângulo Mineiro. Havia um projeto de extensão até a província de Goiás com um traçado que passaria em Uberaba.

Uberabinha não se conformou. Para a Companhia Mogiana, a pequena cidade não era interessante porque representava fim de linha, no meio do cerrado, distante dos centros comerciais. Porém, em negociação, foram apontados os dividendos políticos e financeiros que a Companhia aferiria, e, demonstrados os atributos da cidade, marcadamente os políticos, como comprovação do mérito em abrigar o empreendimento, e também, as vantagens econômicas que dele adviriam, posto que representava a ligação da cidade com São Paulo. O progresso viria sobre trilhos.

A instalação da extensão da Companhia Mogiana em Uberabinha possuía mais benefícios políticos que econômicos⁽⁴⁷⁾. A cidade estaria ligada com outros centros, seria sua chance de revelar-se, tornar-se conhecida em outras paragens. E com habilidade política notável, os políticos locais convenceram os dirigentes da Companhia de sua viabilidade. Vê-se, também, que além de questões políticas e econômicas, questões emocionais estavam envolvidas. Quando os sujeitos se investiram de disposição para lutar

⁴⁷ O economista GUIMARÃES faz referência a instalação da Companhia Mogiana na região do Triângulo Mineiro afirmando que nos locais de sua implantação redefiniu o papel das cidades na divisão inter-regional do trabalho. O autor cita que a Companhia possuía um amparo legal que lhe garantia a rentabilidade de 7% ao ano sobre o capital aplicado, pela Lei provincial nº 18 de 21 de março de 1872. Ver GUIMARÃES, Eduardo. N. *Infra-Estrutura Pública e Movimento de Capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do Trabalho*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1990. (Dissertação de Mestrado).

pela extensão dos trilhos até o município, sentimentos e emoções tornaram-se explícitos. Valeram-se de inúmeros recursos, como a persuasão em uma retórica apaixonada, para convencer de que essa terra era realmente venturosa.

Já nos primeiros anos do século XX, o projeto político que pretendia alavancar a cidade além fronteiras regionais se intensificou, de modo que a construção do imaginário da cidade se tornou mais efetiva. Segundo Rodrigues, o desenvolvimento da cidade foi realizado concomitante ao processo de disciplinarização e ordenamento, estando os papéis sociais bem distribuídos:

Os políticos traçaram com seus projetos, os rumos a serem seguidos pela cidade. A polícia garantia o cumprimento dos projetos com sua autoridade. À imprensa coube um papel importantíssimo, o da difusão das idéias de trabalho ordem e modernidade, o tripé em que se assentaram as bases ideológicas do desenvolvimento econômico, político e sócio-cultural do município.⁽⁴⁸⁾

Ou seja, conquanto no interior da cidade haja múltiplas cidades, percebemos que há um projeto que se impõe porque possui meios que corroboram-no, evitando que seja malgrado. A documentação pesquisada revela a preocupação latente em expor as condições para o progresso da localidade e reafirmar os valores construídos.

Lancemos um olhar despretençioso sobre a vida activa e laboriosa desta ordeira e pacata cidade. O que vimos? O progresso em todas as ramificações da atividade humana manifestar-se em toda a sua iniciativa, sempre com tendências, com perspectiva as mais risonhas e esperançosas para esta rica e florescente zona.⁽⁴⁹⁾

Colocada em extenso platot, sobre elevada colina, de aspecto agradável, clima ameno e circundada pelas extensas e uberrimas matas dos rios Uberabinha e Rio da Velhas, já vantajosamente conhecidas e instantemente procuradas, acha-se esta cidade fadada a ser em próximo fucturo importante centro de indústria e

⁴⁸ RODRIGUES, Jane de Fátima F. “Nas sendas do progresso: trabalho e disciplina. Uberlândia, um percurso histórico”. In: *Cadernos de História Especial*. V.4, nº 4/ Uberlândia: Edufu, jan/1993. p. 12

⁴⁹ *Jornal A NOVA ERA*. 23/03/1907. Nº 12. p.1.

commercio, não só pelos dons naturaes com que a natureza lhe foi prodiga, como pela sua posição topographica.⁽⁵⁰⁾

Com grande satisfação vemos que Uberabinha cresce espantosamente e que dentro em pouco se transformará em uma das mais florescentes cidades de Minas e talvez a primeira do Triangulo em importancia commercial.⁽⁵¹⁾

Apresentar o progresso como elemento natural da cidade é o que transparece na primeira citação. Elementos que durante todo o século XX aparecem como explicativos do desenvolvimento da cidade, quais sejam, o trabalho, a ordem, o povo pacífico e de boa índole, aí já aparecem. Uma cidade dotada dessas qualidades só poderia contar com *perspectivas as mais risonhas e esperançosas*. Outrossim, poderíamos indagar: como seria esse olhar despretenhoso? O olhar que direcionamos a algum objeto investiga, primeiramente, a forma, as cores, a dimensão; após detectados esses itens, passa-se, em uma observação mais acurada, perscrutar os detalhes, as sinuosidades, as particularidades. Um olhar despretenhoso veria pequenas casas construídas de taipa, carros de boi rangendo tristemente, o rego d'água cortando a cidade, e, poucas pessoas caminhando pelas ruas esburacadas, enquanto crianças, ruidosamente, brincam. A vida passava vagarosamente na Uberabinha daqueles dias, e, para ver o *progresso em todas as ramificações da atividade humana*, o observador deveria ter um olhar bastante atento, lançando para o futuro a esperança, considerando cada item observado uma semente a germinar, pois que as limitações eram consideráveis.

Na segunda citação, a natureza é provedora das condições que possibilitam a cidade ser, ressalte-se, *em próximo futuro*, centro de indústria e comércio. À natureza está reservado o papel de provisão apenas, porque instituída do urbano, funciona como suporte para algo mais nobre; como um suporte abriga a jóia que está em processo de

⁵⁰ Jornal *A NOVA ERA*. 06/04/1907. Nº 14. p.1.

⁵¹ Jornal *O PROGRESSO*. 11/10/1908. Nº 56. p.1.

lapidação. Por último, o contentamento pelo crescimento alcançado atestava a profecia do progresso.

Uma característica presente nas três citações é a consideração de que o progresso é uma projeção, ainda não se efetivou, mas que todas as coisas apontam para sua concretização, seja a natureza, o trabalho, ou o espírito ordeiro da população. Tem-se a impressão de que só por um pouco de tempo, e o sonho tornar-se-á realidade, como uma metáfora de que as limitações do tempo presente não são comparáveis às glórias do porvir.



Aspecto urbano de Uberabinha em 1902

A imagem datada de 1902 retrata o Largo do Comércio, região em que se concentravam alguns estabelecimentos comerciais. Dispondo de poucos lugares de lazer, um dos pontos de encontro em que se dava a sociabilidade eram as “*vendas*”, casas de comércio

em que se encontravam os gêneros alimentícios, os equipamentos de trabalho na roça (ferramentas, ferragens, sementes), alimentação e medicação para os rebanhos, e um aperitivo para o momento de conversa ou negócio. Incipiente, a cidade carecia de uma série de melhoramentos, um transeunte caminha pela rua sem calçamento, um cão se serve da água que escorre pela pena d'água vindo do rego da servidão pública, dois homens conversam na porta da “venda” que carece de uma nova pintura por não estar em bom estado de conservação, além disso o terreno está em desnível com a rua. A aparência não é muito atrativa, parece-nos que para Uberabinha seguir pela senda do progresso era necessário fazer ‘toilete’.

Uberabinha que encontra da parte dos chefes toda a boa vontade, que dispõe com facilidade de todas as condições para o seu melhoramento, como sejam a topographia invejavel, a abundancia de água, ar e luz, está talhada para ser uma cidade modelo, desde que se faça 'toilete', desde que se prepare para receber o progresso.⁽⁵²⁾

A ‘toilete’, condição para o progresso, implicava alterações não somente na estética urbana mas, também, no modo de ser dos habitantes do município, em suas práticas cotidianas. De vital importância torna-se o estabelecimento de regras de civilidade e polidez para regulamentar o corpo, os comportamentos dos sujeitos, as posturas corporais, os gestos, os rituais, a polidez, as maneiras que fundamentam os laços políticos e sociais que educam e modelam um dado comportamento político, confirmam a ordem e formam o tipo ideal de cidadão, ao mesmo tempo que objetivam evitar qualquer desordem e garantir a hierarquia social.

O respeito aos costumes e às formas, às regras que organizam com polidez e civilidade as relações entre os indivíduos é necessário a toda sociedade. Estruturam-na, instauram e prescrevem a forma mesma dos vínculos entre os homens. Desenham um modelo de homem psicológico e social.⁽⁵³⁾

⁵² Jornal O PROGRESSO. 06/10/1907. N.º 3. p.1.

⁵³ HAROCHE, Claudine. *Da palavra ao gesto*. Campinas: Papirus, 1998. p.19

Essas regras, segundo Haroche, não dizem respeito apenas a disciplinarização dos sujeitos sociais para evitar conflitos, as regras de civilidade são inerentes a qualquer pensamento político. São elas que permitem ouvir o outro, convencer e ser convencido, pois para que as reivindicações apareçam é necessário que os espaços das regras, dos costumes, da polidez estejam definidos para que o espaço político seja mais democrático e, a partir daí, os objetivos empreendidos postos em prática.

Para além das regras de civilidade, a *'toilette'* pode ser identificada na disciplinarização do espaço urbano de Uberlândia. Segundo Machado, a efetivação do projeto de cidade progresso foi realizado com a marginalização das classes populares submetidas a inúmeras formas de disciplinarização no interior do espaço urbano, esse que deveria estar estruturado de modo a evitar conflitos e não perturbar a ordem. E nesse ponto, o Código de Posturas foi fundamental: regulamentou as posturas, comportamentos e regras de sociabilidade. A disciplinarização e higienização do espaço urbano buscava hierarquizar a sociedade, estabelecendo os papéis, e espaços sociais, reforçando o projeto dos grupos sociais dominantes. A cidade ideal já não suportava mendigos esmolando, animais transitando no perímetro urbano, ruas poeirentas e esburacadas, casas em mau estado de conservação, lixo e entulho nos lotes vagos, indivíduos desocupados a perambular pelos bares e nos jogos de azar causando rubor à moral. Assim, na elaboração do Código de Posturas, as estratégias utilizadas faziam *parte de um projeto maior da classe dominante que objetiva, além da viabilização do progresso, determinar o lugar de cada um e de cada coisa neste espaço social. Higienizar a cidade, ou delimitar lugares não são questões meramente técnicas, são parte de um debate político mais amplo, onde a técnica está a serviço do poder constituído*⁽⁵⁴⁾.

O corpo de leis que integram o primeiro Código de Posturas da cidade começou a ser formado em 1898 e finalmente em 1903 foi promulgado. Nele, as ações e as relações sociais são regulamentadas sob pena de pesadas multas às infrações que poderiam dizer respeito ao embelezamento e asseio das casas, ruas e praças; ao alinhamento das edificações; à higiene pública (criação de animais, compra e venda de carnes verdes); à autorização sob forma de registro de matrícula para o exercício de serviço doméstico, pastoril e agrícola, e a prática de jogos de azar e mendicância; à disposição para circulação de veículos (trollys, carroças) e animais no perímetro urbano; ao estabelecimento de casas comerciais e industriais. Uma

⁵⁴ MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês*. Assistência social institucionalizada – Uberlândia – 1965 a 1980. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1990. p. 55

cidade que se queria progresso não deveria conter, em seu seio, elementos ou práticas que a desqualificasse, dantes tudo deveria contribuir para a legitimação desse anseio.

Lei n.4 de 17 de Maio de 1898

Art. III – É expressamente prohibida a sóta de cadellas viciadas nas ruas da cidade.

Lei n. 5 de 15 de Setembro de 1898.

Art. I – Fica desde já prohibido o transito, pelas ruas da cidade, de cabritos e carneiros soltos ou trellados.

Titulo II - Das povoações do municipio

Art. 46 – Todos os proprietarios ou inquilinos, as povoações, são obrigados a caiar e pintar as suas casas de 2 em 2 annos, bem como a caiar os muros.

Titulo IV – Policia e Segurança Publica

Art. 108 – Todas as casas de negocio, vendas e tavernas das povoações e estradas fecharão as suas portas ao toque de recolher, que será dado ás 9 horas da noite .

Art. 111. – Só os pobres, reconhecidamente taes, e aos sabbados, é permitido implorar á caridade publica.

Titulo VI – Hygiene publica

Art. 219. – Nas povoações ninguem podera ter mais de dous porcos, que deverão estar presos em chiqueiros bem limpos.⁽⁵⁵⁾

A construção da imagem da cidade manifesta-se em um esforço de revelação e ocultação. Revelação consistindo em dar visibilidade aos aspectos que confirmam o projeto político (sejam imagens concretas ou metafóricas), e ocultação de indícios que porventura possam maculá-lo. Logo a existência do Código de Posturas era uma garantia de regulamentar o funcionamento social imprimindo civilidade. Como no caso da remodelação do Rio, no início do século, a imagem pretendida era de um país moderno, mas uma modernidade específica em que não há espaço para práticas populares por serem consideradas retrógradas, incivilizadas necessitando serem (re)educadas e disciplinadas. Ainda que aparentemente haja uma intencionalidade ao universal, a cidade não é projetada para todos, ela é pensada para alguns e para tal fim é importante a ação de especialistas (arquitetos, engenheiros, médicos, literatos) que, pelo saber técnico, formam almas ao forjar as imagens do progresso, haja vista que quando o discurso é ineficaz para legitimar o real; as imagens o são, dando-lhes visibilidade.

Nesse sentido, a cidade é pensada e formulada pelo discurso e pela imagem. Quando a cidade real já não é a ideal urge reformulá-la dando-lhe novas significações. Através de uma ação racionalizadora das elites intelectuais, os especialistas, a ordem é instituída, os papéis sociais

⁵⁵ *ESTATUTO E LEIS DA CAMARA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DE UBERABINHA. ESTADO DE MINAS. Uberaba: Typ. Livraria Seculo XX, 1903.*

são (re)distribuídos, a dominação é justificada. É o que Rama denomina de cidade das letras que sobrepõe-se à cidade real vislumbrando o futuro, ao mesmo tempo que esquece o passado.

Considerando que a cidade é concebida em um espaço de tensões e está associada à idéia de modernidade, Maria Stella Bresciani aponta cinco portas de entrada para o estudo das cidades. A primeira porta diz respeito ao triunfo da questão técnica, transformação da paisagem natural e questionamento da intervenção do Estado no espaço urbano para saneá-lo e organizá-lo. A segunda porta abre a questão social na busca por respostas para os problemas sociais, problematização econômico-política da pobreza. A terceira porta trata a cidade como espaço de formação de novas identidades sociais. A primazia da vivência em detrimento da experiência, sugerindo o homem autômato e a formação de uma nova sensibilidade pela educação dos sentidos, abre a quarta porta. A politização da questão social constitui a quinta porta que dá acesso à cidade conceitual, sinônimo de progresso em que seus sujeitos são designados sujeitos históricos.⁽⁵⁶⁾

A preocupação com a disciplinarização do espaço e dos sujeitos para garantir ordem permite-nos, também, abrir a porta de análise proposta pela autora: a questão social.

Especificamente, a questão social é suscitada com a problematização da pobreza. Os mesmos homens que garantem a reprodução do capital constituem ameaça à ordem burguesa, pois que são excluídos das benesses proporcionadas pela ordem capitalista. O progresso de uma cidade, então, está na razão direta de sua civilidade e, para tanto, necessita-se controlar qualquer perigo que ameace o projeto de construção dessa sociedade. Os hábitos, as práticas, os comportamentos, o cotidiano dos sujeitos são controlados. Por isso, seria inadmissível permitir que, em Uberabinha, animais transitassem no perímetro urbano; mendigos esmolassem às portas ou no centro da cidade, área de circulação e de negociação; entulhos impedissem a circulação ou prejudicassem a higiene urbana; práticas “ilícitas” como o jogo e o meretrício fossem praticadas explicitamente, pois feriam a moral e a idoneidade social. Somente cumpridas as condições necessárias, o objetivo empreendido seria alcançado. Segundo o princípio positivista, a ordem é pressuposto do progresso. Por outro lado, a regulamentação imposta foi incapaz de fornecer respostas satisfatórias aos problemas sociais inerentes à sociedade. E se retornarmos à imagem de Uberabinha em 1902, percebemos algumas infrações ao Código de Posturas: o animal que deveria ficar restrito ao espaço

⁵⁶ BRESCIANI, Maria Stella. “Permanência e ruptura no estudo das cidades” In: *História e Cidade*. Op. Cit. pp.11-26.

privado, passeia pela poeirenta rua; a casa que deveria ser pintada esporadicamente, demonstrava sinais de envelhecimento do tempo. Entre o real e o ideal, havia uma distância que não condizia com o discurso, ou mesmo ignorava-o. Além disso, em nossa documentação, encontramos muitas indicações de que os sujeitos sociais resistiam à ordem, (re)apropriando-se da cidade diferentemente do que se queria os grupos sociais dominantes.

É uma coisa muito usual em Uberabinha, o facto de se descarregar um carro de lenha em qualquer becco, em frente de uma casa, no meio da rua e dois ou tres jornaleiros, cortarem-no, deixando após, a rua suja, cheia de pequenos fragmentos.⁽⁵⁷⁾

Até agora em Uberabinha prosperam sem encontrar caminho a desbravar, a jogatina sem freio, a vadiagem, o odio politico, a intriga, a bajulação velhaca.⁽⁵⁸⁾

Os sujeitos resistiam, a despeito da normatização e ameaça de multas. Contrariando o projeto político de cidade-progresso, nem todos os habitantes estavam preocupados com a imagem que demonstrasse modernidade e progresso. A satisfação de suas necessidades e desejos eram prioritários. É possível, também, perceber nos textos acima, uma evidente preocupação com a higiene e estética urbanas, ao delimitar as práticas que são características do espaço urbano, por conseguinte recomendáveis, e aquelas que denotam incivilidade, atraso, estando relacionadas ao mundo rural. Fato curioso, pois, efetivamente, ainda não havia uma explícita distinção entre os espaços urbano e rural. Ambos se confundiam.

Rua 15 de Novembro. Começa em frente a porteira do pasto do major Alexandre Marquez, atravessa a praça da Independência e termina provisoriamente na praça Dr. Duarte.⁽⁵⁹⁾

⁵⁷ Jornal *O PROGRESSO*. 06/06/1911. Nº190. p.1

⁵⁸ Jornal *PARANAYBA*. 22/11/1914. Nº 9. p.1

⁵⁹ “Nomenclatura das Ruas e Praças da Cidade de Uberabinha.” Jornal *O PROGRESSO*. 25/04/1909. Nº 83. p.6. (Grifo nosso)

O espaço rural “invadia” o urbano o que implica que os hábitos, costumes do mundo rural também estavam presentes marcando as práticas dos sujeitos. O moderno, representado pelo urbano, convivia com o tradicional, no caso o rural e ambos se interpenetravam.

A manutenção da estética urbana foi incentivada, a fim de cativar e impressionar o espectador, como denotativo da condição de civilidade e, ao mesmo tempo, atrativo ao estrangeiro, não qualquer estrangeiro, mas aquele que viesse corroborar com o desenvolvimento da cidade através do trabalho. Este que foi dotado de grande positividade, o único gerador de riquezas, em oposição ao ócio e à mendicidade.

O mesmo princípio de ordenamento regeu a elaboração do primeiro Plano Urbanístico entre os anos 1907 e 1908. Até essa data, a cidade não possuía nenhum planejamento. Então, o objetivo foi criar uma cidade moderna, desvinculada do passado. As casas pequenas e apertadas, as ruas estreitas, a arquitetura tímida foram suplantadas pelas amplas ruas e avenidas, pelas formosas e ajardinadas praças, pelos novos e suntuosos edifícios, pela marcha inexorável do progresso.

A ânsia em fazer da pequena Uberabinha a cidade-progresso do Triângulo Mineiro levou-a a envelhecer precocemente. Preocupada em compreender os processos políticos, econômicos e sociais que se consolidaram no espaço urbano, fazendo com que a cidade se transformasse em um centro regional de expressiva importância no contexto de Minas Gerais, Soares percebe que, até o final do século XIX, Uberlândia era apenas uma cidade à Boca do Sertão, sem nenhum atrativo. No entanto, essa realidade não coadunava com o projeto político da classe dominante local.

Uma cidade que almejava o progresso e a modernidade, sobretudo, porque essas mudanças expressavam e fundamentavam a expansão das relações capitalistas, não podia conviver com ruas estreitas e tortuosas, em que se misturavam cavalos, carroças, automóveis, lojas com mercadorias amontoadas, que dificultavam a circulação de pessoas, e, principalmente, enfejavam a paisagem urbana. Era necessário, então, que se fizesse uma intervenção em sua forma urbana, que possibilitasse a sua fragmentação em áreas apropriadas ao comércio, ao lazer e

à residência das populações mais ricas. Enfim, era preciso planejar seu espaço urbano.⁽⁶⁰⁾

A autora afirma que o primeiro projeto de planejamento urbano da cidade foi implantado por volta de 1907/1908 e se inspirou no padrão francês do Barão de Haussmann. Pelo novo traçado urbano, foram abertas as cinco principais avenidas (Afonso Pena, Floriano Peixoto, João Pinheiro, Cipriano Del Fávère e Cesário Alvim), e oito ruas transversais em uma planta que se assemelha a um tabuleiro de damas, quadriculado e de linhas retas, evitando os espaços estreitos no afã de criar uma cidade cuja imagem expressasse a modernidade e a ordem.

Embora não conste cópia desse primeiro plano urbanístico, alguns sujeitos que nasceram no final do século XIX ou início do século XX, relataram em entrevista, que o projeto fora feito pelo engenheiro da Companhia de Estradas de Ferro Mogiana, na mesma época da elaboração do projeto de construção da estação, por volta de 1895 a 1897.⁶¹ O engenheiro em questão, o inglês James John Mellor, foi pago por um dos coronéis que marcaram a vida política da cidade, para traçar o novo eixo de crescimento. Podemos observar que o novo traçado, que partia da parte baixa do território, prosseguia em sentido norte até chegar à estação, centro de movimentação e negociação, de modo que serviu como estímulo da transferência do centro comercial para essa região.

Devido a esse planejamento, o eixo central da cidade foi alterado e se deslocou. A cidade que compreendia a região denominada Fundinho, isto é, das margens do córrego São Pedro ao Cemitério Velho se expandiu no sentido norte. O comércio se concentrou nas avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto bem como a localização dos principais edifícios públicos, enquanto as avenidas Cipriano Del Fávère e João Pinheiro foram destinadas a construção residencial, logo servidas de completa infra-estrutura, visto que os grupos sociais dominantes construía aí seus vistosos palacetes. Soares comenta que esse plano talvez tenha sido o único implantado integralmente, sendo que o traçado urbano foi favorecido pela estrutura física do sítio urbano em que há pouca inclinação. *As mudanças visavam, sobretudo, a adequar a forma urbana às possibilidades de acumulação do*

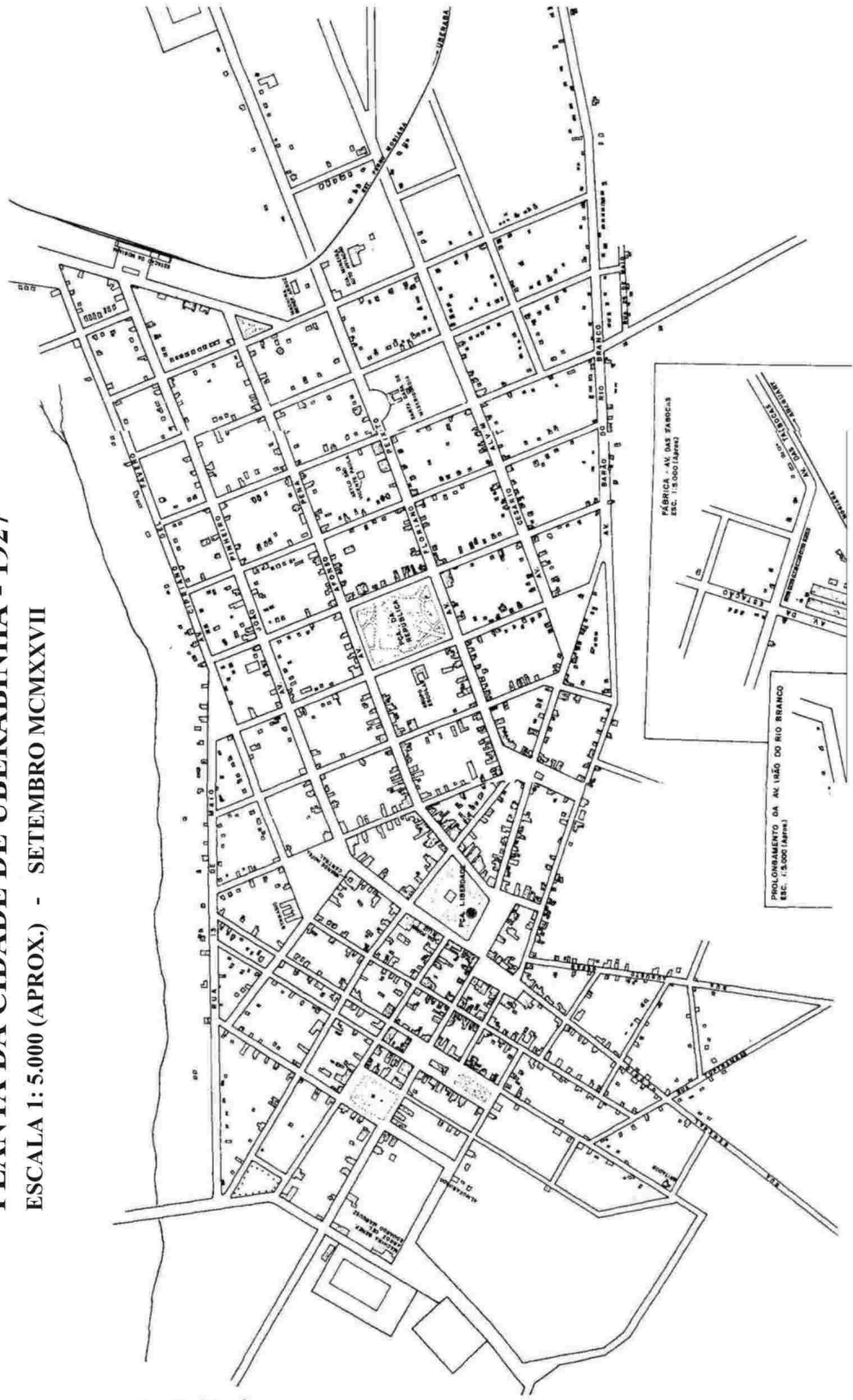
⁶⁰ SOARES. Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da “Cidade Jardim” ao “Portal do Cerrado”*- Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. São Paulo: USP, 1995. p. 101. Tese de Doutorado.

⁶¹ Relato do Sr. Afonso Carneiro, em entrevista gravada em 07.06.1990, como parte do *Projeto Depoimentos* da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Nascido em 14.09.1896 em Uberabinha, filho do Cel. José Teófilo Carneiro, a quem se atribui ter encomendado o novo traçado da cidade.

capital, de modo que a cidade simbolizasse o progresso, indicativo das novas condições econômicas implementadas pela atividade comercial.⁽⁶²⁾

⁶² Ibidem. p. 100.

PLANTA DA CIDADE DE UBERABINHA - 1927
ESCALA 1: 5.000 (APROX.) - SETEMBRO MCMXXVII



Planta Cadastral de Uberabinha - 1927

Sepultada a “cidade velha”, o novo referencial da cidade se iniciava no velho cemitério que foi desativado e sua área destinada à construção de uma praça, a praça da Liberdade. Esse empreendimento esteve envolto em calorosa discussão, pois que a desativação do cemitério e a retirada dos túmulos feria a tradição das famílias, essas que denominavam o local de campo sagrado. Todavia, o clamor pelo progresso foi mais vigoroso e em projeto aprovado na Câmara Municipal a praça foi escolhida para a construção do Paço Municipal que abrigaria os poderes executivo e legislativo.

Haviam algumas condições imprescindíveis para o progresso: os melhoramentos urbanos como energia elétrica, fornecimento de água, limpeza pública, o planejamento urbano que garantia à cidade uma paisagem asséptica e ordenada, o trabalho gerador de riquezas, o espírito empreendedor de sua gente. Esses fatores somados, segundo o discurso difundido na cidade, garantiam a ação dos sujeitos solidificando o imaginário social. Sendo o imaginário elemento de controle das ações coletivas, este constituiu para o poder político importante estratégia porque garantia-lhe legitimidade e cumprimento de seus projetos.

A família uberabinhense se acha unida e persistente no seu ideal de elevar este município ao grau de prosperidade a que aspira, promovendo toda a sorte de melhoramentos locais. Provida a cidade de água e luz, abaulamento das ruas e outros melhoramentos que a tornam confortável, levanta-se com apoio geral a idéia de torná-la rica e futura com o desenvolvimento da lavoura e a criação de indústrias locais. Com uma população animada e desejosa de progredir, só nos resta aproveitar todos estes elementos e enveredarmos de vez na senda do trabalho e da prosperidade, aproveitando a maré de felicidade que de tempos a

esta parte surgiu para Uberabinha. Recuar, depois de termos avançado tanto, é uma covardia que não se justifica por princípio algum. O mais difícil está feito, agora, é marchar direito no caminho encetado e o futuro está garantido.⁽⁶³⁾

Por meio desse documento é possível constatar que o exercício e domínio do poder político não está desvinculado da afetividade. Ao empreender suas ações, os sujeitos estão imbuídos de subjetividade. Ressalte-se que a credibilidade e não necessariamente a veracidade sustenta o imaginário. O político não está fundamentado apenas na racionalidade ou no monopólio da violência. Ao redigir sua argumentação, o redator mencionou os indicativos passíveis de exame, como as condições materiais do lugar, desenvolvimento da lavoura, criação de indústria e outros, em seguida apelou aos sentimentos, *aproveitando a maré de felicidade que de tempos a esta parte surgiu para Uberabinha*. Diante dos avanços, o recuo seria covardia que não se justificaria, *o mais difícil está feito, agora, é marchar direito no caminho encetado e o futuro está garantido*. O apelo não é feito a um ou outro, toda a família uberabinhense é convocada a prosseguir, dado que sempre se mostrara unida nos princípios que concorrem ao progresso. A vitória de um, nessa acepção, seria a vitória de todos, assim deveriam enveredar *de vez na senda do trabalho e da prosperidade*. O tom enfático de garantia de sucesso anima e move os indivíduos.

Michelle Ansart, ao analisar o pensamento de Rousseau e o racionalismo iluminista, afirma que este, durante a Revolução Francesa, procurou ocultar o papel das atitudes e motivações individuais para enfatizar o papel da razão, de modo que o foro íntimo era entendido como evolução necessária e não vontade política, visto que nesta não cabia a afetividade.⁽⁶⁴⁾

As reflexões da autora apontam que o pensamento filosófico iluminista que acreditava que a finalidade do político seria reencontrar uma ordem social natural e racional, (pois todo homem é dotado de razão e vive em sociedade devido ao contrato social) é combatido por Rousseau por este acreditar que a afetividade precede o uso da razão. Assim, a sociabilidade nasce do afeto. Dessa forma, o poder político deve se orientar no sentido de atingir a consciência dos indivíduos pela mediação de seus afetos,

⁶³ “Caminho do futuro”. Jornal *O PROGRESSO*. 23/01/1910. Nº120. p. 1.

⁶⁴ ANSART, Michelle. "Rousseau e a ideologia jacobina" In: *Razão e paixão na política*. Brasília: UNB, no prelo.

a adesão é voluntária e obtida pela persuasão, os indivíduos devem amar as leis. Essa problemática foi sentida no decorrer da Revolução Francesa, pois que as questões de foro íntimo estavam agrupadas às questões lógicas e racionais. O significado revolucionário só podia ser compreendido pelos apaixonados pela causa e pela liberdade, e capazes de julgar com alma e consciência.

Inspirando-nos na análise de Ansart, temos que reconhecer o papel de inúmeros sujeitos que investiram política e emocionalmente na trajetória de Uberlândia em sua busca de expressividade regional e nacional, fazendo do discurso grandiloquente sua causa e defendendo-a arduamente.

Outra contribuição é dada por Balandier para quem o exercício do poder também está vinculado às subjetividades pelo fato de que o político, até certo ponto, comanda o real através do imaginário a fim de imprimir sentido à ação. As sociedades modernas não conseguem se estruturar fora das representações e do imaginário, pois que estão assentadas sobre relações de poder, e estas estão na esfera do sujeito e das emoções. Desta forma, o poder necessita ser representado. A inobservância dessas regras constitui ameaça à ordem, ainda que nas sociedades democráticas a aparência seja mais válida que a autenticidade, o real é aquilo que é representado. *Bastam as aparências para fazer calar a incerteza*⁽⁶⁵⁾. Em suas palavras, estamos diante de uma "teatrocracia", haja vista que o poder não se fundamenta apenas na força ou na racionalidade. Também se realiza na produção de imagens, na manipulação de símbolos para produzir os efeitos necessários em sua perpetuação. Como uma encenação, o poder é exibido para que produza efeitos, quais sejam, práticas que o confirmem. *O que se impõe desde logo é o fato da apresentação espetacular da vida social não se separar de uma representação do mundo, de uma cosmologia traduzida em obras e em prática.*⁽⁶⁶⁾

Semelhante a um espetáculo teatral que produz ilusões, o poder na sociedade uberlandense regulamenta a vida cotidiana dos homens, produzindo os efeitos necessários à perpetuação da projeção de cidade grandiosa. Nessa "teatrocracia", o poder se encena (e se immortaliza) nos lugares, na arquitetura imponente, na

⁶⁵ BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: UNB, 1982. p. 24

⁶⁶ Idem. p. 14.

polissemia de linguagem como evidências do propósito grandiloquente. A configuração e hierarquização do espaço urbano estão dispostos de modo a fazer reconhecer o discurso difundido. As classes sociais possuem espaços e papéis definidos devendo se ajustar a eles. As expressões e posturas também são teatralizadas pois devem estampar a ordem pretendida e, nesse sentido, o poder vale-se de regras de conduta e posturas para evitar a inversão da ordem e mácula na imagem projetada. Na formação de novas sensibilidades, o *ethos urbano*, observamos que Uberlândia detém uma característica peculiar: as sensibilidades do urbano são racionalizadas. O trabalho é o valor mestre, construtor de riquezas e progresso⁽⁶⁷⁾. As sensibilidades dos sujeitos foram regidas por este objetivo. As justificativas para as práticas sociais e políticas se ancoram nas questões sensíveis. Os indivíduos, ao serem seduzidos pelas proposições, lançam-se ao empreendimento.

Se, por um lado, a representação de progresso à primeira vista parecia hegemônica, o mesmo discurso que o afirmava permitia detectar algumas contradições que demonstram sua falibilidade.

A entrada de carros, neste últimos dias trouxe à nossa praça certa animação, retirando-a do marasmo em que ella ia cahindo.⁽⁶⁸⁾

Os carros em questão parecem ser os carros de boi que, segundo os depoimentos dos entrevistados, traziam, em seu lento ranger, as mercadorias para serem comercializadas na cidade. Se a cidade estava caindo em marasmo é porque o volume de comercialização era baixo, demonstrando que o mover-se do progresso era lento,

⁶⁷ *Tenham os nossos homens força de vontade e união, que tudo se fará! Exforcem-se, trabalhem que o producto abençoado do trabalho há de elevar Uberabinha ao nível de estrella de primeira grandeza.* Jornal A TRIBUNA. 29/02/1920. Nº25. Anno I. p.1.

⁶⁸ Jornal A TRIBUNA. 23/10/1921. Nº 110. Anno II. p.1.

contrariando os desejos dos sujeitos sociais. Entretanto, o mesmo argumento que evidencia certa falha no discurso é uma forma de reclamar providências no sentido de evitar a estagnação.

O crescimento da cidade esteve na mesma razão do crescimento dos problemas urbanos, sociais e morais. Ainda que o número de construções urbanas aumentasse, não eram ocupadas porque os valores de aluguéis eram exorbitantes, não condizendo com o poder aquisitivo da população, visto que o custo de vida era bastante elevado; o fornecimento de luz elétrica e água potável tornava-se insuficiente; e a moral, tão cara à família uberabinhense sofria sérios revezes com o aumento da prostituição, da mendicância, dos jogos de azar, da bebida alcoólica e do número de processos policiais por atentados ao pudor. Outrossim, a reclamação por implantação de indústrias no município, incentivo à iniciativa particular, à instrução, são demonstrativos que os passos nas veredas do progresso eram lentos, urgindo uma maior dedicação dos sujeitos ao desenvolvimento da localidade. O acesso à imprensa, à instrução, aos meios culturais era restrito. Mas isso não importa, a cidade não é produzida para todos, ainda que todos a constroem, ela é planejada e consumida por poucos. O crescimento, os melhoramentos são destinados a atender um pequena parcela da população, ao passo que as demais parcelas são alijadas da história dessa cidade, e, de uma forma ou outra, têm que dar conta de “todos”⁽⁶⁹⁾. A exclusão de parte dos habitantes dos produtos da cidade-progresso, muitas vezes é explicada como decorrente de uma ordem natural, a exclusão existe em todas as sociedades, ou, sendo o trabalho a fonte de riquezas, o excluído é preguiçoso ou vadio ou inculto.

As representações ou os sentidos que os sujeitos conferem à realidade apontam as apropriações e práticas que empreendem para concretizarem seus projetos. Esse agir e reagir no mundo real decorre das representações que conferem sentido às práticas ao serem apropriadas pelos grupos sociais, sabendo que o trio representação/prática/apropriação não pode ser dissociado, observando que as apropriações são sempre plurais. As representações não são menos verdadeiras que o

⁶⁹ A exclusão de uma parcela da sociedade dos melhoramentos sociais e da vida política é discutida por Jacques Rancière, para quem a política se institui enquanto desentendimento. Segundo ele, a política é instituída na desigualdade; quando a parcela dos que nada têm (os sem-parcela) reivindica inclusão da parte a que está excluída, lutando por reconhecimento de sua condição de desigualdade. *A política existe quando a ordem natural da dominação é interrompida pela instituição de uma parcela dos sem-parcela. Fora dessa instituição, não há política.* RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. São Paulo: Editora34, 1999.

concreto, o real é aquilo que é representado. Não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações e ao afirmar uma determinada posição social, os grupos sociais buscam legitimar sua interpretação da realidade.

Dentre as novas possibilidades de abordagens nos domínios da história, ao lado do imaginário, a representação constitui o conceito-chave da nova história cultural e esta se funda sobre três noções: representação, apropriação e prática.

Nos anos 70, a história incorporou novos territórios e, neste contexto, a principal tarefa da história cultural é identificar a forma que a realidade social é construída e interpretada nos diferentes lugares e momentos. Tais alterações no trabalho do historiador abalaram antigas práticas como o projeto de história global, a definição territorial dos objetos de pesquisa e a tirania do social; possibilitando uma pluralidade de abordagens e compreensões, visto que os funcionamentos sociais não estão rigidamente hierarquizados, antes são construídos na descontinuidade da trajetória histórica.

Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos - ou, por outras palavras, das representações do mundo social - que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.⁽⁷⁰⁾

A noção de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social. São elas: o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações pelas quais a realidade é contraditoriamente construída, as práticas que identificam socialmente os grupos, e, as formas institucionalizadas que marcam e perpetuam a existência de um grupo, uma classe ou uma comunidade. Outrossim, podemos situar historicamente a noção de representação sob dois sentidos: o primeiro diz respeito ao conhecimento mediato, é a aparência pelo real como dando a reconhecer a coisa ausente na imagem representada. O segundo é a exibição de uma presença. Daí apreende-se a variabilidade e pluralidade de compreensões das representações do

⁷⁰ CHARTIER, Roger. *A História cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985. p.19

mundo social, pois que na luta de representações, e estas têm tanta importância quanto as lutas econômicas, o que está em questão é a hierarquização da estrutura social. E aqui cabe ressaltar que as representações só têm existência se comandam atos.

Como o imaginário pertence ao campo da representação é sobre esta que se funda o discurso grandiloquente de Uberlândia que traduz os objetivos e interesses que descrevem a sociedade uberlandense tal como seus sujeitos desejam que seja.

As divisões da organização social existem historicamente apenas enquanto representadas, enquanto praticadas contraditória e coletivamente (quer sejam práticas políticas, sociais, discursivas). E as práticas que conferem sentido são a expressão de materialidade das representações, logo, uma realidade pode ser representada de inúmeras formas. À medida que é representada toma vida ao ser escrita, falada, visualizada; e considerando que as operações de construção de sentido, ou apropriações, são historicamente determinadas, constata-se que as idéias não são imutáveis.

A realidade da cultura é a realidade das representações e cabe ao historiador historicizá-la percebendo as apropriações sem classificá-las como desvio de um dado padrão, ou atemporais, posto que as apropriações são abarcadas pelos grupos sociais em sua trajetória histórica consoante às alterações experimentadas pelos sujeitos, isto é, estão em um processo dinâmico.

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo, ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade.⁽⁷¹⁾

Uberlândia não era, em seu princípio, propriamente o que seus sujeitos almejavam. Porém, estes se apropriaram das imagens construídas ao longo da trajetória histórica e deram-lhe um novo sentido. Já a partir do início do século XX, ao afirmar que cidade destinava-se ao desenvolvimento, os sujeitos sociais estavam representando seus anseios, apropriando-se deles a fim de reafirmar suas posições. O real da cidade é, desse modo, aquilo que é representado conforme as experiências dos grupos sociais que procuram delimitar sua identidade e sua posição na hierarquia social. A cidade,

⁷¹ CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". *Estudos Avançados*, 11(5), 1991. p.183-184.

enquanto produto das relações estabelecidas entre os sujeitos, reflete sua dinâmica: relações de classe, formas de uso e ocupação do solo, configuração espacial, segregação social (e espacial), formas de (re)produção, mecanismos de poder, manifestações sociais e culturais. E tudo isto se constitui em apropriações que revelam as representações atribuídas à realidade. Portanto, necessário se fez proclamar aos quatro ventos uma imagem de cidade, uma cidade do desejo, tornando-a notória, a fim de que todos internalizassem a condição de progresso que a destacava na região.

É o que precisamos fazer de Uberabinha. Cantar aos quatro ventos o que possuímos, os recursos de que podemos dispor; descrever o nosso desenvolvimento admirável, comentar as nossas falhas, fazer, enfim, tanto quanto possível, para que o mundo saiba que já constituímos uma adiantada cidade.⁽⁷²⁾

Fazer tanto quanto possível, para que o mundo saiba que já constituímos uma adiantada cidade. Essa ênfase é interessante. À medida que vê-se a internalização do discurso e a disposição em torná-lo real, ocorre um estímulo a contagiar o interlocutor. Por quaisquer meios, a cidade deveria se fazer conhecida.

O ufanismo impregnado no imaginário buscava escamotear as contradições e conflitos vigentes na cidade, não somente entre os diferentes grupos sociais mas, também, entre as frações da classe dominante que disputavam o controle do poder político. Nas três primeiras décadas do século XX, havia na cidade dois grupos políticos rivais que disputavam o poder político e o controle da administração, o PRM – Partido Republicano Municipal e o PRC – Partido Republicano Conservador. Popularmente esses partidos eram chamados de *cocão* e *coió*, respectivamente. Ganham essa alcunha devido a um fato inusitado. O principal líder do PRM, o Coronel Severiano Rodrigues da Cunha, era um homem de pequena estatura e considerável peso físico, e por caminhar com as pernas arqueadas lembrava o eixo que segura a roda do carro de boi, foi-lhe dado o nome de *cocão*. Em represália, ele mandou dizer a seus opositores do PRC, que eram uns *coiós*, ou bobos. Os nomes foram então incorporados no vocabulário político local. Os dois grupos políticos se alternavam no poder e mesmo se degladiando na arena política, eram unânimes no discurso grandiloquente do progresso.

⁷² Jornal A TRIBUNA. 18/01/1920. Nº 19. Anno I. p.1.

O domínio coronelístico *cocão* e *coió* durou até 1930, com o fim da República Oligárquica, e de caráter personalista, durante o tempo que perdurou, causou várias inimizades entre indivíduos e famílias, por lutar por benefícios que abarcassem interesses específicos de uma fração em detrimento de outra quando, aparentemente, afirmava-se tratar-se de defender o progresso de toda a sociedade uberabinhense.

Na luta de representações em que a idéia de progresso predominava, a mudança do nome da cidade tornou-se questão de primeira grandeza, revelando o quanto estava arraigado o imaginário. Nos primeiros anos do século XX, cogitou-se a possibilidade de mudança do nome São Pedro de Uberabinha. Uberabinha é o nome do rio que banha a cidade e diminutivo da cidade vizinha, Uberaba, como que a denotar dependência, um apêndice. Num período de vinte anos, por várias vezes, foi suscitado o debate acerca dessa necessidade. O argumento fundamentava-se no princípio de que a cidade que perseguia o progresso não poderia ter um nome de parco significado. O primeiro nome sugerido *Heliopolis* (1907), significa “cidade da luz”, atributo que, diziam, a cidade detinha.

Elle em si traduz uma epopeia para a nossa cidade e empresta-lhe um nome que lhe pertence de direito porque Heliopolis, quer dizer cidade da luz. E não será uma verdade?⁽⁷³⁾

Mesmo que a cidade estivesse distante dos grandes centros culturais do país, sua inspiração quis marcar certa erudição, pois os radicais *hélio* e *pólis* são de matriz grega. Radiosa, a cidade executaria uma epopéia porque seu sonho ultrapassava as fronteiras locais, indo às origens da civilização ocidental, a cultura grega. A pólis grega, cidade democrática, de espírito autônomo e filosófico, que buscou o aperfeiçoamento de seus cidadãos. Hélio, indicação do astro sol, que como única estrela do sistema solar, fornece a todos sua luz.

⁷³ Jornal *O PROGRESSO*. 20/10/1907. Nº 05. p.1.

Em 1910, houve uma nova tentativa de discussão. Os nomes sugeridos foram *Gardênia* e *Uberlândia*. A tentativa não vingou pela intervenção do Cel. José Theophilo Carneiro, figura proeminente da classe dominante local, que considerava ser intocável o nome Uberabinha. Posteriormente, quando a discussão se acirra ele sugere o nome *Maravilha*, pois que a cidade era mesmo maravilhosa. Em um plebiscito realizado por um jornal da cidade o nome escolhido foi *Aratama* que quer dizer “terra do sol”. Como a questão tornou-se uma questão política de relevância, a sugestão *Maravilha* foi desaconselhada⁽⁷⁴⁾ e sobressaiu o nome anteriormente sugerido, *Uberlândia* (Lei Estadual 1126 de 19/10/1929), mais significativo, visto que exprimia os atributos que constituíam as representações da cidade.

O nome Uberlândia é formado pela junção de dois radicais *uber* (latino) e *land* (germânico). O primeiro designa fértil e o segundo terra, assim, *terra fértil*. O radical *uber* também tem raiz germânica e significa superior, acima, daí *terra superior*, *terra acima de todas*. O nome, então, atendeu às representações forjadas de uma terra que destaca em meio a outras, como estando fadada a um futuro de glórias, pois que com resignação a cidade levou a efeito o desenvolvimento como algo que não se poder conter.

A nossa pequena cidade fez a moda dos cavalos indomáveis, tomou o freio nos dentes, disparou no seu desenvolvimento sem mais cessar.⁽⁷⁵⁾

Rodrigues também comenta que os nomes propostos para a cidade foram muitos, alguns procurando homenagear homens ou santos, flores e plantas, nomes indígenas. O ponto comum era que pretendiam *ressaltar as belezas naturais da terra e suas riquezas econômicas, além de apontarem em direção ao futuro.*⁽⁷⁶⁾

A questão da alteração do nome da cidade nos traz à tona, novamente, as questões de foro íntimo como inerentes à política, esta que é razão e (des)razão. Durante todo o processo uma figura se destacou. O tenente-coronel José Theophilo

⁷⁴ Uma das justificativas para que o nome Maravilha não vingasse, foi de que parecia ser nome dado a vaca.

⁷⁵ PÊSSOA FILHO, Salazar. *Uberabinha versus Uberlândia*. Uberlândia: Tip. Manhães, Setembro/1968.p. 07

⁷⁶ RODRIGUES, Jane de Fátima S. *Perfis Femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense. 1920 – 1958*. São Paulo: USP, 1995. Tese de Doutorado. p.62

Carneiro que insistiu primeiramente para não alterar o nome Uberabinha e em seguida para que a cidade se chamasse *Maravilha* foi, desde o final do século XIX, um dos mais apaixonados sujeitos e um dos maiores investidores no progresso local: planejou o traçado da ferrovia e articulou a vinda da Companhia Mogiana, construiu a usina para a instalação de rede de energia elétrica ressaltando a importância do investimento que traria indústrias para impulsionar o desenvolvimento e também a construção da ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba, garantindo a ligação da cidade com Goiás. A historiografia oficial da cidade exalta-o como um visionário que soube ver para além dos horizontes acreditando que *isso aqui ainda vai ser capital*, assentando as bases econômicas do município⁽⁷⁷⁾. Todo seu investimento na cidade devia ao fato de ser Uberlândia sua “noiva”, a quem amava muito, desejando-lhe todo o bem. Nessa perspectiva, os rumos de coletividade eram tratados como negócio particular.

E o sonho do Cel. Carneiro de tornar a pequenina Uberabinha uma capital, foi revivido nos anos 30 e parte dos anos 40 do século XX, quando a cidade foi cotejada para ser a Capital da República, exaltando as sensibilidades locais. A Constituição Republicana de 1891 determinou a mudança da capital federal para o planalto central, como forma de incentivo a ocupação do interior (*hinterland*). Como o empreendimento tardava e se fazia estratégica a mudança da capital o presidente do estado, Antônio Carlos de Andrada, sugeriu Uberlândia e a idéia foi apoiada em seguida pelo interventor getulista Ludovico Teixeira.

Esse fato encheu o espírito uberlandense de satisfação. Além da veiculação local, a imprensa tinha a preocupação de divulgar as repercussões da indicação da cidade para capital Federal. Transcrições de jornais de Belo Horizonte e de São Paulo

⁷⁷ SILVA, Antônio Pereira da. *Aciub em Revista*. Op. Cit.

vinham sempre em tom de júbilo como a denotar a vitória do sonho e a reafirmação da condição de progresso de Uberlândia. Segundo as argumentações dos entusiastas que em refutação a objeções de a cidade tornar-se capital federal afirmavam que a mesma possuía os requisitos econômicos, sociais, materiais (fácil acesso por rodovias e estradas de ferro), geográficos (região central do Brasil) e os *fatores de progresso dependente da ação do homem*, necessitando apenas receber alguns *ligeiros preparativos* como a construção de prédios públicos, embaixadas e residências para o funcionalismo. Feito isso, Uberlândia seria a cidade ideal para nova capital federal.⁽⁷⁸⁾

Quanto a mudança da Capital para a nossa Uberlândia, mesmo que não se realize, será para nós, motivo de vaidade, por isso que, ella lembrada e indicada entre as maiores para tão alto posto. A notícia correu mundo. Ora, tudo isto nos deve confortar, mesmo em não se realizando, o objectivo maior, que seria o ideal.⁽⁷⁹⁾

O empreendimento não realizado não frustrou os sonhos uberlandenses, aliás, reforçou-os, pelo conforto em saber que a cidade fora indicada em meio a tantas outras, demonstrando o reconhecimento de seu adiantamento. Se por um lado, a indicação da cidade apontou a capacidade de articulação dos políticos locais em buscar formas de divulgação da localidade, a não consecução do ideal demonstrou que, mais do que um discurso grandiloquente, seria necessário obter apoio em esferas estadual e federal, locais em que sua penetração era limitada.

A cidade é o palco de projeção de determinadas representações que se apresentam como universais. Uma das constantes justificativas do desenvolvimento de Uberlândia é sua localização geográfica: porção ocidental do estado de Minas Gerais, em área de entroncamento sul/sudeste do país; sua população é de boa índole, ordeira e pacífica, possuindo o trabalho como valor mestre na obtenção de seus propósitos; e detém recursos naturais indispensáveis ao desenvolvimento: bom reservatório de água, clima ameno, solo ubérrimo, topografia plana.

⁷⁸ *Revista Uberlândia Ilustrada*. nº 12. Uberlândia: Julho/1942. p.17.

⁷⁹ *Jornal A TRIBUNA*. 13/05/1934. Nº792. Anno XV. p.1



Localização de Uberlândia no Brasil

Uberabinha, pela sua posição geographica, está fadada a um progresso rapido. Não são conjecturar, mais ou menos, hypothetica, nem tão pouco o resultado de um optimismo apaixonado que nos compellem ás affirmações que vimos fazendo, não, o nosso modo de pensar encontra justificativa na realidade insophismavel de prova irretorquível dos factos e na existencia real das riquezas.⁽⁸⁰⁾

A posição geográfica da cidade, que permite fácil acesso ao centro sul do país, foi, desde o princípio

⁸⁰ Jornal A TRIBUNA. Posição invejavel. 02/08/1925. N° 300. Ano VII. p.1.

do século XX, comumente enfatizada como condição de progresso. Como o homem é um sujeito histórico dinâmico, capaz de interagir com a natureza, transformando-a, sem necessitar ser demasiadamente limitado pelos recursos naturais, essa posição é uma representação, porque ela não foi naturalmente dada; ela confere sentido às práticas sociais. A *posição geográfica* só é privilegiada porque na luta de representações foi apropriada e instituída como verdadeira e como as práticas sociais e políticas estão em constante (re)elaboração e não se estagnam, muitas crenças atravessam o tempo e são reafirmadas com novas “cores” e estilo. Nos anos 90, a paisagem de Uberlândia diferia significativamente da pequena Uberabinha de 1925, não só em seu aspecto urbano como rural. Não obstante a representação quanto a posição geográfica de a cidade ser privilegiada (ou estratégica) permanecia basicamente intocada.

Atravessando a planura das chapadas e cerrado entrecortado por veredas já se podem avistar, de uma das seis rodovias que desembocam em Uberlândia, arranha-céus brotando ao longe. Assim que o relevo apresenta leves ondulações, os vários rios e córregos se apressam em corredeiras e cachoeiras, como se anunciassem a proximidade de uma cidade que tem ânsia de crescer sem perder seu ‘status’ de modelo na América Latina, apontado em levantamento do Banco Mundial. Plantada no norte do Triângulo Mineiro, Uberlândia faz jus ao significado do seu nome e mostra que ali o progresso lançou semente e frutificou. As avenidas largas e o anel viário que circunda a cidade projetando-a para o futuro, as grandes e modernas indústrias, o forte comércio atacadista, o acelerado crescimento demográfico e os ares de metrópole, convivem com a mansidão e o prostrar de interior nas praças bem arborizadas.⁽⁸¹⁾

Natureza e a civilização se complementam, marcando a "ditosa" cidade. A natureza foi domada, criando condições para que semente do progresso frutificasse. O relevo foi aplainado, dizendo respeito à construção das rodovias que sustentam o comércio atacadista, e aos arranha-céus que dão *ares de metrópole* à cidade; o potencial hidráulico das corredeiras geram a energia que move

⁸¹ “Crescer com qualidade e modernidade.” Revista *VIDA INDUSTRIAL*. vol. 42, nº 7, Belo Horizonte, julho/1991.

as indústrias. Se, no final do século passado, a posição geográfica era *prova irretorquível* de um futuro de progresso, nos anos 90 ele se tornou realidade por seu aproveitamento.

Localizada numa região em meio a inúmeras outras cidades como Uberaba, Araguari, Tupaciguara, a cidade se destacou, tornando-se a cidade pólo da região por concentrar os principais recursos. Estando na mesma região implica possuir, na concepção predominante, posição geográfica estratégica, no entanto, apenas Uberlândia se firmou. Isso nos sugere um questionamento: por que Uberlândia conseguiu suplantar as outras cidades da região?

Se a área facilitou o escoamento do capital, esse resolveu aqui se fixar. A atividade comercial, característica da cidade desde o início do século XX, vide o movimento propiciado pela estação Mogiana, fincou raízes e se expandiu, contribuindo com a fixação do argumento da posição geográfica favorável. Uberlândia se tornou “estratégica” porque se converteu em área de passagem do capital em que se dava sua reprodução. E os grupos sociais dominantes da cidade, imbuídos de um mesmo propósito e muita audácia, forjaram práticas persuasivas das representações dadas ao mundo social.

1.3 - A Elegância do Discurso

Em toda a trajetória da cidade de Uberlândia, o discurso que impulsiona as práticas afigura-se bastante sedutor, suas palavras têm um poder arrebatador. As palavras causam grande efeito, não por poder próprio, mas porque representam algo de modo que podem causar impressões profundas. A influência das palavras sobre as paixões depende das formas de pensar, das apropriações que evocam a sublimidade. Suscitando idéias daquilo que representam, as palavras são bastante complexas porque suscitam paixões com maior veemência que muitas outras artes, devido a comunicação com outrem; em segundo, por palavras de expressão comovente como guerra, morte, e por último, por combinação de palavras dando vivacidade ao simples.

Mas, quanto às palavras, elas me parecem afetar-nos de uma maneira muito diferente do que o fazem os objetos naturais ou a pintura e a arquitetura; contudo, as palavras são tão capazes de incitar as idéias de beleza e do sublime quanto aqueles objetos e às vezes um poder muito maior do que qualquer um deles.⁽⁸²⁾

Preocupado em compreender o comportamento produzido pelas paixões humanas E. Burke, analisando as categorias do belo e do sublime, demonstra que ambas não se aproximam, dantes se opõem. As paixões humanas são produzidas pela impressão no espírito e a satisfação dos desejos humanos pode ser expressa pela dor ou prazer; pesar ou alegria. Todavia, as idéias de dor são mais poderosas que aquelas que provêm do prazer. Aquilo que incita as idéias de dor e perigo fornece a concepção de sublime, a emoção mais forte do espírito que entorpece-o gerando uma sensação de

⁸² BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Campinas: Ed. Da Universidade de Campinas, 1993. p. 169.

inércia. O sublime é despertado pelo assombro, terror, reverência, medo; ao passo que o belo está relacionado ao amor, prazer, simpatia.

O discurso político de Uberlândia foi elaborado com o máximo esmero a fim de garantir o domínio do grupo social dominante, ao mesmo tempo que evocava as idéias de sublimidade, de modo que os espíritos foram tomados por um estado de torpor que lhes esmorecia o raciocínio, confirmando as representações construídas. Geralmente, o discurso aparecia de forma bastante rebuscada. Elementos filosóficos, morais, estéticos e poéticos tornavam as argumentações mais *glaumorosas* e convincentes.

A explicação para o projeto de grandiosidade da cidade esteve fundamentada nos elementos naturais da região e na capacidade laboriosa de seu povo. A caracterização da população como ordeira, laboriosa e pacífica é uma construção, tramada segundo um objetivo específico que, buscando a hierarquização social e a definição dos papéis sociais, pretendia acomodar os sujeitos a fim de alcançar o fim perseguido. O documento abaixo aponta a ênfase em determinados aspectos qualificados de *geográficos* e *etnográficos*, que evidenciam o caráter “grandioso” da cidade, presentes desde seus primórdios. Nele, as condições naturais como a localização geográfica do território, somadas ao elemento humano, caracterizado como laborioso, desbravador, ousado(aquele que não mede esforços), tem como *resultantes promissoras* o ideal que se anela. A laboriosidade do povo é reafirmada como *tempera rigida* em que não admite o impossível. Esse povo de herança “bandeirante e pioneira” (caráter etnográfico) nada fez que não fosse seguir a sucessão de fatos intrínsecos ao lugar.

Houve, desde os tempos coloniaes, uma terra esplendorosa e uma gente de espírito moldado na mais rigida tempera, para a qual não se admitia o impossivel ou o irrealizavel. Sem duvida, a Uberlandia de hoje é o reflexo da tempera de seu povo, da fibra de sua gente, da constancia, tenacidade e trabalho dos seu dilectos filhos. Surgida como por aparições magicas esta terra nada mais fez que obedecer ao rythmo dos acontecimentos e á successão de factos bem engendrados e elaborados. Tem alem de tudo, a sua magnifica posição geographica cujas resultantes promissoras ninguem põe em duvida. Os caractéres ethnographicos uberlandenses, que se nos afiguram de remanescentes poderosos e ousados, não se satisfazem apenas em ver e contemplar. Desejam fazer, agir, produzir.⁽⁸³⁾

⁸³ OLIVEIRA, Benjamim de. “Questões geographicas e ethnographicas” In: Jornal A TRIBUNA. 11/06/1939. Nº1309. Anno XX. p.1.

Sob esse argumento, o desejo se torna realidade, mas não só por palavras as idéias do sublime marcaram Uberlândia. Mesmo quando as condições materiais não estampasse a cidade-progresso, o convencimento dessa condição apelou para as sensibilidades, despertando sonhos, excitando a imaginação, apontando possibilidades que trariam, não só no plano coletivo, como também aos indivíduos, significativas melhorias. E, assim, ao lado do discurso, outros elementos são alvos de cuidadosa atenção. Nesse ponto, chamamos a atenção para a observação de Naxara, quando esta se refere a Fletcher:

O sublime pode unir sentimentos e sensações contrárias, numa mesma situação, seja a apreciação in loco da natureza, seja nas suas representações, construídas com a finalidade de tocar os sentimentos e a sensibilidade dos homens, capazes tanto de paralisar momentaneamente a mente e/ou os sentidos como de excitar a imaginação. Mesmo porque a idéia de sublimidade não precisa ter uma contrapartida no real, ela pode ser ideal na sua concepção.⁽⁸⁴⁾

Buscando as representações que explicaram o Brasil no século XIX, Naxara trabalha a bipolaridade campo e cidade, o primeiro entendido como trevas, barbárie e, o segundo como luz, civilização, progresso. A representação dominante, afirma ela, era de um país agrário exatamente no momento em que o cientificismo, a idéia de evolução e progresso tornam-se a tônica e o mundo urbano traduz a modernidade e a civilidade. Há uma supervalorização do urbano. É ele o centro irradiador de civilização, cultura, instrução, comércio, indústria. Almejando o futuro, há uma ficção de futuro sob o pressuposto de que um dia *todo campo haverá de se transformar em cidade*⁽⁸⁵⁾. São novas sensibilidades que vão se apresentando.

O crescente desenvolvimento do mundo urbano, traduzido em civilidade e afastamento do mundo natural produziu, também, imagens simbólicas e idealizadas, por vezes míticas, do campo e da natureza, assim como do seu oposto, a cidade. Novas sensibilidades foram se manifestando tanto pela incorporação de elementos naturais, como os jardins, ao mundo urbano e a suas representações, como pela interferência nos campos agrícolas, que passam a ser organizados segundo padrões estéticos.⁽⁸⁶⁾

⁸⁴ NAXARA, Márcia R. C. *Sobre campo e cidade*. Olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Campinas: Unicamp, 1999. (Tese de Doutorado). p.51.

⁸⁵ WILLIAMS, Raymond. Op. Cit. p. 380.

⁸⁶ NAXARA, M. Op. cit. p.41.

Para garantir a imagem de Uberlândia como cidade desenvolvida, determinados espaços foram observados com acuidade por expressarem os objetivos políticos, sociais e emocionais. As praças e jardins, por exemplo, em toda primeira metade do século XX, receberam especial cuidado. Embora em uma região de irregularidade de chuvas, estavam sempre impecáveis.

Outra preocupação dizia respeito à higiene urbana, fato que levou-a a ser cognominada, nos anos 40, como Cidade Jardim. O adjetivo fora empregado por um repórter da revista carioca *Noite Ilustrada* que, ligada ao governo Vargas, objetivava forjar imagens positivas do país⁽⁸⁷⁾, e foi logo apropriado pelo imaginário social da cidade, confirmando as práticas sociais. Esse adjetivo foi o que mais impregnou o imaginário, mas existiram outros que, como os nomes sugeridos para a cidade, tentavam representar a cidade como ideal: *Princesa do Triângulo*, *Terra da Promissão*, *Canaan*, *Capital do Triângulo*, *Atenas Mineira*, *Morada da Alegria*, *Bizâncio*.

Os adjetivos *Canaan* e *Bizâncio*, em especial, apontam o que fora dito por Pesavento ao apontar que o imaginário ocidental se inspira em quatro modelos de cidade que são: Jerusalém, Babilônia, Roma, e Bizâncio⁽⁸⁸⁾. Uberlândia como *Canaan* se remete a Jerusalém, a cidade sagrada, a terra prometida e lugar de redenção em que as tribulações da jornada são compensadas pela consecução dos objetivos. E *Bizâncio* porque a cidade funcionava como entreposto entre São Paulo e Goiás de modo que nessa relação era favorecida, criando um “novo mundo”.

Outrora era a pacata Uberabinha, lenço branco acenando ao garimpeiro que passava ao longo, dizer de um poeta. Hoje, é a Uberlândia industrial, a Uberlândia portentosa, comercial, a Uberlândia dos grandes estabelecimentos de ensino, a Uberlândia que é um portento a acenar a todos os homens desejosos de progresso e redenção. Todos vós, que estais sedentos de progresso e de prosperidade, encontrarás aqui, a canaan prometida.⁽⁸⁹⁾

Uberlândia – Bizancio comercial do mundo medievo. A secular cidade que os modernos chamam de Constantino foi na media idade o interposto das especiarias que os caravaneiros terrestres traziam da India e de Xipango para os comerciante de Genova e Veneza inundarem a Europa de mercadorias mais do que sublimes por isto que provocariam a criação de um novo mundo. Ali em Bizancio é que se fazia a parada para uma nova jornada, por uma outra via. Assim Uberlândia: interposto entre São Paulo industrial e as terras ainda adormecidas de Goiaz. Dela partem punhados de caminhões para se abastecerem na cidade industrial, voltando de passagem por esta nova Bizancio. E no desempenho deste papel Uberlândia vive o seu heroico romance: seus filhos são estes pioneiros que como ponte que se locomove ligam a industria ao inativo; a civilização do seculo a um outro mundo que caminha tambem para ele e para lhe engrandecer.⁽⁹⁰⁾

Outras denominações foram atribuídas à cidade, ao longo de todo o século XX, tendo o signo do progresso e modernidade como principal eixo, concorde a análise de Soares, *Uberlândia: Cidade Jardim, Nova York do Centro Oeste, Metrópole Regional*,

⁸⁷ PAES, Lycídio. “Cidade Jardim” In: *Jornal O REPORTER*. 27/02/1959. Nº 3210.

⁸⁸ PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*. Op. Cit.

⁸⁹ “Uberlândia é uma canaan”. *Jornal Correio*. 08/06/1943. Ano VI. p.2.

⁹⁰ RIBEIRO, Athayde. “Uberlândia” In: *Jornal de Uberlândia*. 25/12/1936. Nº101. Ano II. p.1.

Cidade-Pólo, Portal do Cerrado são estas algumas denominações que sintetizam e compõem a imagem da cidade, que foram idealizadas para sustentar a perpetuação da modernidade conservadora de suas elites, que tem um discurso, contraditoriamente, calcado em práticas inovadoras e modernizantes.⁽⁹¹⁾

Mas existiram, também, adjetivos que concederam à cidade nomes detestáveis que feriam os interesses do grupo social dominante. *Moscou brasileira* é um deles pela acusação de que a cidade era foco de comunistas no final dos anos 30, fato veementemente combatido pela imprensa situacionista, que acusava ser o jornal de oposição comunista e sendo seu título escrito em letra vermelha, foi apelidado *cabeça vermelha*.

Sendo o imaginário um dos elementos que incita os homens à ação, percebemos o quanto é forte, pois os sujeitos renunciam a muitos princípios, às vezes arraigados, para empreender seus desejos. Sonham, criam imagens, discursos, emocionam-se numa pulsão que importa executar o projeto pretendido. Alçando vôo, os sonhos ultrapassam os limites do local, abrangendo um território maior porque é preciso buscar modelos, referências que tenham uma aceitação entre um número maior de pessoas, construindo uma realidade atraente. Nesse sentido, o modelo de cidade ideal a ser implantado em Uberlândia não foi a capital planejada do estado, Belo Horizonte. As comparações com as maiores cidades se davam nos aspectos considerados similares, como a comparação a São Paulo pela “pujança econômica”⁽⁹²⁾ e a capital federal, Rio de Janeiro, pela modernidade. Sobretudo, o modelo ideal era Paris, a capital da modernidade por excelência, indicando sintonia com o que acontecia nos grandes centros urbanos. Uma crônica redigida em louvor à cidade, no final da década de 50, indica o ufanismo desse imaginário: em uma praça ocorre um diálogo entre dois indivíduos, sendo um deles estrangeiro na terra:

__ *O sr. é de Uberlândia?*

__ *Não senhor. Sou brasileiro.*

⁹¹ SOARES, Beatriz R. Op. Cit. p. 314

⁹² *Como é extraordinária esta Uberlândia, este São Paulo em miniatura. Jornal de Uberlândia.* 06/06/1937. Nº124. O ufanismo desta representação ainda persiste como na crônica de Luiz Fernando Quirino, no *Jornal Correio* de 23/05/2001: *Como uma paulicéia em miniatura, toda ela (Uberlândia) é obra do homem que supre a cidade de encantos. Talvez por isso, por essa semelhança com o modo de se construir freneticamente, paulistanos e uberlandenses acabam tendo como ponto comum de suas ações, o trabalho.*

— *Sim. Eu também sou brasileiro. Uberlândia não fica no Brasil?*
— *Não senhor. Fica na Europa.*
— *Como?*
— *Uberlândia é a capital da França.*
— *Compreendo. É Paris em miniatura. Eu conheço Paris. Aqui, nem aumentando mil vezes a metade da ‘cidade luz’. Mas... verdade seja dita: não conheço no Brasil cidade que mais luxo é ostentado que Uberlândia. Eu muito tenho viajado meu caro amigo. Digo-lhe com toda a franquesa, que nunca me assentei numa poltrona estofada e limpa para engraxar os sapatos. Eu estou aqui comodamente assentado. O móvel, além da comodidade que oferece, está coberto com capa rigorosamente limpa.*⁽⁹³⁾

Era preciso seguir e estar em sintonia com todas as tendências: esmerada higiene pública, na arquitetura com a construção de belos palacetes e edifícios públicos, no lazer através do *footing* e frequência aos cinemas⁽⁹⁴⁾, na moda com o uso de luvas como acessório feminino indispensável à mulher elegante⁽⁹⁵⁾. Tudo a denotar o progresso da cidade e seu “cosmopolitismo”. Ou quando comparada às demais cidades da região, a posição vanguardista era ressaltada como exemplo a ser seguido.

“Uberlândia sempre figurou na vanguarda, em muitas coisas, entre as suas irmãs do Triângulo e Minas. (...) Já houve mesmo quem tivesse a paciência de colecionar o que a nossa pitoresca terrinha possui de extraordinário.”⁽⁹⁶⁾

A paciência em colecionar os fatos extraordinários do progresso da cidade remete à importância das estruturas sócio-afetivas que permitem a materialização do projeto político, legitimando-o por tocar o imaginário; é importante impressionar, mostrar-se capacitado. E na arena política, cada configuração possui um afeto político dominante. Para compreendermos uma entidade política é preciso considerar os impulsos sentimentais que a regem. Assim, no desejo de grandeza de Uberlândia houve (e há) uma afetividade, ou mesmo a necessidade dela, para evidenciá-lo, ao mesmo tempo que cumpria um projeto político racional.

⁹³ “Uberlândia é cidade de muito luxo”. Revista *Uberlândia Ilustrada*. Nº 25. Uberlândia: Janeiro/1958. p.1

⁹⁴ Durante os anos 40/50, nos finais de semana, o trânsito era fechado ao longo da avenida Afonso Pena entre as atuais ruas Goiás e Duque de Caxias, para a prática do *footing*, um vai e vem em que as pessoas se encontravam para passeio, flerte ou namoro, estreitando seus laços de sociabilidade. Nessa região, estavam localizados os principais cinemas e bares frequentados pelos diferentes grupos sociais da cidade.

⁹⁵ *Uberlândia se agiganta e se impõe como uma das mais belas cidades do Brasil. Necessário se torna que entre os encantos desta magnífica cidade-jardim, pontifique e se firme em toda a sua plenitude, a beleza e a elegância da mulher uberlandense. “O uso das luvas.”* Revista *Elite Magazine*. n.º 5. Abril/1958. p.18.

⁹⁶ “Fallem os numeros que... não mentem.” Jornal *A TRIBUNA*. 19/03/1933. Nº674. Anno XV. p.1.

A proeminência do oponente, que represente perigo ao domínio político e/ou projeto em desenvolvimento, é evitada ao se acionar máquinas de fazer (des)crer para enfraquecê-lo, dissuadir a atenção. Um processo que consiste em desconstruir o discurso oponente, ao mesmo tempo que constrói (e se consolida) o seu próprio discurso. Ato contínuo, é necessário angariar apoio e, para isso, utiliza-se de meios de persuasão afetiva: os anseios são incorporados, engendra-se a ilusão de proximidade e cumplicidade para demonstrar quem é o melhor representante da coletividade. Daí que a vida política não está imune à afetividade, dantes as instituições (partidos, sindicatos, associações) buscam suscitar os sentimentos sócio-políticos, ao mesmo tempo que buscam fazer descreer o rival⁽⁹⁷⁾. A dramaturgia política, ensaiada para persuadir, renova as paixões políticas. Em Uberlândia, desde as disputas entre os partidos coronelísticos *Cocão* (Partido Republicano Municipal) e *Coió* (Partido Republicano Conservador), no início do século XX, as disputas políticas foram bastante acirradas. Fosse de forma pacífica ou na força das armas, os ânimos se exaltavam para fazer vencer os interesses de um grupo social determinado. E se nesse cenário político ocorria a (temporária) união entre os grupos políticos oponentes era para criticar a desatenção do poder central, suscitando um explícito “espírito provinciano”. O provincianismo procurava por respostas próprias, alcançar seus intentos e ultrapassar as comunidades vizinhas, desprezando (e reclamando) as atenções do poder central encarado, muitas vezes, como obstáculo ao crescimento local. É comum encontrarmos, na documentação, reclamações concernentes ao governo do estado, acusando-o de impedir o desenvolvimento da cidade que, a despeito disso, consegue crescer.

Uberlândia continuou a crescer e a prosperar, apesar dos governos. Se os poderes públicos paralisavam a construção da rodovia do Canal de São Simão, os uberlandenses construíam quatro prédios por dia.⁽⁹⁸⁾

O desprezo pelo governo estadual suscita uma discussão apontada por Arruda em sua obra *Mitologia da Mineiridade*⁽⁹⁹⁾, em que a autora se propõe analisar a cultura política atribuída aos mineiros. A mineiridade manifesta na cordialidade e temperança, rastreando os componentes do fenômeno que possui característica de mito e,

⁹⁷ ANSART, Pierre. "Mal-estar ou fim dos amores políticos" Trad. Jacy Alves de Seixas. In: *La Gestion des passions politiques*. Lausanne: Ed. L'Age d'Homme, 1983.

⁹⁸ "Uberlândia." *Jornal O Binômio*. 26/01/1959. N.º 238. p.4

⁹⁹ ARRUDA, Maria Arminda N. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

simultaneamente, busca constituir a marca identitária que acomoda os sujeitos. O mito cria a identidade a partir da seleção de elementos históricos, retirando-lhes a historicidade, em que os significados são atribuídos arbitrariamente, excluindo as multiplicidades. A compreensão do discurso mítico só é possível quando se compreende as práticas e as significações a elas atribuídas.

No Brasil, prossegue Arruda, a identidade regional aparece como forma de distinção do conjunto nacional, resistência ao todo. Na realidade, as classes dominantes regionais, por motivações essencialmente políticas, evitam a centralização. Segundo a autora, o imaginário mineiro sobrepujou os demais. A Inconfidência, por exemplo, busca legitimar a importância dos mineiros nos momentos cruciais da história nacional. Para esse imaginário, o mineiro é a síntese do homem brasileiro, político por natureza, de caráter libertário e denodado que, através do resgate do passado de glórias, justifica seu presente.

Pelo exposto, parece-nos que a mineiridade não é característica dos sujeitos uberlandenses. A cidade possui uma relação mais estreita com São Paulo do que com a capital mineira, essa que muitas vezes é vista como rival. Afigura haver uma preocupação em afirmar uma particularidade da cidade, uma identidade original que não se liga a outra e independe do conjunto. As várias tentativas de separatismo da região do Triângulo Mineiro constituindo um novo estado são significativas. Enquanto a mineiridade tenta aglutinar forças, a luta pelo separatismo, ao contrário, nos primeiros anos do século XX e na década de 60, buscava na história regional a justificativa para a autonomia.⁽¹⁰⁰⁾

Até certo ponto, o imaginário de Uberlândia, de características ufânicas, parece contagiante. Muitos viajantes de passagem pela cidade ou estrangeiros que nela residiram, ao deixá-la manifestam sua sensibilidade, confirmando as representações do progresso.

Evidentemente só é possível se chamar de 'bella e moderna', uma cidade interior, quando viajando se sente muito de perto o calor da evolução, a febre espantosa de construções, de embelezamento, de hygiene e do progresso geral em todos os sectores. Conhecendo uma parte do Norte e um pouco do Centro e Sul do nosso grandioso paiz, posso afirmar, que Uberlandia, a cidade poética, é industrialmente, moderna, interessante e bella, possuindo tudo o que existe de

¹⁰⁰ Para defender a causa separatista foi criado na década de 1910, o jornal *Paranahyba* para divulgar os planos traçados e justificar a idéia. Porém teve curta existência. Na década de 60, por sua vez, a questão adquiriu feições maiores, preocupando o governo estadual.

bom e encantador nas cidades grandes e populosas. (Raimundo Maranhão Aires, jornalista carioca)⁽¹⁰¹⁾

E, por outro lado, os descontentamentos com a realidade da cidade e seu cotidiano se manifestavam seja ao incitar ao investimento reclamando do indiferentismo da população, seja ao apontar a necessidade de algumas obras ou práticas indispensáveis ao progresso. Essas manifestações demonstram que, ainda que o imaginário formulado estivesse bastante arraigado, não abarcava todos os sujeitos ou pela resistência ao discurso dominante ou mesmo por indiferença.

As produções do imaginário, obras literárias e artísticas, constituem documentos desafiadores ao trabalho do historiador porque não informam sobre a realidade, são em si a própria realidade, são representações do real apropriadas pelos sujeitos, *refletem não só as situações concretas mas também um imaginário de poder, da sociedade, do tempo, da justiça*⁽¹⁰²⁾. Trabalhar com obras literárias não é algo que o historiador esteja acostumado ou tenha pleno domínio. Constitui um exercício desafiador, uma atividade de “exploração” que mobiliza nossas sensibilidades. Canções, poemas, crônicas, romances foram algumas das formas que os sujeitos uberlandenses se valeram para representar sua cidade ideal. Através deles, exaltam as qualidades da cidade, dando-lhe novos adjetivos e contribuindo com a introjeção do projeto de construção de uma cidade-progresso, como na poesia abaixo:

*Uberlândia!
Terra moça e apetecida
Noiva do sol e das flores
Terra querida:
Seduz...
Maravilha...
Encanta.
Tu és Canaan Bendita
No Triangulo Mineiro,
Tu representas, Cidade,
O espirito brasileiro,
O espirito hospitaleiro,
Espirito de brasilidade.
(Dr. Carvalho Toledo)⁽¹⁰³⁾*

¹⁰¹ Jornal A TRIBUNA. 30/01/1937. Nº 1074. Anno XVIII. p.1.

¹⁰² LE GOFF. Jacques. Op. Cit. p. 13

¹⁰³ TOLEDO, Carvalho. “Em Louvor de Uberlândia”. Revista *Uberlândia Ilustrada*. Nº19. Março de 1955.

Um dos documentos do imaginário, o romance *Lágrima comprida* de Ceres de Alvim Carneiro, é significativo⁽¹⁰⁴⁾. Escrito em 1952, como forma de autobiografia, retoma a história da cidade desde o final do século XIX.. A reconstrução do cenário em que se desenrola a história de uma família, faze-nos conviver com as confabulações e conflitos políticos e sociais, as festas, os problemas sociais como carência de infraestrutura, saneamento, e o cotidiano das relações sociais que permite ver para além da imagem projetada, percebendo outras histórias, outras possibilidades de representação do real. A preocupação da autora não foi problematizar sua narrativa, mas narrar suas memórias, as transformações de sua vida diante das metamorfoses da cidade. Na expectativa de narrar sua história, ela revela a história da cidade.

Dentre as canções, o hino oficial foi a forma institucional de garantir a introjeção do imaginário. O hino tem o objetivo de delimitar a identidade dos indivíduos, conferindo-lhe um sentimento de unidade e, através dele, divulgar uma imagem positiva, ressaltando as características naturais e humanas da cidade.

O atual hino de Uberlândia foi composto por Moacyr Lopes de Carvalho e Alyrio França que, na década de 60, venceu um festival de música realizado para escolher um novo hino para a cidade. A decisão por compor uma nova letra deveu-se ao entendimento de que o hino, até então cantado, não estampava as transformações que passara a cidade. A nova composição parece ser uma atualização do hino composto na década de 30. As estrofes foram mudadas, mas permaneceu o estribilho. O título do hino “*Isto é Uberlândia*”, parece querer demonstrar aquilo que os sujeitos sociais querem da cidade, reafirmando o discurso grandiloqüente.

¹⁰⁴ ALVIM, Ceres Carneiro. *Lágrima comprida*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

Estrilho:

*Uberlândia, terra gentil que seduz;
Uberlândia, jóia da minha afeição;
Uberlândia, tua riqueza reluz
Os teus jardins, formosos são
Toda a minha adoração.*

Letra da primeira composição:

I

*Uberlândia! Recanto adorado
Eterna primavera – o teu seio é um El Dorado.
Terra querida! Cidade Ilusão!
Cidade de Amor!
Do prazer e da canção!*

II

*Do Triangulo és a gentil princeza,
Das tuas filhas, tens o encanto e a nobreza
Terra amiga, torrão abençoado
Quanta beleza encerra.
O teu céu sempre azulado!*

III

*Mocidade forte e varonil,
És toda a esperança
Desta parte do meu Brasil.
Uberlândia! és um jardim dourado
Meigo e sorridente – paraíso encantado.*

Letra da segunda composição (década 60):

I

*Uberlândia, grupos e faculdades;
Polias e bigornas, tua marcha é triunfal.
Teu progresso: estudar e trabalhar.
Na Universidade e Cidade Industrial.*

II

*Uberlândia, luzes em profusão,
Turistas, tu acolhes em teus campos de boninas
Clubes sociais, recantos adoráveis
Beirando rios, ou em líricas colinas.*

O estribilho expressa a admiração por Uberlândia e aponta os predicados de cidade simpática que encanta pelas belezas naturais e riqueza que possui, daí o nome *Cidade Jardim*. No universo das imagens mentais do autor, Uberlândia é uma *terra*

gentil, ou seja, é hospitaleira, e bela por seus *jardins formosos*. Com esses atributos é uma cidade atrativa para quem quer nela (e com ela) desenvolver-se. Ao se apropriar dessas imagens, o autor representa os sonhos daqueles que acreditam ser a cidade uma futura e esplendorosa metrópole, e há uma flagrante identificação com esse ideal representado, ao mesmo tempo que se preocupa em conservar tal representação.

A primeira composição exprime o sonho, é a imagem de projeção e esperança do que será. As estrofes estão marcadas pelo desejo de progresso (*El Dorado*), expresso em tom extremamente ufânico: *jardim dourado* e *paraíso encantado*. Ao utilizar uma expressão de tal natureza, elimina a idéia de quaisquer conflitos que porventura pudessem existir. O caráter de hospitalidade é ressaltado, *torrão abençoado* que abriga a todos, e se destaca dentre outras cidades pelos seu desenvolvimento e espera, com vitalidade e jovialidade, continuar sendo o *recanto adorado*.

A segunda composição, datada da década de 60, período em que a urbanização e industrialização foram a tônica do discurso para o progresso. Nela, a imagem de progresso se materializa. A marcha da cidade é *triumfal* devido a educação (*Universidade*) e ao trabalho (*Cidade Industrial*). Esses valores são apontados como fundamentais ao progresso e, no momento dessa composição, lutava-se pela implantação de uma universidade e do distrito industrial. Se antes o trabalho era rústico nas *polias e bigornas*, tornou-se mais sofisticado, qual seja, o trabalho da indústria.

Outrossim, a jornada da cidade deve-se à educação. Sempre houve uma constante preocupação com o ensino nas escolas uberlandenses porque a educação é um importante valor que destaca os indivíduos socialmente. Na década de 50, a sociedade uberlandense lutou pela implantação de escolas de nível superior argumentando sua necessidade para a formação de uma geração capaz para o futuro e a continuidade do desenvolvimento da cidade.

Outro aspecto do imaginário é a tentativa de aliar natureza e civilização a *luzes em profusão na Cidade Jardim*. A natureza natural – ótima posição geográfica, clima ameno, solo fértil, vegetação exuberante – e a natureza artificial – transformações tecnológicas e industriais – se harmonizam e permitem o “engrandecimento” desse torrão. O hino *Isto é Uberlândia* exprime a imaginação da cultura e do poder da sociedade uberlandense. Ao depararmos com sua letra, a imagem suscitada é de um lugar completo, uma cidade bela e (quase) perfeita que oferece excelentes oportunidades

a quem nela se abriga e dispõe de todos os requisitos para a riqueza e bem-estar. E esse imaginário poético que incita os sujeitos à ação no sentido de concretizarem-no.

Desde o princípio do século XX, constantemente ressaltou-se que a cidade está *fadada ao progresso, seu destino está traçado*, o futuro é prenhe de progresso, não obstante, esse futuro parece estar muito distante. Porém, nos anos 50, o progresso começa a assentar em Uberlândia. Concomitante às transformações que ocorriam no país, a cidade inicia uma nova fase em sua “odisséia” de sucessos.

Se, por um lado, a preocupação com o futuro impulsiona o desenvolvimento, por outro a negação do passado faz da cidade uma cidade sem memória:

Nada resta da freguesia de São Pedro de Uberabinha, a não ser a tradição e alguns episódios esparsos guardados nos arquivos dos historiadores ou mesmo à tradição oral contada pelos mais velhos descendentes das mesmas famílias que habitaram a freguesia em 1857. O tempo não para, em sua marcha inflexível no caminho meteórico em direção ao infinito, vai aos poucos apagando. E Uberlândia, cidade trepidante, terra de trabalho intenso, onde os homens não tem tempo para sentimentalismos, foi infelizmente esquecendo os vultos de Uberabinha de um século atrás.⁽¹⁰⁵⁾

Em nome do progresso, que se identifica com o novo, as reminiscências do passado são erradicadas; a importância do passado reside no fato de ratificar o presente ou os anseios futuros. Sob esse pretexto, marcos, signos e símbolos foram destruídos. Não importa memórias do passado. Se elas entram o avanço, é imprescindível sua retirada numa espécie de “ética do melhoramento” de que fala R. Williams, que busca formar um novo mundo com novos valores, práticas e linguagens. Nesse sentido, o progresso parece possuir um movimento de “criação destrutiva”. A medida que a cidade cresce, o antigo é destruído para a construção do novo; a pequena casa de arquitetura tosca é demolida e, em seu lugar, ergue-se um luxuoso edifício de vários andares. Em meio a essas transformações, *os habitantes da cidade parecem ter assumido a situação de estar ela destinada a ser sempre nova, apagando os poucos vestígios do passado, para ser sempre o emblema da modernidade.*⁽¹⁰⁶⁾

¹⁰⁵ Jornal *CORREIO*. 11/07/1956. Nº4388. Ano XIX. p. 3.

¹⁰⁶ GLEZER, Raquel. “Visões de São Paulo”. In: *Imagens da Cidade.Séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/MARCO ZERO/FAPESP, 1994. p.173.

Embora os “pioneiros e bandeirantes” não tenham contemplado o fruto de seu trabalho, a cidade que imaginaram se concretizou e prossegue se aperfeiçoando. A importância desses homens é que, lançando as bases, possibilitaram que se firmasse um imaginário social e político que colaborou com a construção da cidade-progresso.

Capítulo II

REPRESENTAÇÕES DO PROGRESSO NA HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

(Roger Chartier. *A História Cultural: entre práticas e representações*)

A cidade, enquanto espaço dinâmico e plural, permite leituras diversas. Cada um de seus habitantes tem percepções diversas. Para um é o espaço do capital, da compra e venda, das negociações. Outros podem visualizar a cidade como centro irradiador de cultura⁽¹⁰⁷⁾, por isso lugar de festas, eventos, reuniões e de possibilidade de exercício das potências criadoras. Há, ainda, os que a vêem com nostalgia, pois, aquele pequeno e tranqüilo “burgo” em que todos se conheciam e se ajudavam mutuamente, transformou-se na metrópole em que o rosto na multidão é desfigurado, os indivíduos se tornam anônimos e a violência ameaça, diuturnamente, a vida dos sujeitos que enclausuram-se em si mesmos. Outrossim, a cidade pode significar a vitória da organização humana. Quem sabe, para aquele habitante da periferia ela seja apenas uma espécie de modernização do meio rural, porque sua realidade não difere substancialmente dele. Embora possuindo alguns melhoramentos como a energia elétrica, o transporte coletivo, os aparelhos eletro/eletrônicos que oferecem maior comodidade, possui em seu habitat, galinhas ou cabras, cultive uma horta como auxílio à subsistência. Uma outra leitura possível é ver a cidade como espaço de lutas, cenário em que diferentes grupos sociais combatem para garantir suas posições e interesses.

Dessa multiplicidade de percepções decorre uma multiplicidade de práticas sociais, ou seja, as representações do real implicam apropriações e práticas que as sustentem.

Como fora dito anteriormente, ao lado do imaginário, representação constitui o conceito-chave da nova história cultural, cuja tarefa é identificar a forma em que a realidade social é construída e interpretada nos diferentes lugares e momentos. E considerando que uma realidade toma vida à medida que é representada de diferentes formas, cada grupo social elabora estratégias distintas a fim de determinar posições e constituir sua identidade.⁽¹⁰⁸⁾

Maria Helena Capelato e Eliana Regina Dutra, por sua vez, discutem a utilização do conceito de representação política na historiografia brasileira. Segundo as autoras, marcado por influência francesa, o conceito aparece ligado à semiótica (significação e significante), à percepção, à simbolização, à imaginação. Isso decorre do fato de o símbolo implicar uma relação de representação, isto é, a relação simbólica entre o signo e

¹⁰⁷ Expressão utilizada por J. Le Goff em *Por amor às cidades*. São Paulo: Unesp, 1998.

¹⁰⁸ CHARTIER, Roger. "O mundo como representação" *Estudos Avançados*. Op. Cit.

o que se dá a conhecer é uma relação de representação efetuada com o recurso do imaginário. O símbolo se torna comunicável pela linguagem e pelos imaginários sociais. Ainda, o imaginário social pode ser entendido como uma rede comum de significações que lhe dão sentido, e lhe orientam as práticas, valores e normas, sendo capaz de mobilizar afetos e desejos e traduzido em sistema de idéias, modos de comportamento e de comunicação.⁽¹⁰⁹⁾

A fim de compreender o conceito de representação política, as autoras refazem os itinerários conceituais em que diferentes autores vinculados a diferentes áreas do conhecimento como Marin, C. Castoriadis, C. Lefort, N. Elias, P. Bourdieu, R. Chartier e S. Baczkó, forneceram suporte para as explorações historiográficas, permitindo aos historiadores *acessar as práticas de representações acionadas em diferentes sociedades e em variadas circunstâncias históricas, assim como têm podido explorar, um rico estoque de representações, que nos mostram as fortes conexões existentes entre política e cultura.*⁽¹¹⁰⁾

No interior das diferentes sociedades há práticas que indicam a multiplicidade de representações, sejam sociais, políticas, culturais, econômicas, que permitem a análise de sua constituição, sua dinâmica de funcionamento, seus conflitos, seu imaginário, sua existência.

Em nosso caso, a documentação utilizada é riquíssima em nos apontar como as práticas acionadas pelas representações, em grande parte, permitiram a formação do imaginário sócio-político de Uberlândia, fundamentado em aspirações definidas segundo um grupo social. De diferentes formas, seja por meio de comunicação verbal, escrita, simbólica; seja por linguagens diversas: política, filosófica e arquitetônica, as representações vieram contribuir com a expressão desse imaginário social e político, digamos, convincente. Na construção desse imaginário, destacamos o papel dos memorialistas e da imprensa.

2.1 - Os Memorialistas

¹⁰⁹ CAPELATO, M. H. & DUTRA, E. R. F. “Representação Política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira”. In: *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Textos do Tempo). pp. 227-267.

¹¹⁰ Idem. p.238

Abordar a produção de memorialistas remete-nos à discussão da relação entre história e memória. Conquanto aparentemente sinônimas, ambas possuem características peculiares. A memória é atributo humano. Nela, as experiências são “armazenadas” e vêm à tona quando reativadas. No campo da história, o tema memória foi, por certo tempo, apresentado somente no aspecto voluntário, enquanto intencionalidade de retomar as lembranças, ao passo que o aspecto involuntário, afetivo, esteve desprezado.

O historiador, em seu ofício de reelaborar inteligivelmente o passado, debruça sobre as fontes para (re)interpretar seu objeto, responder suas interrogações, desvendar o fio de sua trama. A memória é uma dessas fontes em toda sua dinamicidade e riqueza. Não só o historiador profissional dedica-se a escrever história, tendo a memória como fonte. Há produções feitas por indivíduos auto denominados historiadores que procuram, também, escrever história como produções confiável e veraz. Esses historiadores “amadores”, geralmente, ao apropriarem-se do discurso dominante, dos marcos históricos, das datas e personagens “ilustres” são constituidores de memória e apontam o futuro. Aqui preferimos chamá-los memorialistas.

Obras de memorialistas são comuns no interior do país. Segundo a historiadora Eliane Martins Freitas, estas obras permitem-nos discutir o conhecimento produzido do passado e a memória histórica que se quer preservar para legar às gerações futuras. A produção não é neutra, procura ressaltar “uma verdade” reproduzindo documentos históricos como comprobatórios de sua latente preocupação com a exatidão dos fatos. Seus autores geralmente fazem parte do chamado grupo de intelectuais da cidade com apoio institucional, tendo como interlocutor privilegiado a própria classe dominante. Outro aspecto da obra dos memorialistas é seu cunho ideológico e político, através da apologia ao desenvolvimento. O futuro é prenhe de prosperidade, a história tem um caráter didático-pedagógico que orienta a ação e explica sua missão histórica. E por resgatarem a história local acabam se tornando referência para ensino e pesquisa nos estabelecimentos escolares.

O futuro fica, assim, preestabelecido. A força inexorável do progresso estabelece a priori este devir. O papel que o memorialista se atribui é o de apreender este movimento linear da história, seu sentido, e dá-lo a conhecer às gerações futuras.⁽¹¹¹⁾

¹¹¹ FREITAS, Eliane Martins de. *Memórias de uma “Odisséia”* : Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a “Revolução de Trinta” em Uberlândia-MG. Campinas: UNICAMP, 1999. (Dissertação de Mestrado). p. 24

Em Uberlândia, não faltaram vozes que procuraram representá-la galhardamente. Considerando a ação dos sujeitos carregada de significações e exprimindo-se em discurso/ação, materializando e dando visibilidade aos anseios e concepções de mundo, podemos afirmar que suas práticas são guiadas no sentido de confirmar as representações que conferem sentido ao mundo. Daí a importância dos memorialistas uberlandenses, pois como formadores de discurso vieram consolidar as representações construídas pela classe dominante, confirmando e legitimando-as, garantindo assim a hegemonia do grupo político no poder, ao mesmo tempo que buscavam forjar uma dada memória.

Os principais memorialistas da cidade são: Roberto Capri, Cônego Pedro Pezzuti, Tito Teixeira e Jerônimo Arantes. Suas obras possuem algumas características comuns: exaltam os acontecimentos sociais, políticos e econômicos que marcaram o desenvolvimento da cidade desde seus primórdios; glorificam os “personagens ilustres” que são os representantes da classe dominante; enfatizam o espírito progressista da população local, considerada ordeira e laboriosa; descrevem os aspectos geográficos da cidade que facilitaram ou dificultaram a ocupação do território (as chamadas corografias) e os melhoramentos disponíveis até o momento da escrita; por fim, utilizam-se de fotografias de personagens políticos e de alguns logradouros.

Os memorialistas estabeleceram um estreito vínculo com o grupo dominante local, seja como integrante dele ou ocupante de cargo público, como a demonstrar sua capacidade intelectual ou mesmo realizador e testemunha das diversas práticas foram constituindo a cidade. Pode ser essa a razão de se apropriarem do discurso dominante, dos marcos históricos, das datas e personagens consagrados em uma tentativa de conservar um imaginário hegemônico. Sua principal preocupação é com os aspectos político e econômico, não obstante podemos identificar o cultural e o social, implícito em sua narrativa, seja na forma de organização, seja nas práticas políticas, discursivas, morais.

Em geral, possuíam formação acadêmica, com exceção de Tito Teixeira, o que lhes garantiu confiabilidade, e sua produção, quando não teve financiamento de um (ou alguns) órgãos públicos, contou com incentivo e apoio a fim de servir de exemplar de divulgação e introjeção de uma das representações da história da cidade e de seus valores. Tendo o presente como referencial de escrita, a história possui o sentido de “mestra da vida”, e as fontes utilizadas não são citadas.

Não desmerecemos esse tipo de produção em que o memorialista, ao mesmo tempo que é historiador, é produtor de memória, pois sua obra tem um cunho ideológico, dada a concepção de memória (e também de história) que deseja legar. Ora, a produção do historiador profissional também possui uma finalidade, dependendo de sua vinculação e comprometimento sociais, ou seja, ele não é neutro, fala de um lugar com objetivos específicos. Ao considerá-los como fonte documental, é preciso entender o percurso percorrido ao se apropriarem das representações construídas, desencadeando práticas que confirmavam os objetivos empreendidos.

Além dos memorialistas uberlandenses citados, cronistas como Lycídio Paes, Eurico Silva, Nelson Cupertino que, além de possuírem publicação⁽¹¹²⁾, ocuparam as páginas da imprensa local, escrevendo algumas vezes os infortúnios, outras vezes as glórias uberlandenses. Nos dias atuais, existem dois indivíduos que se destacam: José Lucindo Pinheiro, e Antônio Pereira da Silva; além de outros que preferem permanecer anônimos. Professor Lucindo Pinheiro – como é conhecido devido sua formação docente, função que, também exerceu por longo período – afirma que sua preocupação com a história da cidade reside no fato de garantir sua projeção futura. Assim, através do registro de experiências exemplares, busca contribuir com estímulo à continuidade do desenvolvimento local. Publicou uma obra, já esgotada, intitulada *Pequena História do Poder Legislativo*, em que historiciza a formação do poder legislativo em Uberlândia desde a instalação em 1892 aos anos 80 do século XX. Atualmente, prepara uma nova obra em que pretende retomar a história da cidade a partir de sua fundação com a vinda da família Carrejo, início do século XIX, aos dias atuais. O título da obra é sugestivo, *Manual da História da Cidade de Uberlândia*.

Antonio Pereira, por sua vez, dedica-se, zelosamente, à pesquisa da história da cidade, possuindo farta e diversificada documentação, incluindo uma vasta biblioteca sobre a música popular brasileira. É a pessoa que mais tem escrito, a pedido de alguns setores ou indivíduos, sobre a memória local. Constam de sua produção a obra *Revista Aciub*, produção comemorativa do cinquentenário da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia – ACIUB – em 1983. Nessa obra, o autor refaz o percurso de formação da

¹¹² As publicações desses autores são:

PAES, Lycídio. *O Cabaré*. Uberlândia: Brasil; CUPERTINO, Nelson. *MBoitatá*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1942; SILVA, Eurico. *Brincando de ser poeta*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1954. *Viagens*. São Paulo: Siqueira, 1961. Desse autor foram publicadas algumas obras que são uma coletânea de discursos por ele proferidos (*Scrinium*, *Quatro Palestras*, *Outros Discursos*) e *Recortes*, uma seleção de recortes de jornais locais e de outras localidades arquivados desde 1914 a 1959.

referida associação desde sua idealização à sua atuação contemporânea. Também é de sua autoria uma biografia, *Com o suor de teu rosto* – Biografia de Alexandrino Garcia – O homem, em que descreve a vida do presidente da Companhia de Telefones de Brasil Central – CTBC – desde sua chegada à cidade, em 1919, e a construção de seu empreendimento comercial em meio a tantas vicissitudes, numa pacata cidade interiorana, Uberlândia, até tornar-se uma importante companhia de telefonia. Publicou, também, uma série de contos⁽¹¹³⁾, e assina semanalmente uma coluna no *Jornal Correio*, e na revista local, *Dystaks*. E ainda sem publicação possui escritos de pesquisas acerca de alguns temas locais: os negros, a história do bairro Patrimônio, as colônias italiana e sírio-libanesa, o Carnaval.

Dentre os memorialistas de Uberlândia, o de maior produção foi Jerônimo Arantes que, além da atividade docente também foi jornalista e editor. Sua produção é vasta e diversificada: livros, folhetos, revistas, poemas. Exerceu a docência por quarenta anos e, após aposentado dedicou-se à atividade de historiador do município, acumulando, em sua trajetória, uma série de documentos que após sua morte, foram adquiridos pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, estando à disposição no Arquivo Público Municipal e Museu Municipal. Com o objetivo de recuperar a história local, sua pesquisa envolveu consulta a documentos escritos e relatos orais de pessoas idosas (de famílias tradicionais ou não). Como resultado parcial de suas investigações foram publicados cinco folhetos e quatro livros: folhetos: *Anuário de Uberlândia (1936)*, *Recenseamento da cidade de Uberlândia (1938)*, *Efemérides e leis memoráveis da história de Uberlândia (1942)*, *Uberlândia: cidade dos sonhos meus (1967)*, *Como fizeram Uberlândia (1972)*; livros: *Corografia do Município de Uberlândia (1938)*, *Memória Histórica de Uberlândia (1967)*, *Álbum da Câmara Municipal(1980)*, *Memórias históricas de Uberlândia(1982)*. Em 1957, a pedido da Prefeitura Municipal escreveu a *Monografia de Uberlândia* com apoio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sob sua responsabilidade, foram editadas as revistas *Elite Magazine* e *Uberlândia Ilustrada*, publicações de periodicidade irregular e caráter diverso como literatura, lazer, social, divulgação comercial e história (*divulgação de interesses gerais de Uberlândia*⁽¹¹⁴⁾).

¹¹³ Os títulos dos contos são: *A negra do amendoim*. Uberlândia: Zardo, 1979; *Sianinha e outros casos*; Uberlândia: ABC-SABE, 1988; *Paulinho, o Menino do Hotel*. S/d; *O Código Amoroso*. Araguari: Minas Editora, 1999.

¹¹⁴ Epígrafe de apresentação da *Revista Uberlândia Ilustrada*.

Em nossa pesquisa, optamos trabalhar apenas com três memorialistas: Roberto Capri, Cônego Pedro Pezzuti, e Tito Teixeira pelas semelhanças existentes entre eles.

Na segunda década do século XX, foi produzida a primeira obra memorialista. Com vinte e oito anos de emancipação, a jovem cidade foi entusiasticamente descrita por Roberto Capri, na obra *Município de Uberabinha – Physico, economico, administrativo e suas riquezas naturaes e agricola*, no ano de 1916.

Roberto Capri não pertencia ao círculo uberabinhense. Foi contratado exclusivamente para produzir a obra que foi publicada em São Paulo por Capri, Andrade & C., editora que acreditamos pertencer ao próprio autor. Naquele período, início do século XX, não raro, os administradores municipais custeavam intelectuais que pudessem escrever sobre sua cidade, enfatizando os aspectos naturais e humanos a fim de divulgá-la e atrair capital humano e investimento, tirando-a do ostracismo.

A obra, de 78 páginas, busca retratar cronologicamente o desenvolvimento da cidade e é aberta com a efígie das autoridades do governo do estado de Minas Gerais à época. Em seguida descreve os aspectos físicos da cidade: limites do território; relevo; clima, relacionando-o à vegetação; hidrografia (rios e cachoeiras); riquezas minerais; um breve histórico da localidade; população do município (6.000 ha no meio urbano e 19.000 ha no meio rural); atividades de agricultura e pecuária com respectivas produções; relação das propriedades rurais (chácaras e fazendas) e descrição pormenorizada das mesmas em seus aspectos físicos, materiais e comerciais.

O aspecto urbano é narrado em detalhes: embora faltasse o serviço de tratamento de esgotos, no momento da escrita da obra, cidade já possuía 40 ruas, sete praças, belas avenidas, pitorescos jardins, prédios comerciais: teatro, escolas, hospital, igreja, cadeia, fórum (único descrito como estando em estado deplorável), totalizando cerca de 800 edificações. As escolas recebem uma atenção especial na descrição, ocupando oito páginas da obra. À época, a cidade contava com um grupo escolar, Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, quatro escolas municipais e um ginásio, Ginásio de Uberabinha. Todo o corpo docente, discente e suas respectivas agremiações são mencionados e fartamente ilustrados.

Os cultos religiosos, citados apenas os católicos, ministrados em duas igrejas (Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora do Carmo e Igreja de Nossa Senhora do Rosário), assistidos pelos párocos Pedro Pezzuti e Pio Dantas Barbosa. Cidade nova contava com dois eficazes órgãos de imprensa: *O Progresso* e *O Brazil*.

Em seguida, o autor passa à descrição do que poderíamos chamar de as bases que foram lançadas para atribuir melhoramentos à cidade, como a Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal que dotou o município de estradas de ligação com outros municípios. As finanças municipais, os investimentos na agricultura, a colaboração do povo de índole ativa e laboriosa e de alguns indivíduos em particular, como a colônia italiana. Finalizando a obra há uma série de fotografias das autoridades municipais; anúncios de casas comerciais e serviços de profissionais liberais.

A impressão que fica da obra é de uma localidade em franca expansão, propício para instalação de algum negócio e fixação de residência. No entanto, algumas questões se colocam em um exame mais apurado. Se a descrição representava interesses do grupo social dominante, esses eram partilhados por outros grupos? Quem mais colaborou em termos de financiamento para a efetivação da obra? Em que contexto regional a cidade estava inserida? Quais eram suas condições materiais, sociais, políticas e culturais? Como representações construídas foram percebidas e apropriadas pelos diversos grupos sociais após a conclusão da obra? Que práticas suscitou?

A descrição dos aspectos físicos parece decorrer da preocupação em localizar geograficamente o leitor e, ao mesmo tempo, dar-lhe uma certa visão paradisíaca do local. As atividades de agricultura e pecuária, narradas com suas respectivas produções, suscitam uma indagação. Essas produções eram consideráveis em relação a outras cidades e as necessidades da população, indicando uma considerável movimentação comercial na cidade? Segundo Guimarães, embora Uberabinha tenha recebido a ferrovia em 1895, a cidade não se projetou regionalmente, visto que a ferrovia, nesse período, representava para as cidades do interior o advento do moderno, a possibilidade de intercâmbio comercial com os mercados consumidores e produtores do país, “*onde a ferrovia tocava seus braços aumentava a renda da terra e expandia as relações comerciais*”⁽¹¹⁵⁾. Em sua percepção, Uberabinha começou a tomar vida a partir de 1912 com a estrada de rodagem que permitiu, aos poucos, que a cidade estendesse seus tentáculos pelo Triângulo, sul de Goiás e Mato Grosso, intensificando-se a partir dos anos 20. Até essa data, conforme dados dos fins do século XIX e início do XX, a cidade possuía um comércio inferior a algumas cidades da região e uma infraestrutura urbana incipiente.

¹¹⁵ GUIMARÃES, Eduardo N. *Infra-Estrutura Pública e Movimento de Capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do Trabalho*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1990. (Dissertação de Mestrado). p. 29

Estatística sobre o comércio no Triângulo Mineiro (1904-1905)

MUNICÍPIO	Nº ESTABELECIMENTOS	VENDAS ANUAIS
Araguari	23	1.260:000\$000
Araxá	50	500:000\$000
Monte Alegre	28	326:500\$000
Monte Carmelo	36	443:000\$000
Patrocínio	63	389:000\$000
Sacramento	87	1.304:000\$000
Uberaba	88	5.198:000\$000
Uberabinha	11	672:000\$000

Fonte: GUIMARÃES, E. N. Apud JACOBS, Rodolph.

Infraestrutura urbana de algumas cidades do Triângulo Mineiro em 1920

MUNICÍPIO	POPUL.	POPUL.	FOCOS	CASAS	CASAS	APARELHOS	AG.	ARRECADAÇÃO
		Sede	Ilum.Púb	Ilum.	Abast.Água	Telefônicos	Bancária	(em contos)
Araguari	27.729	8.700	450	870	N.D*	540	1	428:263
Araxá	46.866	3.690	370	371	574	168	N.D	360:847
Ituiutaba	20.772	1.992	300	160	143	1	N.D	195:684
Mte. Alegre	10.987	2.790	N.D	N.D	132	24	N.D	116:654
Monte Carmelo	24.768	1.152	200	120	97	N.D	N.D	119:929
Patrocínio	44.067	3.150	282	150	N.D	39	N.D	291:418
Sacramento	34.889	3.054	295	285	146	45	1	293:224
Uberaba	59.807	19.338	440	1.830	487	473	2	2.429:519
Uberlândia	22.956	6.912	202	189	N.D	90	N.D	204:561

Fonte: BRANDÃO, Carlos A. Apud SENNA, N. *Atlas Chorográfico Municipal*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1922. p.100.

N.D ⇒ Não disponível

Embora os números da produção local fossem elevados⁽¹¹⁶⁾, não indicavam necessariamente condição de progresso. Se tomados isoladamente impressionariam, mas se comparados com dados de outras cidades, percebe-se que a movimentação era reduzida. Ou seja, para que a então Uberabinha se firmasse como cidade-progresso seria necessário empreender medidas sérias para crescer e se destacar. Estratégias que precisavam ser utilizadas para convencer a população da viabilidade da idéia e incitar a pô-la em prática.

Adentremos um pouco mais à cidade.

Quem vem de São Paulo pela Mogyana, avista-a de uma legua de distância, muito branca e sorridente, lá em baixo, sobressahindo pela sua altura, as torres da matriz. Dir-se-ia uma noiva esperando o seu prometido companheiro, que neste caso será o progresso.⁽¹¹⁷⁾

¹¹⁶ Capri informa que a produção de arroz era de cerca de 90.000 sacos de cem litros, 20.000 carros de milho, 40.000 arrobas de açúcar, 250.000 cafeeiros. Na pecuária o rebanho bovino contava 90.000 cabeças, 5.000 equinos, 10.000 asininos e muares, 3.000 caprinos, 5.000 ovinos, e 40.000 suínos. In: CAPRI, Roberto. *Município de Uberabinha – Physico, economico, administrativo e suas riquezas naturais e agricola*. São Paulo: Capri, Andrade & C. Ed., 1916. p. 13.

¹¹⁷ Idem. p.21.

Imaginemos a cerimônia de um matrimônio: a noiva vestida de branco aguarda ansiosamente seu noivo. É o início da concretização dos sonhos acalentados, um futuro de realizações. Pois bem, a descrição de Capri remete-nos a essa cena.

A estação de ferro da Companhia Mogiana ficava ao norte da cidade, distante do centro comercial⁽¹¹⁸⁾. Descendo pela avenida João Pinheiro era possível observar as construções; o movimento dos transeuntes; carros de boi, as casas comerciais, enfim o fluir da vida urbana até chegar à Praça da Matriz. Uberabinha era isso, uma jovem faceira à espera de um companheiro. Não um qualquer, porém um que lhe daria uma vida próspera, com conforto e algumas regalias. Esse companheiro ideal era o progresso.

A metáfora está no tempo futuro, a noiva espera o noivo que *será* o progresso, ou seja, ainda não se efetivou, ainda que o namoro tenha começado há mais de cinquenta anos, quando da efetiva ocupação e exploração da localidade⁽¹¹⁹⁾. Conquanto narrada com paixão, o noivo tinha um árduo trabalho a desempenhar para que pudesse tornar reais os sonhos de sua amada. A cidade, ainda que com um certo planejamento, ruas e avenidas em traçado quadriculado, pitorescos jardins e praças, mais parecia um arraial carente de infra-estrutura. Faltava tratamento de esgotos, o sistema de tratamento de água era precário, as ruas estavam sem calçamento, o custo de vida (preço dos aluguéis, alimentação) era caro, a luta política, ferrenha entre as famílias dos coronéis, gerava desconforto e medo na população, cenas de vandalismo e violência não eram raras, poeira na estação seca, lama na estação chuvosa, eram alguns dos inconvenientes a serem vencidos.

O branco da noiva pode ser entendido como símbolo de pureza; terra intocada, pronta para ser explorada. Um tanto tímida e acanhada, a localidade possuía um bom potencial para atender as exigências necessárias a uma sólida união. Já era uma *adeantada cidade* que, além dos fartos recursos naturais descritos ao princípio, outros fatores favoreciam-na.

¹¹⁸ O memorialista Antônio Pereira Silva afirma: *A primeira estação construída ficava, mais ou menos, ao fim da hoje Avenida João Pinheiro. Na época, entretanto, a via férrea passava pelo meio do cerrado e os caminhos que ligavam à cidade eram conhecidos por “estradas”*. In: *ACIUB em Revista*. Edição Comemorativa de 50 anos. Uberlândia: Ed. SABE, 1983. p. 18. Calculamos que a distância da estação ao centro comercial, o Largo da Matriz, era de cerca de 1,5 km.

¹¹⁹ Aqui consideramos o ano 1857, em que o então arraial de São Pedro de Uberabinha foi elevado à categoria de freguesia.

A população é hospitaleira, franca e activa, concorrendo tudo isso para o seu engrandecimento. O povo é laborioso e inteligente. Enquanto os homens trabalham nas roças, as mulheres dos aggregados fiam e tecem. Todos cuidam com amor de sua obrigação. Aqui não se conhece ociosidade. Brillhantes são, certamente, os dias que o futuro lhe reserva. ⁽¹²⁰⁾

Esse tipo de afirmação não é exclusiva desse memorialista, aliás, ela percorre toda a história da cidade, sendo compartilhada pela imprensa, pelos sujeitos sociais. Um dos pontos explicativos da condição de desenvolvimento da cidade acaba passando sempre por ela. Quando Capri a utiliza, ele valida a representação já construída desde o princípio, pelos sujeitos sociais que imaginaram um venturoso futuro para o arraial.

Diante da descrição de aspectos reveladores da condição de “adiantamento”, há duas reclamações sutis: o edifício do fórum e o serviço de esgotos.

O Forum acha-se presentemente installado em um casarão sem hygiene e sem conforto. Torna-se imperiosa a necessidade uma prédio ad hoc, digno da adeantada cidade de Uberabinha, onde o templo consagrado á Justiça deve ser magestoso e solemne. ⁽¹²¹⁾

O prédio em que funcionava o fórum era o mesmo desde a instalação da comarca em 1891. Sua aparência arquitetônica não era apazível para o novos padrões modernos de beleza que envolvia uma certa suntuosidade. Por esse motivo, era de necessidade premente uma nova construção para consolidar a imagem projetada. Os adjetivos empregados para qualificar o novo edifício, majestoso e solene, remete-nos a evocação da idéia de sublimidade⁽¹²²⁾. A majestade implica atitude de reverência e respeito. Desse modo, o templo - palavra revestida de um certo caráter sagrado - da justiça infundiria nos indivíduos, um sentimento de temor, denotando o poderio não somente do poder judiciário, também daqueles que o exercem. A ordem, a moral e os bons costumes teriam um aliado e, simultaneamente, os problemas sociais poderiam ser minimizados, garantindo a hegemonia do grupo dominante.

Na data de publicação da obra de Capri (1916), estava em andamento na cidade a construção do Paço Municipal, inaugurado um ano após e revestido de imponência consoante ao imaginário em constituição. Cremos que com essa construção, o apelo a

¹²⁰ CAPRI, R. Op. Cit. p. 43

¹²¹ Idem. p. 23

¹²² BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre as nossas idéias do belo e do sublime*. Op. Cit.

um novo prédio para funcionamento do fórum se tornou mais fervoroso. Entretanto, os reclames só foram atendidos seis anos depois.

Um outro dado constante da reclamação do velho edifício era que carecia de higiene e conforto. Reclames de higiene não eram raros, não era costume da população uberabinhense observar os princípios de higiene constantes no Código de Posturas: não vender carnes verdes em gamelas, não fazer as necessidades fisiológicas no rego d'água de servidão pública, não acumular lixo e entulho nas calçadas ou terrenos baldios, não deixar os animais soltos no meio da rua. Posto isto, o comentário do serviço de esgotos chama atenção para dois fatos: a precariedade das condições de higiene pública e a pequena arrecadação municipal.

O serviço de esgotos, reclamado pela hygiene e pela saude publica, está projectado e approved; só se esperam melhores condições de cambio para iniciar.⁽¹²³⁾

Os valores das finanças municipais disponíveis para o exercício do ano de 1915 eram de 107:100\$000 (cento e sete contos e cem mil réis) o que não era significativo para um município de mais de vinte mil pessoas. O serviço de canalização de água e seu abastecimento foram inaugurados em 1910, tendo sido necessário fazer um vultuoso empréstimo para executar a obra que, ressalte-se, atendia apenas a parte central da cidade. Esse empréstimo acarretou um considerável endividamento para o município que, durante alguns anos, gastava cerca de um terço de sua arrecadação para amortizá-lo. E esgotadas as possibilidades econômicas do município, o serviço de tratamento de esgotos foi postergado até que ventos prósperos viessem assoprar na administração pública. E caso houvesse questionamento ou acusação de uma possível negligência, o autor afirma que o serviço já estava planejado e aprovado, aguardava apenas ter capital suficiente para sua execução. Através desse episódio, podemos perceber que um lugar de que afirmava que *brilhantes são, certamente, os dias que o futuro lhe reserva*⁽¹²⁴⁾, embora não possuísse as condições materiais necessárias para empreender seus objetivos, possuía uma pulsão que alavancava os sujeitos, que desprezando as intempéries, se agarravam a todos os vestígios que apontavam para esse futuro, fabricando-o, dando-lhe vida.

¹²³ Ibidem. p. 24

¹²⁴ Ibidem. p. 43

Ao mencionar os vultos ilustres da cidade, comerciantes, fazendeiros, empreendedores, Capri faz uma menção especial, à colônia italiana em Uberabinha. É sabido que, naquele período, a colônia portuguesa, composta principalmente por trabalhadores da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro estava em franca expansão⁽¹²⁵⁾, bem como também havia na cidade outros estrangeiros que fixaram residência. No entanto apenas a contribuição da colônia italiana é destacada, fato que levanta uma suspeita: não seria a colônia em questão que custeou a publicação da obra? Quais interesses específicos possuía? Quais interesses teria o próprio autor de sobrenome italiano, Capri? São questões que não tivemos condições de responder.

As fotografias e gravuras, constantes na obra, chamam a atenção porque nos contam um pouco sobre as atividades e estilo de vida da população local. Foram retratadas as melhores residências, os indivíduos “ilustres”. As informações vêm acrescidas dos dados e fotografias como comprovação daquilo que se diz.⁽¹²⁶⁾

Após seis anos da primeira publicação memorialista da cidade, a segunda é lançada, *Município de Uberabinha – História, Administração, Finanças, Economia*, assinada pelo Cônego Pedro Pezzuti. A produção dessa obra decorreu de alguns fatores não restritos a cidade.

Em 1922, por ocasião do centenário da Independência do país, foi organizada a Exposição Nacional do Centenário em que os municípios foram convidados a tomar parte, expondo seus principais atrativos e seu desenvolvimento. Na então Uberabinha, a Câmara Municipal através da Comissão de Redação e Instrução, deliberou fazer um levantamento da “prosperidade” da cidade e publicar uma obra *fartamente* ilustrada, ressalte-se, que deveria conter um estudo de todas as riquezas, a história do município desde a fundação do povoado até a data 1922, com os respectivos melhoramentos, de modo a ser a *narração imparcial de todos os factos e episodios aqui desenrolados e que digam respeito à vida do Município*⁽¹²⁷⁾. A data, também é ilustrativa pelo fato de nesse ano ter ocorrido a Semana de Arte Moderna que celebrou as transformações do

¹²⁵ SILVA, Antônio P. *Com o suor do teu rosto – Biografia do Comendador Alexandrino Garcia – O homem*. Uberlândia: SABE, 1993.

¹²⁶ Considerações acerca da utilização da imagem como fonte ver: FELDMAN-BIANCO, Bela & MOREIRA LEITE, Míriam L. (orgs) *Desafios da Imagem*. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papiurus, 1998. KOSSOY, Boris. “Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia”. In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998. pp.41-47.

¹²⁷ PEZZUTI, Pedro. *Parecer* In: *Município de Uberabinha – História, Administração, Finanças, Economia*. Uberabinha: Livraria Kosmos, 1922. p.3.

mundo (velocidade, eletricidade, fábricas, progresso), ao mesmo tempo, propunha a redescoberta dos valores culturais brasileiros e a difusão da arte popular.

Embora Pedro Pezzuti assinasse o título, ele foi escrito a três mãos. O primeiro assina a parte histórica do município. José Avelino ficou responsável por narrar a saga dos administradores municipais, e, Ignácio Paes Lemes é o responsável pela história dos transportes (autoviação) da cidade, posto que ele mesmo era um dos empresários desse ramo.

Consideramos a razão da escolha da Comissão de Instrução e Redação da Câmara Municipal de Uberabinha em ser o Cônego Pedro Pezzuti a redigir a obra. Pedro Pezzuti nasceu em Salerno, na Itália. Escolheu o Brasil para exercer seu ministério eclesiástico, servindo na Paróquia de Santa Juliana e Nova Ponte, até ser transferido para a diocese de Uberaba em 1909. Nomeado vigário de Uberabinha em 1911 permanece até 1919, quando solicita licença⁽¹²⁸⁾. Segundo pesquisas do memorialista Prof. Lucindo Pinheiro, Pezzuti pertencia ao “círculo intelectual uberabinhense”, constituído por indivíduos que se reuniam na Livraria Kosmos, espaço local de reflexão e discussão, que dispunha de uma biblioteca, sala de reuniões e café. Sua formação intelectual e eclesiástica o fazia reconhecido e dava-lhe autoridade. Assim era a pessoa capacitada para a redação da história do município de Uberabinha.

A história da cidade é contada em sessenta e sete páginas, distribuídas em cinco períodos. O primeiro descreve os primeiros entrantes (1818-1846) da região; o segundo período (1848-1857) diz respeito ao maior indicativo de civilidade no território, a construção da capela; em seguida apresenta a trajetória de elevação da categoria de freguesia à vila ou distrito (1857-1888); o quarto período descreve o complexo processo de elevação da vila em cidade (1888-1892); e, o último período é a atualização de 1892 a 1922, em que Uberabinha torna-se um entreposto comercial com sua vocação de progresso.

Nas primeiras expedições de ocupação do território - os entrantes - é ressaltada a figura de João Pereira da Rocha como pioneiro, homem soberanamente bondoso, caritativo que desbravou a inóspita região, fixou residência e atraiu outros moradores. Aos poucos, o lugarejo foi se adensando e reafirmando o que, repetidas vezes, será

¹²⁸ O motivo dessa licença nos é desconhecido, por não encontrarmos pista na documentação, e na ocasião em que escreve a obra, Pezzuti era vigário da cidade de Araguari.

alardeado como característica intrínseca da cidade: desde cedo tem selada a vocação para o progresso porque o homem, primor da criação e construtor da civilização e cultura, pelo trabalho, gerador de riquezas, não poupou esforços para melhorar e consolidar a prosperidade que se anunciou ao princípio.

A população em geral pobre, mas muito laboriosa e ambiciosa de melhorar, bastante coesa pelos tempos, esboçando o núcleo de uma nova aggremação social e civil, que o tempo amalgamou e tronou prospera e forte.⁽¹²⁹⁾

A afirmação acima pode ser comparada a de Capri, mencionada anteriormente, quando este assevera o caráter laborioso e ativo da população como explicativo de sua condição de melhoramento. Vê-se uma aproximação que nos leva a crer que os mesmos indivíduos que estimularam Pezzuti a escrever foram aqueles que contrataram Capri para produzir a história da cidade em 1916. As representações forjadas estavam se consolidando no imaginário social e incitando práticas que as consolidassem.

A preocupação em reafirmar a cidade com vocação para o progresso perpassa todo o livro. No segundo momento da descrição histórica do município, a construção da capela é extremamente significativo. Esse fato possibilitou o aumento do número de habitantes que, ao largo da capela, passaram a construir *modestíssimas casas, irregulares e maltratadas*⁽¹³⁰⁾, assim consideradas por não obedecerem a nenhum padrão arquitetônico, apenas a tradição recebida das famílias. Outrossim, possibilitou o aumento no trânsito comercial, comércio de gêneros alimentícios. Era o arraial ensaiando ares de cidade. A memória que é valorizada nesse tópico é de Felisberto Alves Carrejo, considerado o fundador do município por ter construído uma escola em sua propriedade, fato que deu fóros de civilidade ao povoado. Obtida autorização para a edificação da capela, junto ao Visitador Ordinário da Prelazia, representante da Diocese de Uberaba, a qual estava vinculada, esta passou a funcionar em 1853, sob cuidados de seu filho, que era padre.

Na solicitação para a construção da referida capela destacam-se seguintes termos: *o povo desta zona, por seus procuradores*⁽¹³¹⁾, sendo que expressões semelhantes: *defensor das aspirações locais, anelo de todo povo, o pessoal de todas as camadas sociais*, perpassam todo o texto. Todavia, o autor não explicita o que seja

¹²⁹ Idem. p. 12.

¹³⁰ Ibidem. p. 16

¹³¹ Ibidem. p. 13

povo, ou as aspirações locais. Geralmente, na tentativa de justificar determinada prática, essas expressões são tomadas para darem veracidade, confirmando o dito, pois a documentação não nos sinaliza a participação do povo, entendido como os habitantes da localidade. Pelo contrário, o que percebemos são alguns elementos específicos que se arrogam representantes do conjunto da população e tomam as decisões. O próprio Pezzuti relata que, na data de emancipação, 1888, a freguesia de Uberabinha possuía 80 eleitores e uma população de aproximadamente 10.000 habitantes⁽¹³²⁾. Como as representações só têm existência a partir do momento em que se materializam enquanto práticas, portanto, as percepções do real são justificadas como verazes a fim de assegurar posições. A utilização das expressões pode ser, então, considerada uma forma de conferir sentido ao mundo, instaurando determinadas percepções e legitimando-as.

A elevação à freguesia trouxe uma maior animação aos moradores da localidade, permitindo ao antigo arraial fazer-se valer como foro de vida política e econômica. A animação exaltou os ânimos e conflitos emergiram. As disputas pelo exercício de poder eram acirradas, algumas vezes atribuídas a agentes estrangeiros, por isso não afeitos à realidade de Uberabinha.

O período compreendido entre a emancipação e a instalação da Câmara municipal, 1888 a 1892, foi bastante conturbado. Pezzuti relata que as opiniões divergiram no tocante aos destinos da localidade. Foram três as tendências observadas. Elementos vindos de fora, com interesses escusos que não visavam o desenvolvimento do município, nem mesmo a elevação à condição de cidade, se infiltraram no cenário político, influenciando um e outro. Um segundo grupo pretendia manter a condição de vila, mas desvincular a matriz da diocese de Uberaba e anexá-la a Araguari. O projeto vencedor foi o de Augusto César, o primeiro agente executivo, que quase quatro anos após a emancipação, instalou a Câmara Municipal e sede de comarca que representava autonomia jurídica, efetivando o sonho do arraial ser cidade. A luta entre as diferentes representações que se instaurou *lavrou a discordia na família uberabinhense*⁽¹³³⁾, ou seja, os grupos políticos produziam

¹³² Esse dado não confere com a representação apresentada na Assembléia Provincial em 07/08/1888 a fim de obter a emancipação do município em que a população constava de *vinte mil almas mais ou menos*. Conferindo o números de batismos Pezzuti faz a seguinte estimativa da população local a partir da década de 1850: 1858 ⇒ 3.000 habitantes; 1870 ⇒ 5.500 habitantes; 1880 ⇒ 6.000 habitantes; 1890 ⇒ 10.000 habitantes; 1900 ⇒ 12.000 habitantes

¹³³ PEZZUTI, Pedro. Op. Cit. p. 25.

representações, conforme sua percepção do mundo social, e buscavam assegurar e torná-las dominante, pois os grupos sociais podem apropriar-se diferentemente das idéias de seu tempo. Nas palavras de Chartier, *as estruturas do mundo social não são um dado objectivo, (...) todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras.*⁽¹³⁴⁾

A atenção ao período compreendido entre os anos 1892 a 1922, que dizia respeito ao presente da cidade, ocupa a maior parte da obra. Fartamente ilustrado, conforme solicitação da Comissão de Redação, Uberabinha é descrita em prosa e verso e muitas cores.

Como indicativo de ruptura, a afirmação: *Uberabinha, florescente e progressiva, industriosa, veio substituir-se ao antigo arraial vila de S. Pedro*⁽¹³⁵⁾. Essa argumentação estabelece oposição entre a origem da cidade, doravante esquecido, e seu atual estágio. O rural, de onde nasceu Uberabinha, não mais importa. Os “encantos” da cidade agora são outros diretamente relacionados à modernidade, à vida industrial e progressista.

Assim como Capri, Pezzuti faz a caracterização geográfica da cidade e enumera os logradouros e edifícios públicos, o que ele denomina de *silhueta material e social*. Segundo ele, o apurado estilo arquitetônico existente demonstra o *espírito de iniciativa e do esthetismo do povo uberabinhense*, a demonstrar que a cidade era *de bastante conforto, quer na habitação, quer na locomoção, quer na convivência social*⁽¹³⁶⁾. A imagem urbana que se depreende da citação é de um local harmônico, e de bom gosto. O esforço feito para pintar essa imagem é patente, são descritos pontos de referência que podem atestar a representação de pujante progresso: o Paço Municipal, o fórum, as duas escolas públicas, o hospital, isto é, os edifícios mais significativos, considerados de bela estética arquitetônica que conferiam ao urbano uma atrativa aparência. Diante dos elementos apresentados não haveria como duvidar de um futuro promissor. Mas, havia senões. A matriz de *pesada arquitetura colonial*, a ineficiência dos serviços de água, esgotos, telefonia e luz elétrica não estampavam os novos tempos de modernidade.

A chegada dos trilhos da ferrovia Mogiana, a ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba, ligando a região à província de Goiás, a energia elétrica, a fixação de

¹³⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural - Entre práticas e representações*. Op. Cit. p. 27

¹³⁵ PEZZUTI, Pedro. Op. Cit. p. 27.

¹³⁶ Idem. p. 28.

forasteiros, notadamente os comerciantes que, dotados de iniciativa, apostaram na nascente cidade proporcionando melhoramentos; que, sistematizados e aperfeiçoados pelos administradores constituem causas explicativas, e, juntamente à demonstração das finanças municipais, atendimento educacional, órgãos de imprensa, vias de transporte, indicadores do comércio, lavoura e pecuária, indicam porquê a cidade estava caminhando em direção ao progresso.

A população de Uberabinha, franca, leal, morigerada e hospitaleira, inteligente e activa, enveredou desassombradamente pela senda luminosa do progresso, e tudo faz crer que a passos largos continuará a ir avante, sem vacilações e sem desfalecimentos.⁽¹³⁷⁾

O tom enfático da afirmação é interessante. *Desassombradamente, a passos largos, sem vacilações, sem desfalecimentos*, são expressões que nos indicam uma direção pré-definida, sem retorno. Após relatar o histórico da ocupação e desenvolvimento do município, o leitor que se depara com essa afirmação tem a impressão de consolidar uma trajetória de sucessos. Iniciada com bravura, “naturalmente” a localidade alçou uma condição considerável que coroa o pioneirismo dos primeiros entrantes. Ao mesmo tempo, há a expressão de um desejo, qual seja, continuar a ir avante, o que implica que o estágio em que a cidade estava, naquele período, não representava, ainda, o esperado. Avançar era a palavra de ordem.

Os primórdios do município diz respeito à preparação para o futuro. Pezzuti afirma que, até 1907, a cidade estivera em estado de marasmo quando se deu um impulso ao crescimento. Período que coincide com as administrações enfocadas pelo autor, louvando-as e atribuindo-lhes o progresso experimentado até o presente momento de publicação. O passado legitima o presente, mas esse é incomparavelmente superior, pois com uma série de melhoramentos houve um crescimento de população e maior movimentação no lugarejo.

As bases que fundamentam o desenvolvimento negam sua origem rural. *As bases sobre as quaes se apoia a nossa evolução estão firmemente assentadas nestes tres factores maximos: agricultura, industria e commercio*⁽¹³⁸⁾. Esses fatores estão diretamente ligados ao urbano. A agricultura é possível porque pela indústria se torna mercadoria, visto que as charqueadas eram a principal atividade “industrial” da

¹³⁷ Ibidem. p. 29.

¹³⁸ Ibidem. p. 37.

cidade. Mas foi a atividade mercantil que alavancou a cidade. A Estrada de ferro Mogiana e a ponte Afonso Pena facilitaram o acesso e a prática comercial, porque ao gerar excedente possibilitou uma acumulação econômica que acalentou os investimentos no progresso local.

Sendo Uberabinha um núcleo de concentração de estradas que de diversas e longíquas paragens para ella convergem, tornando-a, por isso mesmo, um ponto de intercambio ou, melhor diríamos, um interposto de variadissimas transacções, é claro que o seu commercio deva ser activo, e vultuoso o seu movimento.⁽¹³⁹⁾

Embora Pezzuti não explicita suas fontes, há uma obra citada pelo autor que não tivemos acesso. A obra intitulada *Almanak de Uberabinha*, publicada em dois volumes nos anos de 1911 e 1912, pela Livraria Kosmos, constitui importante fonte de notícias e informações sobre a cidade. É provável que ela seja a primeira obra de caráter memorialista produzida na cidade que deve ter sido utilizada como fonte e modelo para publicações posteriores como a de Capri, e Pezzuti.

É possível que Pezzuti tenha lido a obra de Capri para escrever a história de Uberabinha, pois há semelhanças entre os autores: personagens e fatos são repetidos e as aspirações de grandiloquência são enfatizadas. Trata-se de obras produzidas num período em que o poder político pertencia a um mesmo grupo social, o partido “cocão”, que, por sua vez, aspirava consolidar as representações que criou para a realidade, confirmando sua autoridade e posição.

Bandeirantes e Pioneiros no Brasil Central – História da criação do município de Uberlândia é a obra memorialista mais volumosa. Está dividida em dois volumes. O primeiro é dedicado à história da criação do município propriamente, e o segundo volume é uma listagem de *personagens identificadas com a história de Uberlândia nos diversos ramos de atividade* como consta de sua apresentação. Partindo do ano de 1818 com a ocupação bandeirante até o ano de sua escrita, 1968, o autor, Tito Teixeira, possuía como objetivo contribuir com o futuro pelo *exemplo dignificante de um povo destemido* por meio de *acontecimentos que influíram no advento de uma grande odisséia*.

Tito Teixeira escreveu a obra a partir de crônicas produzidas para serem lidas em uma emissora de rádio. Contando, à época da publicação, 84 anos, valeu-se de

¹³⁹ Ibidem. p. 51.

cuidadosa pesquisa na documentação disponível⁽¹⁴⁰⁾ e sua vasta experiência de vida como testemunha ocular daquilo que relata. Filho de pais ligados ao grupo dominante local, foi vereador no período 1912-1919 e exerceu as atividades de comerciante, construtor de estradas e empresário da telefonia. Com certa veia artística, produziu três obras, embora a obra supracitada seja a mais importante.⁽¹⁴¹⁾

A historiadora Eliane Martins de Freitas ao analisar sua obra para compreender a apropriação e configuração de uma memória da Revolução de 1930 em Uberlândia, apontou o caráter utilitário da obra. Ao tentar apreender o movimento linear da história da cidade e fazê-lo conhecido das gerações futuras, Tito Teixeira faz da história da cidade a história de seu progresso econômico e tecnológico, ou seja, o futuro está definido *a priori*. O título da obra é ilustrativo, afirma a autora, *Bandeirantes e Pioneiros no Brasil Central* suscita três imagens: o *bandeirante*, figura de bravura para desbravar o desconhecido; o *pioneiro*, aquele que enfrenta as dificuldades para apossar do território; por fim, o *Brasil Central*, diz respeito ao papel histórico atribuído à Uberlândia no desenvolvimento regional, alcançando outras paragens que não apenas o Triângulo Mineiro. Nesse sentido, a ocupação da inóspita região pelos bravos pioneiros é apresentada como saga de sucesso regida pela égide do trabalho, honradez e esforço pessoal. Há uma idéia de *predestinação* ao progresso porque somada a intrepidez dos pioneiros que formou o caráter da população e os sobejos recursos naturais disponíveis, o futuro estava definido. Do arraial a metrópole, como podemos inferir da argumentação abaixo:

Estes traços marcam portanto, aquilo que tornou-se como que uma predestinação para o progresso: terras férteis, cheias de perigos, que, trabalhadas por homens especiais, se tornariam no futuro, uma grande metrópole.⁽¹⁴²⁾

¹⁴⁰ Uma particularidade do autor aqui deve ser realçada, embora Tito Teixeira não mencione no corpo do texto, ele expõe ao princípio, suas fontes e bibliografia consultada. Característica que não encontramos nas outras obras em apreço na presente análise. As referências são atribuídas a: 1922 – *Album – Município de Uberlândia* por Cônego Pedro Pezzuti; 1934 – *Fundadores de Cataguazes* por Artur Vieira de Rezende e Silva; 1953 – *A Caiaca* pelo historiador Edelweiss Teixeira; 1960 – *Brasil Central – Notas e Impressões* por Cel. Silo Furtado Soares de Meireles. *Entre os Índios do Xingu – história de Diacuí* por Ayres Câmara Cunha

1966 – *Caiapônia – romance da terra e do homem do Brasil Central* por Camilo Chaves; *Uberlândia Ilustrada* – Revista Periódica pelo historiador Jerônimo Arantes (a quem faz um agradecimento especial)

¹⁴¹ TEIXEIRA, Tito. *Cidade de Morrinhos - Como te vi e como te vejo*: tradicional sala de visitas de Goiás. s/ref., 1966.

_____. *Asas, Risos e Lágrimas*. (inédito)

¹⁴² FREITAS, Eliane M. *Memórias de uma “Odisséia”*. Op. Cit. p. 69.

O livro tem um recorte cronológico extenso. Inicia-se no século XVII (1682), com as primeiras bandeiras partindo de São Paulo e vai até o século XX (1968), sendo que nesse percurso há momentos mais detalhadamente descritos. Os séculos XVII e XVIII são considerados como o tempo dos bandeirantes, quando há explorações no território; o século XIX é apresentado como o tempo dos pioneiros. Mas é o século XX que merece maior atenção, pois é o tempo das realizações que fazem de Uberlândia o ponto de referência do Brasil Central.

Na apresentação preliminar da obra, as entrelinhas indicam a concepção de história do autor. *Em cada passagem descrita, alimenta-se a esperança de deixar à juventude o exemplo dignificante de um povo destemido.* A história é “mestra da vida” e as novas gerações devem aprender suas lições, isto é, há uma intencionalidade específica de guardar determinadas concepções e valores, a fim de continuar o que outrora fora iniciado, como em um encadeamento. Isto é o que se deseja ardentemente, evitando quaisquer desvios ou improvisos.

O prefácio, assinado por Osvaldo Vieira Gonçalves, compartilha da concepção da história como norte. *Ciência e arte, ele é o alicerce de toda e qualquer nacionalidade, pois no passado comum é que se encontra o traço de união que cristaliza anseios e tendências comuns.* Daí a contribuição de Tito Teixeira que, com maestria, torna conhecida uma história de sucessos em que seus personagens fizeram do agreste, um eldorado e, por conseguinte, deve ser consultado para se saber a verdade sobre homens e fatos.

Nas duas apresentações, percebemos a tentativa de construção de uma identidade que enlace corações e mentes, unificando os sujeitos sociais. A partir de um mesmo referencial procura-se fazer ver e crer que o processo histórico e as configurações sociais são normais, obedecem a uma seqüência linear, portanto legítima. E sendo a realidade aquilo que é representado, necessitando de reconhecimento para solidificar-se, pelo poder da persuasão os sujeitos são convencidos de sua veracidade. Assim, a história da transformação do discurso grandiloqüente de Uberlândia em prática concreta, da crença no progresso em atitude, está relacionada à história da constituição de produtores especializados, como os memorialistas que, através de discursos afirmativos, sustentam-na, contribuindo com a

constituição do imaginário ufânico que caracteriza a cidade e, em certa medida, impulsiona os indivíduos à ação.

O exercício de escrita do livro considera o presente como ponto de partida, sempre na perspectiva do progresso, de modo que o passado é uma espécie de atestado das afirmações proferidas. Sendo a escrita do passado um exercício de (re)interpretação, o contexto daquele que escreve deve ser considerado, porque o presente ordena a rememoração. Perpetuar lembranças, assegurar posições e interesses podem ser descritas como algumas funções daqueles que registram memórias. A memória, como aponta Seixas, configura uma espiral no espaço e no tempo, que desencadeada do presente, atualiza o passado e projeta o futuro. Não é estática, não retorna ao passado como a retirar algo cristalizado; reelabora constantemente as lembranças. No exercício de ativar a memória, lampejos involuntários vêm à tona, enriquecendo a percepção do real e dando-lhe novas interpretações. Isso ocorre porque a memória é constituída de diversos planos de tempo e é mais profunda em seu aspecto involuntário que resgata todos os instantes passados, fundindo-os no presente, a despeito de nosso querer. E mais, o ativar da memória não é desinteressado, exprime um desejo de ação. Ou seja, percebemos o mundo e a nós mesmos e nos lembramos dos fatos e das coisas não para conhecê-los de forma especulativa, mas para agir sobre eles⁽¹⁴³⁾. Assim, a atitude de Tito Teixeira e demais memorialistas de Uberlândia em tentar cristalizar uma certa memória “dourada”, ao mesmo tempo que legitima o passado, prepara o futuro. Afinal, o autor em apreço falava de um local social bastante privilegiado, visto que participou ativamente da vida política da cidade desde o início do século.

Para relatar a história da criação do município de Uberlândia, subtítulo do livro, Tito Teixeira, remonta às bandeiras paulistas que atravessaram a região em busca de ouro, na segunda metade do século XVII e, em seqüência cronológica, vai datando a exploração e ocupação do território, pontuando os nomes dos “entrantes” (séc. XIX) e as condições de crescimento do arraial que já *se apresentava com aspecto*

¹⁴³ SEIXAS, Jacy A. de. “Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica”. In: *Razão e sentimentos na política*. Brasília, UNB, no prelo.

_____. “Os tempos da memória: a (des)continuidade. Reflexões sobre a memória histórica”. Mimeo, 1999.

de vida útil, esforçando-se para manter os foros de colaborador permanente e eficiente nos círculos políticos e religiosos.⁽¹⁴⁴⁾

Enquanto vai narrando o desenrolar da história do povoado, arraial, freguesia, vila, município de São Pedro de Uberabinha, por vezes o autor nos deixa perceber os conflitos políticos e sociais existentes, explicando-os como decorrentes do crescimento, com naturalidade, *como acontece em todos os municípios e povoados*. Porém encerrados os conflitos, *tudo serenado, Uberabinha voltou a sua vida habitual de calma e respeito.*⁽¹⁴⁵⁾

Segue-se com a apresentação das autoridades municipais (agentes executivos, prefeitos, câmara municipal, juizes, promotores e outros), orçamentos municipais, relação dos estabelecimentos comerciais e de ensino e boletins do IBGE acerca das estatísticas de produção e arrecadação, vias de acesso, associações, clubes, serviços, e outros. Nessa parte, o livro se assemelha a um guia de apresentação, um histórico da cidade em seus aspectos físicos e humanos iniciando com a ocupação da região à década de 60 do século XX.

Em ato contínuo, inicia-se uma nova etapa na obra, intitulado Organizações, Feitos e Fatos, em que valendo-se de duas outras obras consultadas (*Brasil Central – Notas e Impressões* e *Entre os Índios do Xingu*) relata o assentamento da base Fundação Brasil Central, colaborador da Expedição Roncador Xingu, instituída pelo governo federal com vistas a ocupação do interior do território brasileiro; descrição da criação de uma série de entidades, uma exposição pormenorizada da Revolução de 1930 em Uberlândia, e, por fim, das manifestações culturais e história do distrito de Miraporanga.

No segundo tomo da obra consta a relação, em ordem alfabética, dos dados biográficos de cento e sessenta e duas personagens considerados ilustres com suas respectivas origem, filiação e descendência familiar, atuação profissional e/ou política. Cabe ressaltar que o Cônego Pedro Pezzuti é biografado, sendo descrito como zeloso pastor que serviu à comunidade uberlandense por muito tempo. O próprio Tito Teixeira é biografado por seu sobrinho Fábio Teixeira. Ao fazer a revisão da obra, este ao perceber que a mesma pecava por não mencionar o próprio autor, se dispôs a escrever porque *em toda iniciativa visando o progresso, em todos os empreendimentos*

¹⁴⁴ TEIXEIRA, Tito. Op. Cit. V.1. p. 33

¹⁴⁵ Idem. p. 33, 60.

de grande monta para o engrandecimento de Uberlândia, Tito Teixeira estava sempre presente. Como pioneiro, amansou sertão no lombo do burro. Era pau-para-tôda-obra. (...) Um autêntico “pioneiro do Brasil Central” ⁽¹⁴⁶⁾. Ao final, algumas fotografias celebram a Uberlândia de 1970, data de publicação do livro. Nesse volume, são reafirmados alguns valores dos denodados homens que “fizeram” Uberlândia, como a coragem diante dos desafios, o trabalho enquanto fonte do progresso, a persistência para alcançar o alvo proposto.

Durante o percurso da narrativa, há indícios que nos prendem a atenção, ao apontar aspectos constitutivos do imaginário sócio-político de Uberlândia que desencadeiam representações e práticas.

Segundo o censo IBGE, na década de 60, Uberlândia possuía uma população de aproximadamente 100.000 habitantes, ou seja, obteve um crescimento de mais de 50% em relação a década anterior, que era de cerca de 60.000 ha. Esses números contribuíam com o sentimento de ufanismo dos sujeitos uberlandenses. A cidade detinha um crescimento superior às cidades da região e os melhoramentos urbanos se faziam sentir, principalmente no tocante à urbanização e industrialização. E sob a ótica da industrialização, o livro de Tito Teixeira indica-nos o papel assumido pela Associação Comercial, Industrial de Uberlândia para sua efetivação.

Ao mencionar as associações, Tito Teixeira menciona a criação da Associação Comercial de Uberabinha, gérmen da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia – ACIUB. A primeira foi fundada em 1924, por iniciativa de uma comissão de comerciantes. Todavia, por falta de adesão, a iniciativa não durou e, em 1933, foi efetivamente criada a ACIAPU – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia, sendo essa data considerada oficialmente o momento fundante⁽¹⁴⁷⁾. Solidificada, a ACIAPU realizava, anualmente, uma feira de exposição para demonstrar a produção local, mas sua preocupação era desenvolver a indústria, uma vez que a partir dos anos 50, notadamente com o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek, esse lema tornou-se uma questão de honra nacional. Atenta às questões da modernidade, a já ACIUB – Associação Industrial e Comercial de Uberlândia – reuniu forças para lutar em prol da industrialização.

¹⁴⁶ Ibidem. V.2. p. 472-3.

¹⁴⁷ ACIUB em Revista. Edição Comemorativa de 50 anos. Uberlândia: Ed. SABE, 1983. pp. 22-24.

Na segunda metade da década de 50, a implantação de um distrito industrial tornou-se o assunto palpitante nas páginas da imprensa, nas rodas sociais e políticas, conclamando todas as entidades de classe, autoridades, toda a população para obtenção da *independência de toda a região*. Foi criada a Comissão Permanente de Defesa dos Interesses da Cidade para discutir pormenorizadamente a questão, pois que, na afirmação de seus representantes, *ninguem ignora que o futuro de Uberlândia, futuro estável e promissor está na medida direta de sua industrialização*⁽¹⁴⁸⁾. Durante todo o ano de 1959, a Comissão realizou o Congresso de Desenvolvimento Industrial a fim de negociar a instalação da cidade industrial, uma vez que no estado de Minas Gerais seriam criadas dez cidades industriais, sendo que Uberaba e Uberlândia disputariam a preferência na região. Uma vez mais, a referência ao futuro da cidade como *estável e promissor*. Decorridos 71 anos da emancipação (1888 -1959), o desenvolvimento ainda não era o sonhado e a estabilidade do futuro dependia da industrialização. Uma insatisfação impulsiona para além, impedindo de gozar das conquistas já alcançadas.

A Associação enviou, ao governador do estado, correspondência oficial expondo os melhoramentos existentes na cidade que, a seu ver, comprovavam ser Uberlândia digna de elevado benefício⁽¹⁴⁹⁾ e assim obtiveram resposta positiva do governador que assinou o decreto autorizando a criação da Cidade Industrial. A obra foi inaugurada dois anos após essa data.

Tito Teixeira apresenta a ACIUB da seguinte forma:

A Associação Comercial, Industrial e Agro-Pecuária, com o desenvolvimento vertiginoso da cidade, tornou-se um dos mais importantes postos de observação e vigilância dos reais interesses do município.⁽¹⁵⁰⁾

Essa afirmação, a nosso ver, é denotativa do papel que a própria ACIUB se atribuía. Tito Teixeira, que integrou a associação por longo período, visto sua atuação como comerciante, considera a ACIUB um *posto de observação e vigilância dos interesses do município*, como a demonstrar que a mesma era mais do que

¹⁴⁸ Revista *Elite Magazine*. Uberlândia. Nº18. Ano 2. Julho/1959. p.20

Uberlândia. nº 17. Ano 2. Junho/1959.

Uberlândia. nº 22. Ano 3. Novembro/1959.

¹⁴⁹ O ofício, nº183/59, de 29/04/1959, denominado de *exposição de motivos*, foi transcrito por TEIXEIRA, Tito. Op. Cit. V.1. p. 264-5.

¹⁵⁰ Idem. p. 262.

representativa dos setores comerciais, industriais e agropecuários, exercia um papel político bastante acentuado. Ao mobilizar a autoridade máxima do estado, fazendo-a firmar compromisso público, vê-se que suas práticas se estendiam para além do domínio econômico. Aliás, os integrantes da diretoria eram, geralmente, elementos da própria classe dominante, pertenciam ao grupo político no poder.

Outra referência ao empenho de grupos (ou frações de grupo) para realização dos propósitos da ordem e do progresso, diz respeito à construção da Catedral de Santa Terezinha. A matriz da cidade dedicada à Nossa Senhora do Carmo e a Igreja do Rosário eram consideradas muito velhas. A imprensa afirmava que a cidade merecia uma nova construção, digna de sua condição de adiantamento.

É tempo de se pensar na construção de uma boa igreja, em nossa cidade. A Matriz, velha, pequena, antiquada, não está mais convindo ao nosso desenvolvimento e progresso que, ininterruptamente, nos anima.⁽¹⁵¹⁾

O desenvolvimento da cidade deveria ser diretamente proporcional ao melhoramento da imagem urbana, de modo a oferecer uma imagem atraente que confirmasse a representação construída. Pezzuti, também, em 1922, afirmava que o edifício da matriz era antiquado, não coadunando com o marcha de progresso da cidade. A reivindicação para a construção de uma nova igreja matriz é revestida de certo utilitarismo: o prédio não convinha ao desenvolvimento local, como que à medida que a cidade vai crescendo, o antigo cede lugar ao novo, os objetos só possuem valor na medida que atendem as aspirações dos indivíduos. Alcançados os objetivos ou havendo alteração nos princípios, deve-se alterar o espaço e o que nele há, de forma que demonstre as vitórias alcançadas.

No ano de 1926, foi entronizada na cidade a imagem de Nossa Senhora Terezinha do Menino Jesus e, no ano seguinte, formada uma comissão para aquisição de uma área central, a fim de construir uma nova matriz. A Igreja do Rosário, por sua vez, foi construída em 1931. Adquirida a área, foi lançada a pedra fundamental sob o argumento de *dotar a população de um templo na altura dos fóros que mantemos de um povo progressista e religioso por excellencia*⁽¹⁵²⁾. Desse ato à inauguração passaram-se oito anos.

¹⁵¹ Jornal A TRIBUNA. 18/01/1920, Nº 19.

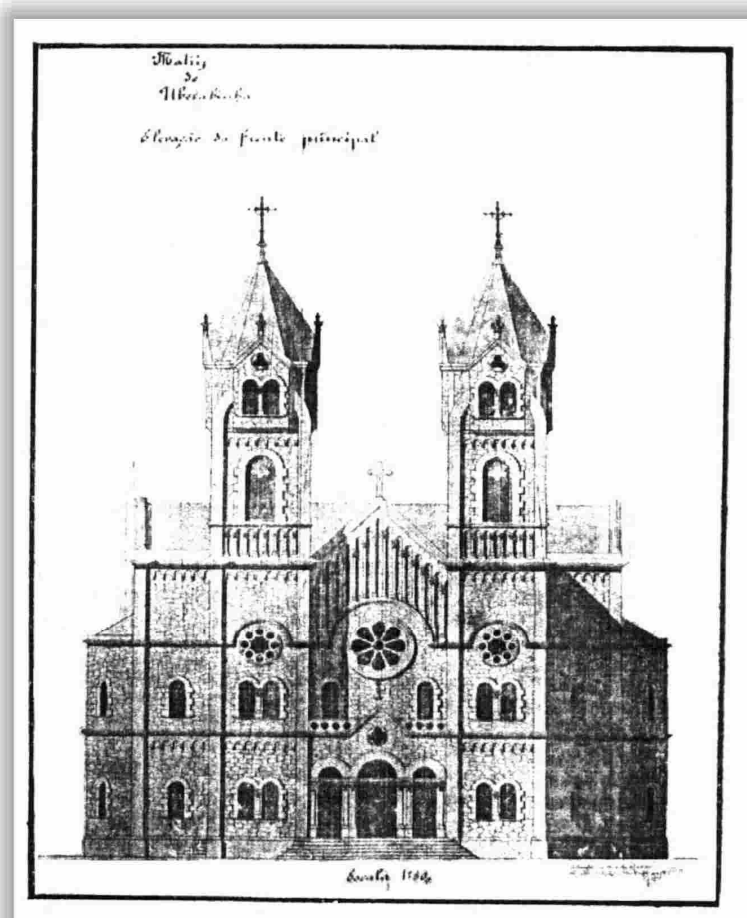
¹⁵² Jornal A TRIBUNA. 08/03/1933. Nº 671.

A esse processo, Tito Teixeira dedica atenção, desde a formação da primeira comissão ao evento de inauguração da matriz. Segundo ele, foram realizadas uma série de *Barraquinhas festivas* (quermesses, mensalidades, depósito bancário) para arrecadar verbas para a construção, das quais fornece os balancetes. A composição das comissões são descritas e vemos que nelas estavam presentes nomes correntes no cenário político da cidade. Oito dias antes de ser inaugurada, com bastante galhardia, diga-se, ao final de 1941, o jornal da cidade publica matéria, que nosso memorialista fez questão de reproduzir, enaltecendo a empreitada coletiva e adjetivando o novo templo de *suntuoso, obra monumental, um templo a altura do nosso povo*⁽¹⁵³⁾. O que nos chamou atenção no fato de o autor relatar a construção do novo templo católico, é que o mesmo é emblemático do que sempre sonhou para a cidade. A maquete construída para o novo edifício dá-nos uma impressão de uma catedral européia, em estilo modernista que impressiona o espectador. Ainda que não tenha sido edificada consoante ao modelo, tornou-se um dos pontos de referência da cidade: a praça, o fórum, as casas comerciais, os carros alinhados nos estacionamentos circundantes, e, a matriz, um “lindo cartão de apresentação”.

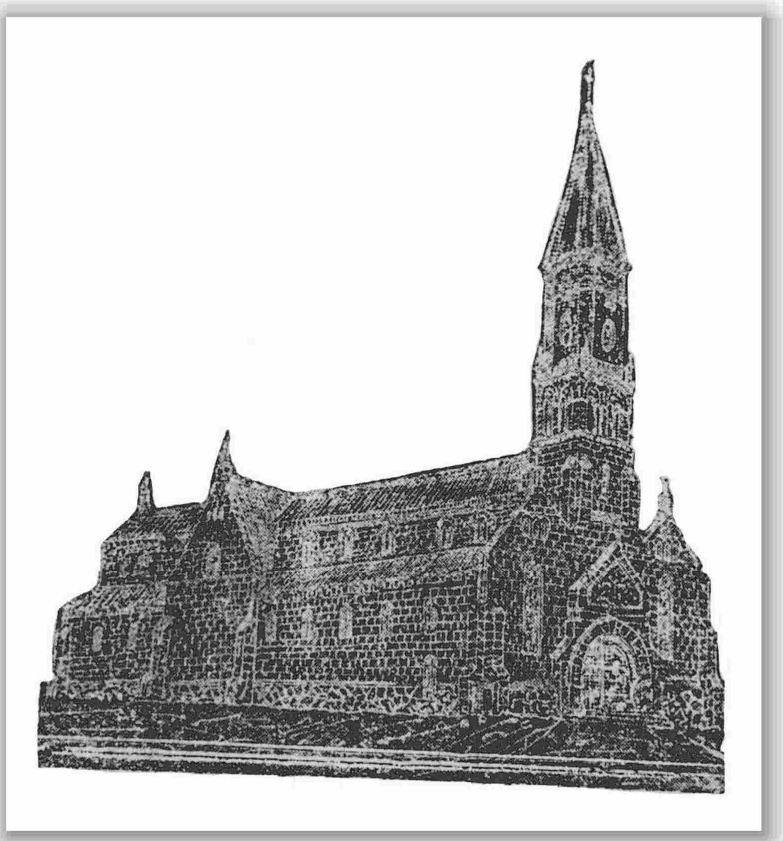
Mais uma vez nos remetemos a Burke⁽¹⁵⁴⁾, no tocante a sua análise sobre as idéias do sublime e do belo. O edifício da matriz impressiona, e se observarmos seu interior, veremos que a sensação é de espanto. Os vitrais pintados com motivos do sacrifício de Cristo, a altura da edificação, o tamanho da escultura da crucificação, a suntuosidade de detalhes, tudo colabora para causar impressões profundas nos indivíduos. Aqui os sentimentos do belo são suplantados pelos sentimentos do sublime, a imagem é magnificente. E o que lhe dá brilho é o fato de que foi um empreendimento de indivíduos audazes, que se uniram por um só objetivo.

¹⁵³ TEIXEIRA, Tito. V. I. Op. Cit. p. 197-8. Durante todo o processo de construção, o Jornal *A TRIBUNA* vez ou outra escrevia um editorial comentando-o e quando o templo foi descerrado, com vivas de júbilo, o editor escreveu: *Com justo orgulho, a comunidade uberlandense pôde oferecer aos olhos maravilhados de todos, o extraordinário e monumental templo católico, (...), muma perene proclamação dos mais elevados sentimentos que animam um povo, que sempre pautou sua intrínseca superioridade realizadora, pelo trabalho ingente, pelo esforço absoluto, consignando através da sua história, páginas refulgentes e envaidecedoras.* 01/01/1942. nº 1553.

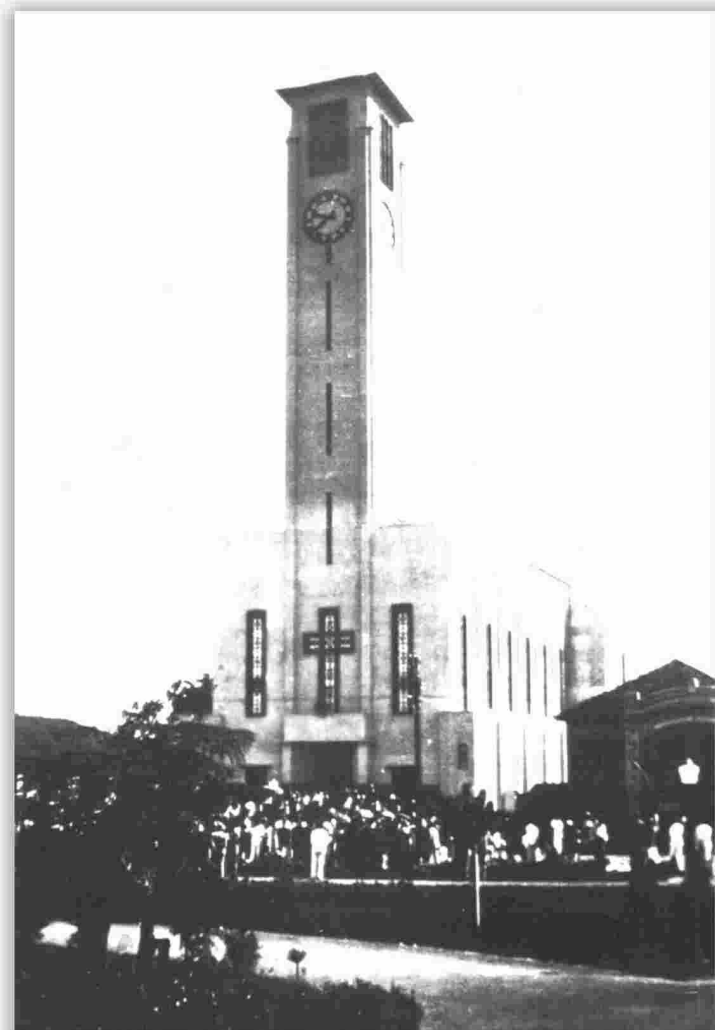
¹⁵⁴ BURKE, Edmund. Op. Cit.



Projeto da Nova Matriz de Uberabinha, 1922.
Fonte: PEZZUTI, Pedro.
Município de Uberabinha

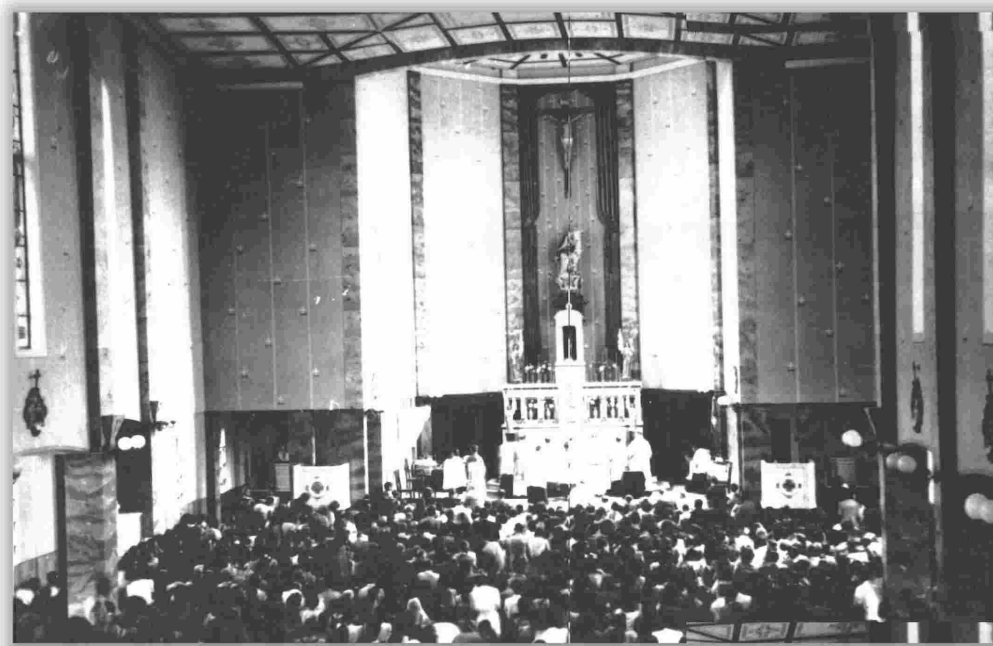


Projeto de construção da Matriz de
Nossa Senhora Terezinha
Fonte: *Jornal A Tribuna*,
18/06/1933, nº 698, Anno XIV



Inauguração da Matriz de

Nossa Senhora Teresinha



Aspecto Interior da Matriz – 1944 -Fonte: CDHIS/UEU

O autor faz uma referência que não confere com outras fontes pesquisadas. Afirma que a construção bateu o recorde de tempo, pois, *não há exemplo de que, em menos de dois anos, possa ser iniciada e concluída uma obra de tamanho vulto*⁽¹⁵⁵⁾. Sua versão parece não considerar o lançamento da pedra fundamental em 1933, mas a intensificação das obras de construção a partir de 1939. O que nos interessa não é a questão da verdade, porém o fato das diferentes formas de apropriação de um mesmo acontecimento. Que povo construiu? As pessoas comuns, dificilmente vistas no livro de Tito Teixeira, por não possuírem cultura, estão alijados do processo. A construção da cidade é realizada por filhos diletos da terra, pessoas vinculadas a posições sociais de destaque.

Além da concepção de história como guia, os memorialistas vêem as manifestações da cultura popular como folclóricas; cultura é erudição, restrita a determinados grupos sociais que podem acessá-la via educação. Segundo essa concepção de cultura, as idéias, crenças e produções originais são naturalmente produto das classes superiores que são, posteriormente, difundidas nas classes sociais subalternas ou inferiores que delas se utilizam, mas de forma deturpada. Sob essa perspectiva, cabe aos intelectuais, como seu caso, ensinar as formas corretas de manifestação cultural. A apresentação que faz Tito Teixeira do número de escolas de confissão religiosa e laica, ensino profissionalizante e superior, é demonstrativo do nível de civilização e erudição que desejava introjetar no povo uberlandense, formando o cidadão que contribuiria com o desenvolvimento da terra⁽¹⁵⁶⁾. O ideal de civilidade era aquele abraçado pelos grupos sociais dominantes, os projetos de desenvolvimento, o nível de escolarização, o “espírito” empreendedor, o vocabulário utilizado, os locais de lazer e entretenimento. Na verdade, essa concepção encobre o princípio de dinamicidade da cultura.

Em sua obra, Tito Teixeira elenca a nomenclatura popular das primeiras ruas e praças de São Pedro de Uberabinha, no século XIX. Nomes comuns como Rua do Pasto, Rua da Areia, Rua da Chapada, Beco do Melo, Córrego das Tabocas, Capão Seco e outras⁽¹⁵⁷⁾. Consideramos esse fato importante no sentido de que ele aponta por um lado para uma pretensa dicotomia cultura erudita e cultura popular. Por outro,

¹⁵⁵ TEIXEIRA, Tito. V.1 Op. Cit.. p. 198.

¹⁵⁶ O autor menciona que segundo o Boletim de Estatística Municipal de Uberlândia no ano de 1962, a cidade possuía 90 escolas primárias, nove escolas secundárias, cinco escolas de ensino superior. Nesse universo, elegeu algumas que considerou de maior realce. TEIXEIRA, Tito. V.1. Op. Cit. pp.98, 143-173.

¹⁵⁷ Idem. pp. 62-66.

percebemos a circularidade de suas manifestações afetando e influenciando ora em uma, ora noutra. Há uma influência recíproca. Concomitantemente, elementos culturais são impostos às classes populares, e dessas, outros são incorporados pela cultura conservadora. Isto é, as idéias e concepções circulam entre os diferentes grupos sociais, estando em constante evolução, produzindo variedades históricas⁽¹⁵⁸⁾. Cidade que se desenvolvia sem planejamento, das primeiras trilhas foram se formando as ruas, e a denominação delas não foi regulamentada. Assim, a Rua do Pasto ganhou essa alcunha porque terminava defronte a porteira do pasto da Igreja, a Rua da Chapada porque acompanhava o curso do rego d'água, o Capão Seco, um monte de mato isolado no meio do cerrado, o Caburé, um lago onde as crianças se arriscavam longe dos olhares dos pais, inspirado no gaviãozinho caburé que habitava as árvores da redondeza, o Beco do Chico Caturno era fronteiro ao quintal da aludida pessoa.

A incorporação dos nomes populares revela que, embora a pretensão de forjar uma memória do progresso, construindo práticas que assegurassem um futuro próspero, os sujeitos uberlandenses nem sempre foram uníssonos no empreendimento, conceitos culturais arraigados explicavam satisfatoriamente o mundo. A idéia de Uberlândia como cidade grandiosa sai da classe dominante, penetra as classes subalternas e é confirmada coletivamente. Todavia, não parece assim tão mecânico. O discurso é percebido de diferentes formas, pois as idéias são constantemente reelaboradas pelos sujeitos. Através das relações sociais, as concepções circulam e são mediadas, influenciando, reciprocamente, os grupos sociais distintos.

O tratamento dado por Tito Teixeira aos sujeitos históricos é diferenciado. Ao rememorar a Revolução de 1930, em Uberlândia, o faz com certo entusiasmo, afirmando que a causa revolucionária foi defendida pelo povo. Em seu trabalho, Eliane Freitas destaca que os sujeitos históricos privilegiados são os políticos que lideraram o movimento, e o povo, denominação genérica, que como soldado defende a causa da liberdade, porque até então estivera escravizado, uma vez que é o único capaz de restituir a liberdade à Nação⁽¹⁵⁹⁾. A liderança é ressaltada como sábia, impoluta que, a despeito das intempéries, soube conduzir a causa revolucionária à vitória. A mulher

¹⁵⁸ Acerca da discussão da circularidade entre as culturas, ver: BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: 2ª ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Ed. da UNB, 1993. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

¹⁵⁹ FREITAS, Eliane M. Op. Cit.

aparece como sujeito de função definida, apoio moral, material e afetivo, estimuladora dos ânimos.

Sendo vitorioso, o comando revolucionário da região foi recebido na cidade com festas. Por outro lado, as entrelinhas da narrativa denunciam que o cotidiano, durante os vinte e um dias do movimento, foi bastante afetado. A pacata cidade da ordem e progresso tornou-se uma praça de guerra. Como sede do Comando Revolucionário, a cidade viveu sob código militar, controle de preços, salvo conduto para deslocamento. Editais, avisos, intervenções no processo de produção, nas relações sociais, afiguram-nos que os habitantes tiveram seus hábitos alterados.

As sombras da população pobre, do homem comum que aparecem na narrativa de Tito Teixeira, visam reafirmar o discurso e as representações elaboradas pelos grupos dominantes. Semelhança encontrada nos demais memorialistas que aqui abordamos. Como sugerimos, cada um deles teve acesso à obra produzida anteriormente, isto é, Tito Teixeira, o último a produzir, leu Pezzuti, este, por sua vez, leu Capri. A impressão absorvida da leitura das obras desses autores é que uma atualiza o período posterior a outra.

As semelhanças entre Pedro Pezzuti e Tito Teixeira são mais explícitas. As bandeiras do século XVII são o evento fundador da história do município, o caráter desbravador dos pioneiros, as etapas de formação e desenvolvimento do arraial até sua emancipação, a administração política de caráter personalista, a laboriosidade e ordem imperantes no seio social e político. Se Tito Teixeira atualiza a memória local com o acréscimo de novos exemplos, conforme afirma Martins, *em Pezzuti temos o momento de sistematização de um discurso, que se encontrava na fala do poder e da imprensa sobre a Uberlândia, momento de constituição da memória história que tornou-se uma tradição aceita e repetida até os dias de hoje*⁽¹⁶⁰⁾. Acrescentamos à autora, que esse discurso, além dos locais apontados, já estava presente em Roberto Capri, o primeiro a tentar sistematizá-lo.

Considerando que, como aponta Halbwachs, existem quantas memórias, quantos grupos sociais existirem, a memória é coletiva⁽¹⁶¹⁾. Muitas lembranças podem não ser experimentadas, são lembranças de outros que foram incorporadas no interior do grupo social. As obras memorialistas contribuem com essa prerrogativa, pois quando os

¹⁶⁰ Idem. p. 79.

¹⁶¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1979.

diferentes sujeitos sociais se apropriam delas, reelaboram determinadas representações que, concomitantemente, suscitam práticas que corroboram a dominação. Daí algumas semelhanças entre os memorialistas uberlandenses que pelo desejo de transformar a história local em instrumento de dominação, faz com que seja forjada uma memória que, para além de quaisquer conflitos, um grande futuro aguarda esse “abençoado torrão”.

Alem chama nossa atenção para o fato de o discurso nativo apresentar Uberlândia como tendo o atributo da modernidade. Nele, a população parece quase sempre alinhada às representações coletivas dominantes, sendo incorporadas às falas cotidianas⁽¹⁶²⁾. Nesse sentido, forma-se uma memória histórica mais ou menos hegemônica. Roberto Capri, Pedro Pezzuti, Tito Teixeira são memorialistas que, escrevem a história local, consoante a função pedagógica de construir uma memória que a valide. Ao longo do tempo, suas obras foram diferentemente apropriadas e ainda auxiliam na justificação do discurso grandiloquente de Uberlândia.

2.2 - A Imprensa

A imprensa é uma das formas mais eficazes de difusão de idéias. Como órgão de comunicação de massa, busca atingir um número de leitores em ampla escala e de modo simultâneo, auxiliando no modelamento de comportamentos, idéias, sonhos. Veiculando informações fragmentadas, cria-se a necessidade de representações globais a fim de situar o indivíduo, dando-lhe identificação. O que pode ser visto na moderna propaganda que, nos afirma Baczko, *goza de possibilidades técnicas, culturais e políticas que permitem fabricar e manipular as emoções e imaginários coletivos*⁽¹⁶³⁾.

A identidade coletiva advém do imaginário, bem como a hierarquização social que legitima o exercício do poder. Como a influência do imaginário social e político depende, em grande medida, de sua difusão e introjeção, é necessário manter meios que assegurem-se desse objetivo e, ao mesmo tempo, controlá-los. *O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem*⁽¹⁶⁴⁾, daí

¹⁶² ALEM, João Marcos. “Representações coletivas e história política em Uberlândia”. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia: N°4. pp.79-102. Universidade Federal de Uberlândia. Jan/Jun 1991.

¹⁶³ BACZKO, B. “Imaginação Social”. Op. Cit. p. 214

¹⁶⁴ Idem. p. 311.

a importância da imprensa que como guardiã das representações projetadas, corrobora a dominação.

O primeiro órgão de imprensa de Uberlândia foi fundado em 1897, denominado *Jornal A Reforma, paladino de um povo ansioso de progresso e de idéias evoluídas*⁽¹⁶⁵⁾, semanário “independente” funcionando com autorização da Câmara Municipal, e circulando durante quatorze meses, que seja março/1897 a maio/1898. Um mês após extinto, a Câmara Municipal adquiriu a oficina de impressão e lançou seu órgão oficial, *Gazeta de Uberabinha*, que segundo o memorialista Jerônimo Arantes, *limitava-se o seu programa principal a dar conhecimento dos atos afetos á Camara, pródigo em bajulações ás pessoas mais chegadas ao poder constituído*⁽¹⁶⁶⁾. Circulou durante dois anos e foi substituído por *Cidade de Uberabinha* e *A Semana*, ambos também, órgãos oficiais da Câmara Municipal. De pequena tiragem e com dificuldades técnicas e operacionais, esses semanários tiveram curta duração e quase nenhum registro. Existe apenas uma página de *Cidade de Uberabinha* acondicionado no Arquivo Público de Uberlândia.

A partir de 1907, um particular montou uma nova tipografia e criou o jornal *Nova Era*, e a antiga tipografia da Câmara Municipal foi adquirida por particulares para a impressão de um novo semanário, *O Progresso*.

O semanário *Nova Era* perdurou apenas por seis meses, período que a reivindicação de construção de uma ponte sobre o rio Paranaíba, como necessidade de uma companhia de eletricidade para explorar o potencial hidráulico do município, marcaram suas páginas, incitando ações que levassem ao *progresso de Uberabinha, pois sem iniciativa nada se consegue*⁽¹⁶⁷⁾. Já *O Progresso* teve vida mais longa (1907-1914), intitulando-se *órgão dos interesses sociaes da cidade de Uberabinha*, e, em suas palavras, defendia com ardor patriótico, as causas atinentes ao desenvolvimento da cidade, levantando e debatendo os atributos naturais e humanos que concorriam para tal fim.

Concomitante à circulação de *O Progresso*, em 1914 foram veiculadas, durante três meses, algumas edições de um jornal semanal chamado *Paranahyba*, órgão ligado ao Partido Republicano Conservador, “coió”, oposição à administração que, naquele momento, estava abrigada no Partido Republicano Municipal ou “cocão”. A orientação

¹⁶⁵ “A Imprensa de Uberlândia”. Revista *Uberlândia Ilustrada*. Uberlândia. Nº 14. Dezembro/1947. p. 4.

¹⁶⁶ Idem. p. 5.

¹⁶⁷ Jornal *NOVA ERA*. 30/01/1907. Nº5. p. 1.

do jornal, segundo seu editor, dependia da marcha partidária de Uberabinha. No entanto, tinha um só propósito que era *contribuir com o progresso da cidade*. Outro aspecto é que circulava por todo o Triângulo Mineiro e inspirava a idéia de separatismo, que abrangendo o Triângulo e o sudoeste de Goiás, formaria um novo estado por nome Paranahyba. Sofrendo forte oposição da administração foi logo extinto.

Outrossim, há registros de inúmeros jornais que pulularam na cidade, em sua maioria como forma de oposição ao governo municipal e tiveram uma duração efêmera embora alardeassem o desenvolvimento local. Dentre eles citamos alguns a que tivemos acesso: *O Comercio*, (1915), *Diario de Uberabinha* (1917), *A Noticia* (1918), *O Corisco* (1920), *O Alarme* (1924), *Folha Municipal* (1929), *Diário de Uberlandia* (1935), *Jornal de Uberlandia* (1936).

A documentação da cidade acusa a existência de um considerável número de jornais desde o primeiro, *A Reforma*, aos dias atuais em que os dois principais são: *Correio* e *O Triângulo*, ambos nascidos no final dos anos 30. E dentre o elenco de jornais existentes em Uberlândia, atentaremos mais especificamente para *O Progresso* e *A Tribuna* buscando, de forma detetivesca, as pistas, indícios e sinais que apontem o discurso e contradiscurso que fundamentam o imaginário e conferem sentido ao mundo, às práticas sociais e políticas dos sujeitos. Optamos por analisar mais detidamente esses dois jornais porque sua existência coincide com o período em que vai se constituindo o imaginário. Quando a cidade toma impulso, no início dos anos 50, esse imaginário já está basicamente formado. Ao reivindicar melhorias que garantissem desenvolvimento, o discurso permite perceber as suas próprias contradições; ao combater os dissidentes é possível notar as resistências, as lutas de representações; ao alardear os predicados locais é perceptível a força do imaginário, as apropriações do discurso que se materializam em práticas, em sensibilidades.

A transformação da crença em atitude está relacionada à história da constituição de produtores especializados nos discursos afirmativos e, nesse sentido a imprensa é uma das estratégias de poder simbólico, à medida que valendo-se da produção simbólica, fornece um sentido imediato ao mundo, que é acreditado como legítimo, pela crença na legitimidade das palavras produzidas, haja vista que *o poder*

simbólico é uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder⁽¹⁶⁸⁾.

Para compreender a percepção do mundo social apresentada na imprensa, deve-se compreender as representações que os sujeitos sociais possuem, o que pleiteiam. A pequena Uberabinha, do início do século XX, tinha como postulado construir um esplêndido futuro e para isso era necessário envolver todos seus habitantes, convencendo-os de sua viabilidade. Por outro lado, um questionamento nos inquieta: quem eram os leitores dos semanários uberabinhenses? Provavelmente, o número de leitores era bastante reduzido visto pelo número de habitantes da cidade e pela condições sócio-econômicas e culturais da maioria da população que habitava a zona rural⁽¹⁶⁹⁾. E embora fosse considerável o número de bancos escolares na cidade, o acesso não era facultado a todos, isto é, poucos eram aqueles que possuíam condições de manejar as letras.

A própria forma de apresentação dos jornais indica o direcionamento para o qual estavam voltados e, em suas páginas, não é difícil perceber suas visões de mundo que coadunavam com o ideário de modernidade, ordem e progresso. Voltada a um público específico, frações de grupos sociais de maior poder aquisitivo e acesso cultural, a imprensa uberlandense sempre demonstrou clareza nos objetivos a que se propôs cumprir. São comuns as notas sociais, ou anúncios de festas e recepções oferecidas por determinados indivíduos, o elogio a alguma figura política, anúncios das casas comerciais, notícias locais, crônicas entusiastas, poesias e canções. Quando há uma manifestação de descontentamento é para suscitar o ânimo em prol dos objetivos empreendidos, ou reivindicar melhorias. A população pobre está ausente, quando aparece é apontada em tom crítico, por suas ações anti-higiênicas, sua relutância em obedecer a ordem social e aos princípios de modernidade. A utilização de imagens privilegia as paisagens que “embelezam” a cidade: as ruas, praças e jardins, as casas comerciais, os palacetes, os personagens ilustres.

Dadas as dificuldades de acesso, e consideradas as dificuldades para manter em funcionamento órgãos de imprensa no interior do país, na primeira metade do século

¹⁶⁸ BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Op. Cit. p.15.

¹⁶⁹ Essa dificuldade é perceptível na nota de esclarecimento do fim do Jornal *Paranahyba*. Nela o redator justifica que *os recursos deste meio são escassos e o número dos que lem é assás reduzido*. Jornal *Paranahyba*, , 10/12/1914. nº 24. O número de habitantes do município era de 15 mil, em média, nas duas primeiras décadas do século XX.

XX, uma outra questão se põe, que é a da produção em si. Quem produzia o jornal? De que local social produzia? Para quem produzia? Com que vistas produzia? A imprensa em Uberlândia, já em seu princípio, foi gestada junto ao poder público. Como visto, os primeiros jornais pertenciam à Câmara Municipal, funcionando como um arauto oficial de seus atos. O primeiro jornal “independente” na verdade foi criado, em 1907, na trilha dos antecessores, visto que particulares ligados ao grupo dominante, adquiriram a antiga tipografia da Câmara Municipal para editá-lo. Como “atalaia do progresso”, sempre à brecha para anunciar o novo, colocou-se na defesa de interesses ditos coletivos, acima de quaisquer outros interesses, reafirmando as concepções e orientando a ação.

Mas, até que ponto podemos aferir sua eficácia na constituição do imaginário da cidade?

O jornal *O Progresso*, circulou por oito anos ininterruptos, 1907-1914. Era a voz oficial da cidade, autodenominava-se órgão dos interesses sociais da cidade, sua epígrafe afirmava: *orgão imparcial e defensor dos interesses sociaes*, e empunhou as lutas para a elevação da cidade à condição do sonhado progresso. Importante aliado político da administração por tentar legitimá-la, fazer crer que se realizaria o que se dizia, de modo a validar a hierarquização social, embora negar que trataria de política em suas páginas. Suas palavras de ordem contribuíam para consolidar as representações, dando veracidade e autoridade pois que, proferidas com autoridade, por elementos de intenso cabedal intelectual ou políticos, os indivíduos se reconheciam nelas.

A imprensa uberlandense, em todo tempo, desempenhou um papel deveras importante para a consolidação das representações construídas. Como uma tribuna, muitas vezes, suas páginas eram palco das disputas pelo domínio político das frações da classe dominante, reivindicações de melhoramentos, vitrine da paisagem urbana, esclarecimentos diversos, defesa ardorosa de princípios e projetos, panfletagem política, demonstração das condições sociais, políticas e culturais. Em suma, um espaço privilegiado de lutas em que suas palavras de ordem buscam consenso em torno dos projetos sociais e políticos vencedores.

O semanário *O Progresso* constantemente exaltava a cidade com expressões de grandiloquência:

Uberabinha progride a olhos vistos. Nossa terra fadada por Deus a esse grande futuro.⁽¹⁷⁰⁾

Das columnas do nosso modesto semanario, temos proclamado o adiantamento, a riqueza e os elementos naturaes de que dispõe este municipio. A prosperidade commercial de Uberabinha é um fato incontestavel. Apraz nos dar estas boas novas aos nossos leitores, alegra-nos levar ao longe a noticia da nossa prosperidade e a certeza de que em pouco, Uberabinha será uma cidade invejada e conhecida nos maiores centros comerciaes.⁽¹⁷¹⁾

Continue o povo de Uberabinha, na senda recta do progresso, com a boa vontade e patriotismo que vae abrilhando e terá juz a ser contado entre os lugares que mais uteis são á si e á patria. Avante!...⁽¹⁷²⁾

Eu sempre disse daqui que Uberabinha havia de ter nome (mas nome bom) entre as cidades importantes do nosso Estado. Eu sempre disse... Voltemos á Uberabinha. Ella vae ser alguma coisa... Alguma coisa mais, fóra do comum: occupar um posto mais elevado nas fileiras em que se alistára como cidade. Não sejamos caturras, nem nos passe pela mente, que um dia, de nós ficasse dependendo quanto esta cidade pudesse ter se prospero e de bom.⁽¹⁷³⁾

As expressões ainda que proclamem um venturoso futuro, indicam desejo, do vir a ser e não uma realidade. A senda do progresso parecia árdua, necessitava ser galgada com afinco até ver brilhar, ao final, sua radiosa luz. Por outro lado, há uma autoridade que reveste a afirmação, *fadada por Deus*, como a demonstrar uma certa infalibilidade porque por vontade divina, portanto inquestionável e sagrada, o futuro está assegurado, o estado de ânimo, então, era justificável. O artigo “Le monde marche”, publicado em 1908, demonstra o caráter entusiasta de que estava revestido o semanário, ao mesmo tempo o papel que se reservara a cumprir, que afirma não se furtar a mencionar os êxitos da pequena cidade que se avizinhava ser, em breve, importante centro comercial. Era preciso fazê-la conhecida e o jornal se dispõe a contribuir de modo a contagiar seus leitores a acreditar no desenvolvimento e envidarem esforços no sentido de concretizá-lo. O próprio nome do jornal, *O Progresso*, segundo seu redator, era intuitivo e constituía *atalaya do progresso de Uberabinha*⁽¹⁷⁴⁾.

Atribuindo a si próprio o papel de arauto de progresso local, *O Progresso*, estava cômico dessa função por entender que a imprensa era *creadora de acatamento e proteção de todos que desejam ver avançar na trilha do progresso e da prosperidade a*

¹⁷⁰ Jornal *O PROGRESSO*. 15/12/1907. Nº 13. p.1.

¹⁷¹ “Le monde marche – Uberabinha progride”. Jornal *O PROGRESSO*. 02/02/1908. Nº20. p.1.

¹⁷² Jornal *O PROGRESSO*. 06/06/1909. Nº 89. p.1.

¹⁷³ Jornal *O PROGRESSO*. 26/07/1914. Nº 353. p.1.

¹⁷⁴ Jornal *O PROGRESSO*. 13/09/1908. Nº 52. p.1.

sociedade⁽¹⁷⁵⁾ e por isto suas páginas não poupavam elogios à administração municipal, ao partido “cocão”- dominante na época, exaltando suas ações, devotando-lhe a razão do desenvolvimento da cidade. As críticas eram suavizadas, com o objetivo de incitar atitudes que redundassem em melhorias.

Precisamos encarar nossa situação com a necessária calma e bom senso, para não sermos colhidos de improviso pela mais penosa adversidade... Só as indústrias nos poderão salvar e conservar este grau de prosperidade a que chegamos e a que temos incontestável direito.⁽¹⁷⁶⁾

A água – Está difícil de se resolver este problema da falta de água na cidade. (...) Problema difícil, pois, de resolver não é o de água, mas, sim o de fazel-a correr com regularidade para todos os contribuintes. Estou certo que os dignos empregados da distribuição procurarão sanar essa irregularidade.⁽¹⁷⁷⁾

Numa estratégia que podemos denominar “destruição criativa”, muitas vezes uma edição continha uma crítica que cobrava uma determinada melhoria, para, em seguida, duas ou três edições posteriores, anunciar que foram tomadas as medidas cabíveis para sanar o problema ou que iniciaram os melhoramentos pleiteados. Como um termômetro, o jornal media os níveis de satisfação ou insatisfação dos elementos proeminentes da cidade, contribuindo para nortear as práticas que viessem corroborar as representações ensejadas.

A crítica aos opositores, por sua vez, era ácida, combatendo-os pela desqualificação de suas idéias e cobrando práticas que demonstrassem sua preocupação com o futuro da cidade, como o próprio jornal constantemente fazia.

Estamos convencidos de que os que mais gritam, são os que menos razão tem para o fazer, por não terem concorrido com um ceítíl para a realização de tão alevantado e humanitario empreendimento.⁽¹⁷⁸⁾

Se por um lado o discurso reafirmador dos propósitos da classe dominante fossem explícitos no semanário, por outro a crítica e os reclames existentes demonstram as contradições subjacentes à sociedade. A imagem de uma cidade ordeira e progressista muitas vezes foi maculada pela cobrança ao delegado de polícia de maior rigor na atuação contra elementos arruaceiros e bêbados que atentavam contra a ordem social; a

¹⁷⁵ Jornal *O PROGRESSO*. 12/01/1908. Nº 17.. p.1.

¹⁷⁶ “Prevendo o futuro”. Jornal *O PROGRESSO*. 04/01/1911. Nº 193. p.1.

¹⁷⁷ Jornal *O PROGRESSO*. 04/10/1914. Nº 363. p.1.

¹⁷⁸ “Casa de Misericórdia”. Jornal *O PROGRESSO*.. 14/03/1909. Nº 77. p.1.

carência de infra-estrutura é visualizada pelo constante reclame para a construção de um hospital (Casa de Misericórdia), um edifício para o fórum, abaulamento das ruas, abastecimento de água, instalação de fábricas.

Com a morte de seu editor, o jornal deixou de ser impresso em 1914 e em seu lugar os novos proprietários da oficina gráfica criaram *A Notícia*, que circulou no anos de 1918-19, com características semelhantes ao anterior. No período 1915 – 1919 houve, também, inúmeras folhas jornalísticas: *O Brasil*, publicação independente da Livraria Kosmos, o reduto intelectual da cidade, *O Commercio* (1915), e *Binoculo* (1916), ligados aos comerciantes (os caixeiros); *O Corisco* (1917), *Chaleira* (1917), *Diario de Uberabinha* (1917), primeira tentativa de implementar uma tiragem diária, *Violino* (1918)⁽¹⁷⁹⁾. Apesar de não termos acesso a todas essas publicações, algumas por não mais existirem exemplares, são indicativas de a atividade da imprensa ser de certa forma intensa, demonstrando que as lutas de representações foram igualmente intensas. Na constituição do imaginário sócio-político, os redatores dos jornais locais, vinculados aos grupos sociais dominantes, imaginavam a cidade que queriam para incitar práticas que a viabilizassem. Por meio de um discurso grandiloquente, buscavam tocar não só a racionalidade, mas as sensibilidades de seus leitores, compartilhando os sonhos idílicos e ufânicos de um local paradisíaco. Alguns deles como *O Corisco* que teve publicações esparsas até 1920, faziam críticas ferrenhas e bem humoradas⁽¹⁸⁰⁾, apontando as contradições existentes no seio da cidade. No entanto, sua crítica visava atingir a fração da classe dominante no exercício do poder, sem propor uma transformação mais profunda na sociedade, incorporando, de certa forma, o imaginário de progresso, caracterizando a sociedade uberabinhense como ordeira e inteligente.

Em virtude da irregularidade de publicação de jornais, foi criado o *Jornal A Tribuna*, de propriedade do Agente Executivo Municipal. Este se manteve por vinte e cinco anos em circulação, até 1944, funcionando como um dos principais estandartes do progresso e desenvolvimento locais. Nas páginas da Revista *Uberlândia Ilustrada*, o memorialista Jerônimo Arantes afirma que *A Tribuna* foi o jornal que *maior soma de benefícios prestou á vida da cidade e de uma vasta região*⁽¹⁸¹⁾. Outrossim, ele

¹⁷⁹ “A Imprensa de Uberlândia”. In: Revista *Uberlândia Ilustrada*. Uberlândia. Nº 14. Dezembro/1947. Publicação do memorialista Jerônimo Arantes, comemorativa do cinquentenário da imprensa em Uberlândia.

¹⁸⁰ *A política está dominada pela intelligencia sadia do Jéca!...* Jornal *O Corisco*. 01/081920. Nº 69. p.1.

¹⁸¹ “A Imprensa de Uberlândia”. In: Revista *Uberlândia Ilustrada*. Op. Cit. p. 11.

acrescenta que após a morte de seu redator chefe, 1944, houve uma paralisação de dois anos, ressurgindo em seguida como órgão de uma instituição católica, Instituto Cristo Rei. Inicialmente, o jornal foi criado como semanário, mas a partir de 1934, foi transformado em bi-semanário pelo volume de publicações e aumento de movimento na cidade.

Na realidade, o semanário nasceu de uma sociedade entre o agente executivo e particulares, com o propósito de ser órgão independente e noticioso para defender os múltiplos ideais da cidade, sendo órgão imparcial e estável.

Tudo quanto se relacionar ao desenvolvimento desta cidade, tudo quanto fallar directamente aos seus justos anhelos encontrará nesta folha apoio forte e decidido.⁽¹⁸²⁾

Em sua concepção a imprensa possuía um *papel sugestionador, que orienta, elucida, incentiva e inspira*⁽¹⁸³⁾, propósito firmemente mantido ao longo de sua existência. Vez por outra, o semanário lembrava a que veio:

É assim que esta folha, não obstante a fidelidade com que procura cercar suas noticias, parece exaggerar quando fala de Uberlândia. Parece é o termo proprio, porque em verdade não exaggeramos e, si o nosso corollario toma, ás vezes, um tom mais accentuado, não somos, comtudo, os primeiros a carregar nas tintas. (...) Quem quer que aporte aqui verá, pode ver, que só dizemos a verdade.⁽¹⁸⁴⁾

“A Tribuna” tem a sua origem modesta como quasi todos os jornais do interior, mas, uma folha a serviço a esta cidade gloriosa, como nenhum outro. (...) Porta-voz das suas necessidades e das suas glórias conquistadas, a golpe de audacia civilizadora, “A Tribuna” tem o seu passado para testemunhar o seu trabalho em favor do nosso desenvolvimento.⁽¹⁸⁵⁾

Poderíamos indagar: sobre qual fundamento a imprensa se atribuía o papel de *sentinela do progresso*? No caso de *A Tribuna*, seu editor e proprietário, Agenor Paes, era pessoa de reconhecido prestígio intelectual que com autoridade, apropriava-se das representações dos sujeitos sociais e transformava-as em discurso competente. Aliado ao poder político, foi-lhe assaz útil, pois detinha capital simbólico, isto é, a autoridade existe porque aquele que lhe está sujeito crê seja verdadeira, como aponta Bordieu:

¹⁸² Jornal *A TRIBUNA*. Editorial. 07/09/1919. Nº 1. Ano I. p. 1.

¹⁸³ Jornal *A TRIBUNA*. 21/03/1937. Nº 1088. Anno XVIII. p. 1.

¹⁸⁴ “Um pouco do que somos” Jornal *A TRIBUNA*. 22/02/1931. Nº 537. Anno XIII. p.1.

¹⁸⁵ “A maioria de d’A Tribuna”. Jornal *A TRIBUNA*. 07/09/1937. Nº 1137. Anno XVIII. p.1

Em política, ‘dizer é fazer’, quer dizer, fazer crer que se pode fazer o que se diz e, em particular, dar a conhecer e fazer reconhecer os princípios de di-visão do mundo social, ‘as palavras de ordem’ que produzem a sua própria verificação ao produzirem grupos e, deste modo, uma ordem social.⁽¹⁸⁶⁾

O nome do jornal, *A Tribuna*, sinaliza-o como local em que as “palavras de ordem” eram proferidas para arregimentar simpatizantes e, cada vez mais, fazer valer as representações construídas, visto que no campo político as forças são medidas pela capacidade de mobilização do grupo social em apreço, em combate por idéias, poderes e privilégios.

Criado à margem do poder público era deste assíduo colaborador, publicando seu expediente, as licitações, as convocações, leis e outros. Por essa razão, recebia sérias críticas de opositores, as quais rechaçava alegando ser um meio de colaboração com o desenvolvimento local. A menção dos melhoramentos projetados e realizados, as práticas sociais e culturais de seus habitantes, o movimento do comércio, o depoimento de visitantes à cidade, atributos elogiosos, eram algumas das formas de demonstração desse desenvolvimento.

Dentre os municípios do Triângulo é o nosso, sem contestação alguma, um dos que mais tem progredido nestes últimos dez anos. (...) Dotada de todos os melhoramentos de uma cidade moderna, Uberabinha oferece aos seus habitantes conforto que só se encontra nas grandes cidades do paiz.⁽¹⁸⁷⁾

Uberlândia é sempre a mesma em todas as suas manifestações e ninguém lhe consegue tirar o brilho porque é ella um diadema cravado no peito desse grande paiz em que Minas é o coração bondoso e sentimental que palpita, prende e perdoa.

(Dr. Silvino Pacheco de Araujo)⁽¹⁸⁸⁾

Ao lado de afirmações desse tipo que buscam consolidar o imaginário, promovendo ações efetivas, há um ponto importante a ser ressaltado. O progresso da cidade não era algo natural, foi planejado com acuidade e deve-se a alguns elementos ou fatores. A cidade é progressista, radiante e bela, porque espelhava-se em um *escol*, uma fração que se diferenciava dos demais dando-lhe uma aparência requintada. Vê-se o

¹⁸⁶ BORDIEU, P. Op. Cit. p. 185-6.

¹⁸⁷ PAIXÃO, Felix da. “Uberabinha”. In: *Jornal A TRIBUNA*. 03/05/1925. Nº 289. Ano VII p. 5.

¹⁸⁸ *Jornal A TRIBUNA*. Nº 656. 11/01/1933. Ano XV. p.1.

caráter elitista do redator, sua concepção é de que há um grupo seletivo que faz cidade. Subtende-se que ela não é para todos. Observemos:

Como é confortador dizer-se que vimos em um salão reunido o escol uberlandense. E como faz bem a nossa alma a sociabilidade dessa gente fina que faz de Uberlandia o que ella é, pela radiante belleza que possui!⁽¹⁸⁹⁾

Outra percepção é que atribui à iniciativa particular os melhoramentos urbanos.

Pouco a pouco a nossa cidade vae perdendo aquelle aspecto antigo, que, ainda alguns logares lembravam a tempo das bicas e animaes pelas ruas. (...) Do esforço particular, depende como sempre dependeu, o embellezamento da cidade. Em Uberlandia, a iniciativa particular tem sido uma certa preponderancia sobre a publica e por ella devemos o nosso progresso e os apprehendimentos mais importantes daqui.⁽¹⁹⁰⁾

Como no documento enviado a Assembléia Provincial em 1888 para a emancipação do município, detalhando os melhoramentos existentes na então freguesia, como a existência de capitalistas, leia-se indivíduos dotados de capital para investimentos, a Uberlândia de 1931 também possuía indivíduos comprometidos com o futuro dessa terra, que não se furtavam a empregar seus capitais em seu promissor território, ao passo que o poder público é criticado por uma certa inércia. O progresso deve-se a indivíduos que envolveram-se com a cidade em sua plenitude, de corpo e alma, acreditando em suas potencialidades. Junto às concepções de modernidade e progresso, relacionadas à racionalidade, há um apelo à sensibilidade, ao envolvimento emocional. Seria vitória do imaginário ufânico? O sonho de fazer a cidade conhecida, além fronteiras regionais, vez ou outra é comemorado. Na década de 30, dizia-se que Uberlândia era referência entre as cidades da região e em Goiás.

O nome de Uberlandia é pronunciado em Goyaz como a única cidade mineira que convem aos goyanos. (...) Esse agarramento a uma terra que é em tudo igual ás outras, deve provir de um certo conforto que aqui encontramos e que em outros logares não se encontram.⁽¹⁹¹⁾

Uberlandia é repetido cada momento como o pharol de onde dimanam luz e affeição.⁽¹⁹²⁾

¹⁸⁹ Jornal A TRIBUNA. Sociais. Nº535. 08/02/1931. Ano XIII. p. 4.

¹⁹⁰ Jornal A TRIBUNA. Nº 548. 10/05/1931. Ano XIII. p.4.

¹⁹¹ Jornal A TRIBUNA. 04/01/1931. Nº 530. Ano XIII. p.1.

¹⁹² Jornal A TRIBUNA. 11/01/1931. Nº 531. Ano XIII. p.1.

O apelo à industrialização se intensificou no final dos anos 30. Inicialmente o comércio formou a base de desenvolvimento da cidade, doravante a indústria seria a concretização do progresso. O vir a ser se tornaria real com a implantação de um parque industrial.

Industrializemos, pois, a nossa Uberlandia de todos, para que, num futuro próximo, não tenhamos que lastimar o nosso fracasso de cidade sem base, onde as outras actividades sem a industria, não terão o anteparo da sua economia nem o alicerce da sua pujança operaria.⁽¹⁹³⁾

A indústria constitui, nessa visão, a principal forma de concretizar o progresso, é seu *alicerce*; outras atividades, sem a indústria, não o garantem de forma plena. O jornal que anteriormente se auto-responsabilizou-se por reclamar pela industrialização⁽¹⁹⁴⁾, a fim de que a cidade se tornasse um pujante centro regional, possuía severa crítica aos negativistas:

O invejavel parque industrial uberlandense constitue um dos motivos de orgulho da região e do Estado. A segurança com que se convertem capitães na industria local representa contestação insofismavel, aos trombeteiros desafinados, daquelles que medem sua fé no valôr mediocre das suas proprias conquistas.⁽¹⁹⁵⁾

A expressão, *contestação insofismavel*, aponta um ufanismo que sustentado no movimento de capitais, não concebe oposição. Nos anos 40, houve um aumento no investimento nas charqueadas, frigoríficos, curtumes, selarias, serrarias, marcenarias, máquinas de beneficiamento, fábricas de bebidas e pequenas indústrias que, na acepção do redator da matéria citada, comprovavam a garantia de prosperidade do município. Não só pelo discurso, as instalações constituíam prova material. Daí a veemência na rejeição aos opositores do progresso uberlandense.

Passando-se em revista os diversos ramos de actividades, em nosso meio, vê-se que Uberlandia possui um apreciavel parque industrial, que imprime a sua vida operosa ritmo seguro, e lhe proporciona, em todos os tempos, aspectos de estabilidade e independência econômica. (...) Por estas mesmas colunas,

¹⁹³ TEIXEIRA, Adelardo. “Industrializemos Uberlandia.” Jornal A *TRIBUNA*. . 10/03/1937. Nº 1085. Anno XX. p. 1.

¹⁹⁴ Jornal A *TRIBUNA*. 16/01/1937. Nº 1070. Anno XX. p. 1.

¹⁹⁵ Jornal A *TRIBUNA*. 01/02/1942. Nº 1562. Anno XXIII. p. 1.

tivemos ocasião de dizer que para Uberlândia se transportára o meridiano do Brasil Central, e nos ocorre, hoje, reafirmar aquele nosso conceito, de vez que, por todos os títulos esta cidade é o centro vital de toda a vasta região que recebeu aquela denominação.⁽¹⁹⁶⁾

Nesse trecho, há constatação enfática: *Uberlândia possui um apreciável parque industrial, que imprime a sua vida operosa ritmo seguro, e lhe proporciona, em todos os tempos, aspectos de estabilidade e independência econômica.* O desenvolvimento da cidade deve-se a atividade industrial. Esse tipo de afirmação aparece desde o início do século. A indústria é considerada a principal fonte de progresso e, por diversas vezes, é mencionada sua necessidade para consolidar o sonho da cidade, *centro vital* do Triângulo Mineiro. *Vida operosa* remete a valorização do trabalho e, por este motivo, pode-se obter segurança, estabilidade e independência econômica.

Outra fato que é possível depreender do artigo é o papel do jornal: *Por estas mesmas colunas, tivemos ocasião de dizer que para Uberlândia se transportára o meridiano do Brasil Central, e nos ocorre, hoje, reafirmar aquele nosso conceito.* A vitalidade de Uberlândia não é novidade para o jornal, uma vez que o mesmo anunciara anteriormente que alcançaria essa posição. Ou seja, a imprensa como atalaia do progresso, via confirmada sua predição e mais uma vez, corroborava na consolidação dessa imagem.

Podemos perceber que, aos poucos, esse imaginário vai se firmando como referencial da cidade. Começando a se constituir no princípio do século XX, vai tomando forma, contagiando uns e outros, de modo que os sujeitos sociais vão nele depositando as esperanças de um futuro venturoso.

Na segunda década do século XX, o jornal *A Tribuna* testemunha que *tudo iria bem e em muito boa harmonia esthetica, se não fosse o desleixo de certos proprietários de casas*⁽¹⁹⁷⁾. Assim como o jornal *O Progresso*, reclames de descuidos com a higiene urbana, aumento da violência, desobediências às leis de trânsito, falta de calçamento nas ruas gerando problemas de poeira durante a estação seca, e lama na estação chuvosa, e outros, nos fornecem pistas que demonstram lacunas no discurso da ordem e do progresso sustentado pela cidade. Até certo ponto, esse desenvolvimento era aparente: *Uberlândia de tempos a esta parte tem sido mesmo esquecida em algumas coisas. O seu nome, é verdade, vive pelos jornaes, porem é muito barulho e pouco*

¹⁹⁶ Jornal *A TRIBUNA*. 26/11/1942. Nº 1634. Anno XXIV. p. 1.

¹⁹⁷ Jornal *A TRIBUNA*. 09/11/1919. Nº 9. Anno I. p. 1

resultado⁽¹⁹⁸⁾. Quando os protestos não versavam sobre problemas urbanos, acusavam-se os políticos de não se preocuparem com a cidade, entrvando seu maior desenvolvimento.

Ao apontarem problemas no interior da cidade, sejam sociais, políticos, ou econômicos, a intenção da imprensa, afigura-nos como uma tentativa de incitar o melhoramento. Por estar comprometida com a divulgação da imagem da cidade como referência dentre as demais da região, não se queria criticar seriamente as contradições subjacentes ao desenvolvimento como o aumento do custo de vida, o desemprego, a falta de moradia, a carência de transporte e infra-estrutura urbana, a exclusão social. Mencionado algum problema, logo o poder constituído era acionado com vistas a solucioná-lo, evitando mácula na imagem projetada. Feito isso, silenciava-se até que outro problema chamasse-lhe a atenção.

A partir da década de 20 pululou na cidade um diversificado elenco de jornais: *O Lampeão* (1920), *Sertão Judiciário* (1923), *A Reação* (1924), *O Alarme* (1923/24), *O Reporter* (1925), *Escola Normal* (1930), *A Pena* (1931), *Jornal de Uberlândia* (1935/36), *A Raça* (1936), *O Critico* (1938), *Oasis* (1940), *Voz do Povo*, e muitos outros. De alguns desses só restam a referência a sua existência.

Em pequeno formato foi fundado em 1925 o jornal *O Reporter*, mas por não possuir oficina própria foi interrompido. Superada essa dificuldade, voltou a ser impresso em 1933, em grande formato e com tiragem diária até 1967.

Há os que acreditam. E há o que não acreditam. Aliás todos os empreendimentos tem dessas oscilações. Mercê de Deus, o desânimo não há em Uberlândia. Pensando o caso. Faz-se! Foi assim que Uberabinha virou Uberlândia. (...) Após um melhoramento vinha outro. E Uberlândia tornou-se metrópole.⁽¹⁹⁹⁾

Com essa citação somos tentados a afirmar que o ufanismo é uma espécie de marca registrada na imprensa uberlandense. Com eloquência, o redator imputa o desenvolvimento de Uberlândia a determinação, sem medir esforços, enfrenta-se ousadamente os desafios, e vai se formando a metrópole sonhada desde os pioneiros do

¹⁹⁸ SOUZA, Ricardino Carrijo. "Uberlândia ficou de fora". In: *Jornal A TRIBUNA*. 20/07/1939. Nº1320. Anno XXI. p. 2.

¹⁹⁹ *Jornal O REPORTER*. 24/01/1945. Nº747. Ano XII. p.1.

século XIX. A oposição de incrédulos é desprezada, conquanto exista, não fere a coragem dos valentes, pode sinalizar até mesmo um desafio a ser vencido.

O jornal de maior circulação nos dias atuais, *Correio*, surgiu em 1938 com o nome *Correio de Uberlândia* e o objetivo de ser um noticiário diário. Na década de 40 foi organizada uma empresa gráfica para a exclusiva impressão do jornal e durante sua trajetória uma série de colaboradores marcaram suas páginas, com cores às vezes preto e branco, às vezes coloridas e faceiras. Aos poucos o jornal se tornou o principal referencial jornalístico, com a maior tiragem e circulação. Quando o jornal *Correio* surgiu o imaginário sócio-político da cidade estava mais ou menos constituído, ele, então, auxiliou (e ainda hoje auxilia) a consolidá-lo. Com expressões de afirmação da condição de progresso da cidade, o jornal servia aos interesses do grupo social dominante. Como iniciou sua jornada num momento em o enfoque para o desenvolvimento era a indústria, sua voz pela industrialização se fez ouvir em todos os quadrantes de Uberlândia.

Em Uberlândia, podemos eleger alguns temas como propulsores do progresso. Nos primeiros anos do século XX, o clamor era pela urbanização da cidade (abaulamento das ruas e praças, iluminação, encanamento e fornecimento de água e tratamento de esgotos), que pode ser visto no Código de Posturas. Práticas que pudessem imprimir a pequena Uberabinha ares de uma cidade “fadada ao progresso”. A seguir, décadas de 20 e 30, reclamava-se por estradas e rodovias para facilitar a comunicação com outras paragens e, por conseguinte, dinamizar o comércio local⁽²⁰⁰⁾. A partir do final da década de 30 e adentrando os anos 40, a industrialização tornou-se a condição *sine qua non* para o sonhado progresso.

Uberlândia cresce de dia para dia. Uberlândia não é mais uma cidade da roça, mas uma pequena metrópole, onde o progresso caminha a passos de gigante.⁽²⁰¹⁾

Cidade nova ainda, Uberlândia é o que mais não podia deixar de ser – o espelho fiel de uma capital em miniatura.⁽²⁰²⁾

²⁰⁰ Nesse aspecto há na imprensa inúmeras referências, como do jornal *TRIBUNA: Uberlândia é a cabeça do maior sistema rodoviário do país, o seu desenvolvimento se operou à medida que os caminhões penetravam sertão à dentro de Mato Grosso e Goiás*. 07/12/1941. Nº 1547. Ano XXIII. p.1.

²⁰¹ *Jornal Correio de Uberlândia*. Nº 560. 15/01/1940. Ano III. p.12.

²⁰² *Jornal Correio de Uberlândia*. 14/03/1942. Nº 882. Ano V. p.4.

Cada dia se afirma Uberlândia como uma potência absoluta de primeira grandeza, com industrias em pleno desenvolvimento, com um comércio que poucos se lhes comparam em todo o interior país.⁽²⁰³⁾

Há um tom enfático nas afirmações acima. A condição de progresso de Uberlândia é um dado absoluto, produto de alguns fatores. Em uma *cidade da roça*, isto é, uma cidade pequena, a vida passa lentamente, vive-se sem muitas novidades, preocupações ou melhoramentos. Em oposição, uma metrópole, ainda que pequena, é vibrante. Nela, há um constante ir e vir, movimento de passos nas ruas e avenidas, e nessas o progresso caminha a passos de gigante, em razão diretamente proporcional, quanto maior o movimento, mais rápido será o progresso. Observa-se a cidade-metrópole, entendida como centro de realizações, ao passo que a cidade pequena é uma extensão do campo, a *roça*, portanto atraso e estagnação.

Em seguida, a citação chama a atenção para o fato de que Uberlândia é uma cidade nova. À época possuía 54 anos de emancipação (1888 - 1942), e já dignificava ser o espelho de uma capital, o que denota ser de apreciável monta. Uma capital é uma cidade de considerável desenvolvimento, importância econômica, política e social, em suma, uma referência para outras, concentrando os maiores investimentos e recursos. Refletindo fielmente esse modelo, implicaria para Uberlândia, atrair a si as cidades da região e, concomitantemente, os maiores empreendimentos que fariam ferver em suas artérias, o progresso.

A condição de *metrópole, capital em miniatura* garante, então, a imagem de *potência absoluta de primeira grandeza*. Possui os predicados necessários: indústrias e comércio ímpares. Como resultado dessa soma aparece soberanamente sobre muitas outras. Com este perfil, o benfazejo progresso era a coroação mais apropriada.

De uma forma geral, os órgãos da imprensa de Uberlândia, na primeira metade do século XX, contribuíram, em certa medida, para a constituição e consolidação do imaginário ufânico que a cidade possui. A idéia de progresso perpassa quase todos, uns com maior e outros menor, intensidade. Sob o argumento de defender os interesses sociais, a despeito de quaisquer outros interesses, alardeando imparcialidade e objetividade, constroem uma trama que envolve o leitor e fá-lo crer no que diz. Assim, corroboram as representações e sugerem práticas que legitimam a hierarquia social.

²⁰³ Jornal *Correio de Uberlândia*. 07/07/1948. N°2439. Ano XI. p.2.

Na construção dessa trama é preciso considerar o papel dos homens que escrevem o jornal: o editor, o redator. Da escrita a leitura há um caminho a percorrer. A palavra escrita foi produzida segundo alguns propósitos; por outro lado, o leitor não o percebe de forma semelhante ao redator. Há um processo de construção de sentido: o leitor, segundo sua utensilhagem mental, apropria-se de forma diferenciada do texto produzido, por isso um texto pode ser lido de diferentes maneiras⁽²⁰⁴⁾. Vinculada ao grupo social dominante, a imprensa uberlandense buscava legitimá-lo. Sua produção buscava alcançar sujeitos sociais dispostos a abraçar a causa do progresso.

Sua produção era dirigida a sujeitos sociais específicos, e não a todos os sujeitos sociais de Uberlândia. Nas páginas dos jornais, os trabalhadores estão ocultos. No entanto, não falta a coluna social, parabenizando um ou outro comerciante ou profissional liberal, anunciando festas nos palacetes, desejando sucesso nos negócios, na viagem, e outros escritos do gênero. As imagens são aquelas da bela paisagem central (praças, jardins), movimento das ruas e casas comerciais. As ruas e as casas da periferia não são enfocadas. A cidade parece ser construída por sujeitos especiais, dotados de uma capacidade ímpar e que não conhecem conflitos. Segundo o redator do jornal *A Tribuna*, Uberlândia era dividida em cidade velha, cidade nova e vila operária⁽²⁰⁵⁾. Essa divisão é sintomática da hierarquia social. A parte velha corresponde ao atual Fundinho, região do nascedouro da cidade, com ruas tortuosas e estreitas, e casas toscas. A cidade nova, nascida a partir de 1908 com a abertura das principais avenidas da cidade, mudou o eixo central no sentido norte, onde se construiu os palacetes e os principais estabelecimentos comerciais. Partia do antigo cemitério (atual praça Clarimundo Carneiro) até a Estação Mogiana (atual praça Sérgio Pacheco). Nesse ponto, iniciava a vila operária, local de moradia da classe trabalhadora e destituída dos melhoramentos urbanos. Com espaços definidos de circulação, cada fração das classes sociais procurava se adequar a ordem vigente.

Nesse contexto, é interessante observar o considerável número de publicações em Uberlândia no primeiro quartel do século XX. Em uma sociedade em que o índice de analfabetismo era elevado, podemos inferir que o grupo social dominante era bastante heterogêneo, constituindo-se em diversas frações. Assim, cada jornal possuía um público alvo específico. Não buscavam a transformação social, mas sim justificar

²⁰⁴ CHARTIER, R. “O mundo como representação”. Op. Cit.

²⁰⁵ Jornal *A TRIBUNA*. 04/10/1931. Nº569. Anno XIII. p.8.

seus interesses, escolhas e condutas, enfim seu projeto de cidade-progresso. A diversidade de publicações direcionada a caixeiros, homens de cor, docentes, eclesiásticos e outros, indica que as lutas por conferir sentido ao mundo eram intensas. Cada fração lutava por assegurar e legitimar a dominação. Sem importar se o jornal poderia ser lido por um grande número de pessoas, a consideração de que seu alcance por um determinado público é mais válido, pois esse público é que possui práticas específicas que confirmam as representações e ajudam a convencer outros sujeitos da viabilidade e veracidade dessas práticas.

Se por um lado, a diversidade de publicações pode sinalizar a intensidade da lutas pelo poder, também pode expressar as diversas estratégias impetradas pelas frações do grupo dominante em garantir, por diferentes meios, seus ideais. Uma mesma fração de grupo poderia utilizar diferentes formas de publicação ao mesmo tempo para defender suas representações. E como os homens da imprensa estavam seriamente comprometidos com a ordem social existente, pois na verdade, não eram imparciais, estavam falando de um lugar social determinado, seu papel foi deveras importante para a consolidação do imaginário.

Os diferentes temas eram enfocados sob o prisma da ordem e do progresso. O trabalho, gerador de riqueza; a violência, obra de desocupados ou estrangeiros; os pobres, dignos da misericórdia e controle social; a insegurança social, produto da vadiagem. Interessa ressaltar a atribuição da violência ao estrangeiro. Ao considerar as contradições sociais que colaboram em seu agudizamento, culpam o fator externo, pois o elemento nativo é considerado laborioso e pacífico, mas paradoxalmente observa-se que o nativo está excluído dos melhoramentos sociais (os pobres habitam a Vila Operária), e pela filantropia⁽²⁰⁶⁾ é controlado, evitando que ocupe os espaços sociais centrais e mais “nobres”.

Com relação a questão da eficácia da imprensa na consolidação do imaginário sócio-político de Uberlândia, consideramos que foi de grande valia, pois estando nas mãos das frações do grupo dominante local soube conduzi-la, com certa maestria, na consecução de seus objetivos. E, assim, como os memorialistas, foi diferentemente apropriada, constituindo múltiplas representações da cidade.

²⁰⁶ Na década de 30 existiu na cidade uma Dispensário de Pobres para regulamentar a mendicância e garantir assistência ao grande número de miseráveis existentes na cidade.

Capítulo III

A EFICÁCIA DO DISCURSO:
Imagens e Representações

Poucas são as sociedades nas quais tenhamos vivido, seja em que tempo for que não subsistam, ou que pelo menos não tenham deixado algum traço de si mesmas nos grupos mais recentes...

(Maurice Halbwachs - A memória coletiva)

3.1 – A Imagem Urbana

Sendo a cidade expressão da realização humana, materialidade das representações e práticas de seus sujeitos e, por isso, polissêmica, lega à posteridade uma determinada imagem e memória. Projeção do imaginário social no espaço e cenário em constante (re)construção, é o *lugar que melhores condições tem de produzir um ambiente fértil para o desenvolvimento das idéias, das imagens e das representações*⁽²⁰⁷⁾. Essa fertilidade, apontada pela arquiteta Célia Ferraz, deve-se à multiplicidade de representações existentes em seu interior, que lutam por se tornar preponderantes, regendo as práticas sociais, culturais e políticas.

As transformações na paisagem urbana ilustram a disputa que se dá entre as diferentes frações dos grupos sociais que se degladiam para assegurar posições e tornarem-se dominante. Como operam com uma multiplicidade de signos, às vezes de difícil acesso, elaboram estratégias que possam atingir o maior número possível de indivíduos.

A retórica do discurso busca convencer o interlocutor, angariar apoio, forjar e incentivar sonhos e realizações. No entanto, apenas pela palavra um ideal não se sustenta, é necessário torná-lo concreto, efetuar a passagem do imaterial ao material. Nessa perspectiva, a produção de imagens atende ao propósito de solidificação das representações projetadas pelo imaginário.

Lugar saturado de significações, a cidade abriga imagens contraditórias. São as imagens urbanas o meio pelo qual a cidade se dá a ler. Mas a multiplicidade de imagens não implica que haja uma democratização na identificação da cidade.

A imagem da cidade não é, portanto, espontânea, mas ao contrário, coercitiva e autoritária. Essa imagem codificada opera como uma norma, lei ou símbolo de como a cidade deve ser vista, atua como signo suporte da noção urbana que quer transmitir; na realidade, trata-se, não só da imagem da cidade, mas de uma imagem cultural que utiliza a primeira como suporte.⁽²⁰⁸⁾

A afirmação de Ferrara é contundente, pois há uma imagem dominante na cidade, há uma intencionalidade de perpetuá-la que ora oculta, ora revela o que considera digno de ser visto. Isto é o que autora chama de visibilidade que, com a legibilidade e a funcionalidade, formam os aspectos da imagem urbana. A legibilidade consiste em ordenar e disciplinar a cidade através de códigos e normas, para torná-la inteligível. O planejamento e ordenamento garantem a funcionalidade. Juntos, compõem uma linguagem que busca ensinar como ver e interpretar o urbano. A imagem da cidade é, assim, projetada como o ideal, e não, necessariamente, o real.

²⁰⁷ SOUZA, Célia Ferraz de. “Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo da representação”. In: *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.109.

²⁰⁸ FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Olhar Periférico*. Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999. p.252.

Os grupos sociais imprimem no espaço sua marca e é por ele influenciado. A identificação com o espaço se dá pela sensação de familiaridade e continuidade e daí decorre o sentimento de pertencimento que agrega os indivíduos e constitui uma identidade. A materialidade da cidade expressa a história dos indivíduos e sua imagem reproduz os diferentes momentos do processo histórico.

Bresciani assevera que *as cidades são antes de tudo um experiência visual*, saturada de significações e suas diversas imagens funcionam como referência ao observador, fazendo da materialidade urbana um suporte de memória. As imagens não são necessariamente positivas, mas, preferencialmente, a imagem urbana é positivada, fundamentada na idéia de progresso, de modo que o impacto das transformações afigura como necessário.⁽²⁰⁹⁾

A imagem urbana, para além de sua materialidade, tem uma dimensão simbólica, que, segundo Lefebvre, não pode ser desconsiderada.

“Não esqueçamos as dimensões. A cidade tem uma dimensão simbólica; os monumentos, como também os vazios, praças e avenidas, simbolizam os cosmos, o mundo, a sociedade ou simplesmente o Estado. Ela tem uma dimensão paradigmática; implica em e mostra oposições; a parte interna e a parte externa, o centro e a periferia, o integrado à sociedade urbana e o não-integrado.”⁽²¹⁰⁾

Cada interstício da cidade tem algo a relatar. Vozes diversas lutam por sobressair e registrar-se. O espaço construído e o espaço vazio trazem consigo linguagens que são diferentemente apropriadas pelos sujeitos sociais, também diferenciados, que buscam conferir sentido ao mundo e a seus projetos.

Por ser dinâmico, o homem altera, através do seu trabalho, o mundo a seu redor e, simultaneamente, suas concepções e percepções também vão se alterando. Na mesma razão, as transformações na imagem urbana podem ser observadas.

Contemplando a paisagem urbana de Uberlândia, as imagens contam histórias e suscitam inúmeras lembranças de uma cidade que, desde seu nascedouro, se quis grandiosa. As primeiras aglomerações surgiram às margens dos córregos. Como sementes jogadas em solo úmido, germinaram e deram fruto. Da primeira semente, semeada por João Pereira da Rocha, no início do século XIX, outros rebentos vingaram e logo a população do pequeno povoado multiplicou-se e floresceu Uberlândia. Nessa

²⁰⁹ BRESCIANI, M. Stella. “História e historiografia das cidades, um percurso”. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Op. Cit.

²¹⁰ LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade* São Paulo: Moraes, 1991. p. 65

trajetória, as transformações na imagem da cidade ocorreram segundo os princípios da ordem, do progresso e da modernidade.



Ilustração do Arraial de São Pedro de Uberabinha – Século XIX
Fonte: Catálogo da mostra “Nossas Raízes: sua história começa aqui –2000/2005”
PMU/Museu Municipal de Uberlândia

A ilustração acima permite imaginar o arraial de São Pedro de Uberabinha, em meados do século XIX, com suas casas de adobe e arquitetura tosca, em distribuição esparsa, seguindo o curso d’água do rego da servidão pública, cortado por ruas irregulares mais parecidas com trilhas. A pequena matriz despontando e atraindo a si a população para cuidados espirituais e cívicos, as tavernas para o momento de lazer, os animais pastando, árvores de pequeno porte e tronco retorcido, características do cerrado, a fazer uma sombra refrescante para o bate-papo no quintal, os tropeiros que negociam nas pequenas

“vendas”, o carro de boi que range rua abaixo ou acima abarrotado de mercadorias. Enquanto os cães ladram incessantemente, crianças brincam ruidosamente nas sinuosas ruelas.

A imagem que nos vem não lembra em nada a Uberlândia do século XXI. Pois bem, esse cenário um tanto bucólico, não se ajustava ao sonho de seus habitantes, pelo menos de uma parte deles. Era preciso fazer do lugar uma formosa e avançada cidade.

As primeiras transformações na paisagem local começaram a ser implementadas no último quartel do século XIX e, após a emancipação (1888), tomaram maior vulto. Todos os indícios, na percepção de seus habitantes, levavam a crer que Uberabinha seria uma cidade de progresso. As argumentações elaboradas para sustentar esse pressuposto foram corroboradas pelos melhoramentos no espaço denominado urbano.

As leis do Código de Posturas (1903) regulamentavam as práticas que retirariam da cidade seu aspecto rural, dando-lhe o aspecto verdadeiramente urbano. A preocupação com a assepsia e salubridade urbanas nasce quando a pobreza passa a constituir ameaça à ordem social. Os serviços de infra-estrutura e saneamento retiraram a visibilidade dos pobres, baseando-se nos princípios de que o espaço urbano deve exteriorizar o poder. A regulamentação de princípios de urbanidade e higiene define o que seria a cidade ideal. A rua é apenas o espaço da circulação, trabalho e acumulação⁽²¹¹⁾. No espaço urbano de Uberabinha, seria inadmissível animais vagando pelas tortuosas ruas; lixo e entulho nas calçadas e quintais atrairiam animais peçonhentos, moscas e insetos, fato que demonstraria o parco conhecimento e baixo nível cultural de seu povo. Com medidas dessa natureza ficou definido a existência de atividades específicas para serem realizadas no urbano e no rural. A ordem e disciplina ficam patentes a fim de garantirem a imagem de uma cidade de contínuo desenvolvimento.

De repente, o núcleo em que se desenvolveu a cidade tornou-se “velho”. Era preciso mudar o eixo urbano para um espaço em que a cidade-progresso pudesse

²¹¹ Ver: PECHMAN, Robert M. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular”. In: *Imagens da Cidade*. Séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/Fapesp, 1994. pp.29-34. RIBEIRO, Luiz Cesar Q. “Urbanismo: olhando a cidade, agindo na sociedade”. In: *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. pp105-120. BRESCIANI, M. S. “Permanência e ruptura no estudo das cidades”. In: *Cidade e História*. Op. Cit.

estender seu braços e romper limites. Daí foram abertas as principais avenidas que caracterizam a região central da atual Uberlândia.⁽²¹²⁾

A cidade de hoje não é mais o pacato lugarejo de 3 annos atraz. Com suas magnificas ruas abahuladas, passeios, jardim, construcções novas, fios de luz electrica e telephones por todo canto, Uberabinha já é uma cidade civilisada onde a actividade se manifesta francamente pelo entusiasmo que vae em cada um dos seus habitantes. Oxalá continuem por toda vida essa febre que embriaga esse sonho que arrebatá.⁽²¹³⁾

(...) transformou este pequeno burgo esquecido num canto do triangulo, em uma cidade confortavel e aceiada, caminhando a passos gigantescos para um prospero futuro, a que lhe dá direito não só a sua posição geographica, como os variados elementos de que é dotada e que são a principal garantia de sua prosperidade.⁽²¹⁴⁾

Se compararmos a imagem do arraial do final do século XIX e a imagem apreendida das afirmações acima percebemos uma evolução. O pacato lugarejo adquirira feições de cidade civilizada, saiu do ostracismo, com um série de melhoramentos no espaço urbano que animam seus moradores em uma "febre embriagante" que impulsiona-os avante em largos passos ao próspero futuro. A imagem projetada ilustra a cidade moderna, espaço do capital que move os indivíduos à atividade de incessante acumular, com vistas a um maior desenvolvimento (técnico, científico, cultural). Diante disso, o desejo: *Oxalá continuem por toda vida essa febre que embriaga esse sonho que arrebatá*, seria atendido de forma ardorosa, em toda a trajetória da cidade. A delirante "febre de progresso" arrebatou os sujeitos uberlandenses, buscando fazer da cidade *uma pérola engastada no coração do Triângulo*.

²¹² Avenidas Cesário Alvim, Floriano Peixoto, Afonso Pena, João Pinheiro e Cípriano Del Fávoro e as ruas transversais.

²¹³ Jornal *O PROGRESSO*. 17/10/1909. Nº 107. p.1.

²¹⁴ Jornal *O PROGRESSO*. 01/01/1911. Nº168. p.1.



Vista parcial de Uberabinha – expansão no sentido norte (Cidade Nova)

Década 1920 – Fonte: CDHIS

Imbuídos pelo firme propósito de progresso, nos anos 20, Uberabinha já não se assemelhava ao arraial do final do século XIX. A cidade se estendeu no sentido norte, as ruas possuíam calçamento, havia um serviço de iluminação elétrica, abastecimento de água, o número de construções aumentou, algumas revestidas de grande simbolismo, como o edifício do fórum.

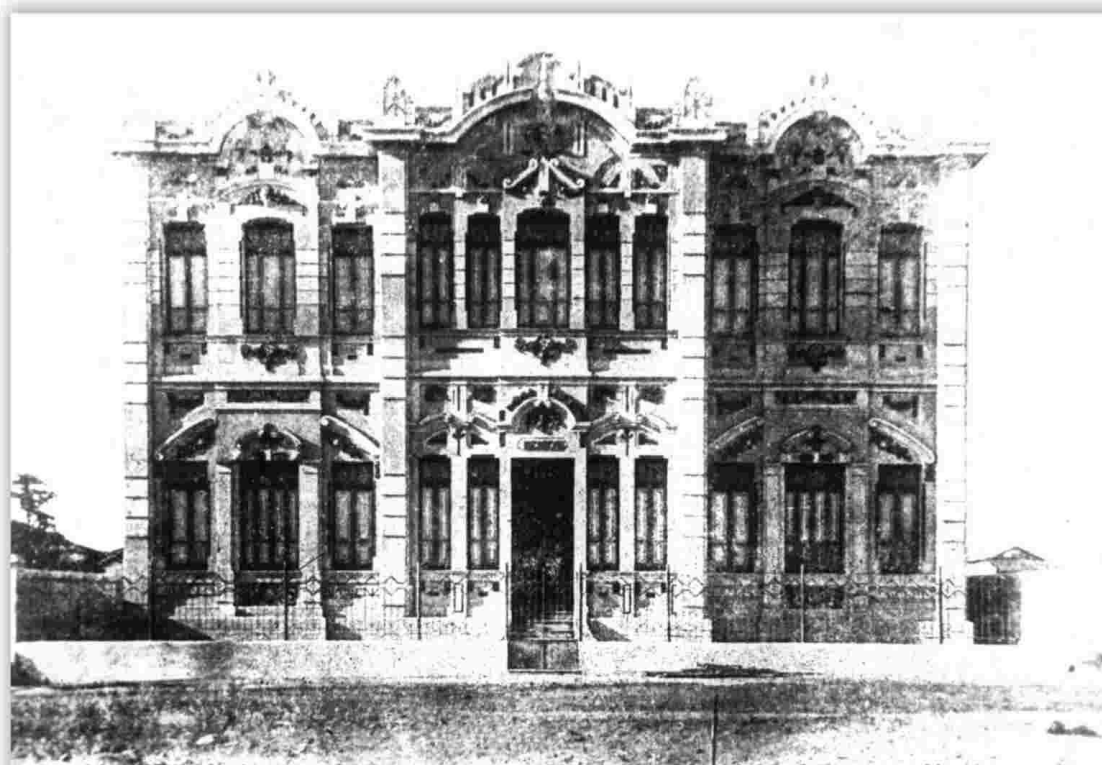
Antiga reivindicação, a construção de um edifício para abrigar o fórum da cidade que ocupou a imprensa desde a década de 10, aparece também na obra do memorialista Roberto Capri (1916). Apontada como fator denotativo do grau de civilidade dos habitantes, foi inaugurado em 1922. Construção imponente, de estilo arquitetônico neoclássico (ou eclético), contribuiu com a ostentação uberabinhense de cidade moderna e venturosa.

À proporção que ocorrem as transformações sociais, de valores e de costumes, a arquitetura, que é uma das formas de linguagem que exprime o que o imaginário social aspira, também se transforma, modificando o equipamento das cidades e

hierarquizando-a. Segundo Reis Filho, o tratamento arquitetônico e paisagístico acompanha os níveis de valorização social, cada fração de classe social possui um padrão arquitetônico mais ou menos semelhante. O autor ainda acrescenta que até o século XIX as construções, no Brasil, ainda possuíam referências dos padrões coloniais, mas foi sendo substituído por um variado conjunto de formas e estilos que adentrou o país, principalmente a partir da chegada da família real portuguesa (1808). Na tentativa de reproduzir a vida européia, o estilo arquitetônico que predominou foi o ecletismo, que representou eficiente veículo estético para a assimilação de inovações nos padrões arquitetônicos já existentes. O ecletismo, afinado aos ideais positivistas, conciliava diversas tendências nos planos filosófico, político-social e estético. *O Ecletismo foi, pois, em arquitetura, conciliação e progresso, tradicionalismo e progresso ou, como se diria depois, ordem e progresso.*⁽²¹⁵⁾

Nessa perspectiva, o edifício do fórum espelhava as representações de progresso daqueles que empreenderam a obra. Sua fachada despertava a atenção pela linhas trabalhadas, os detalhes ornamentais, a disposição das janelas que davam luminosidade, e a significação do prédio: abrigo da ordem, ou seja, o poder judiciário.

²¹⁵ REIS FILHO, Nestor G. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.186.



Fórum de Uberabinha - 1922

Outro edifício que enchia de contentamento o espírito uberabinhense dos primeiros tempos é o edifício do Paço Municipal, construído em 1917. Esse edifício foi construído na Praça da Liberdade⁽²¹⁶⁾, onde fora erguido o primeiro cemitério da cidade, desativado em 1898. A idéia da construção surgiu pela constatação de que o espaço físico das instalações da primeira Câmara Municipal era bastante acanhado para a movimentação da cidade (e pelo sonho de progresso, acalentado com tanto zelo). O então vereador Tito Teixeira fez o projeto de lei, logo aprovado pelo vereadores. A escolha do lugar foi feita pelo arquiteto responsável pela obra, Cipriano Del Fávero. A respeito desse personagem, o memorialista Prof. Lucindo nos conta uma interessante história:

Cipriano Del Fávero tinha feito uma viagem para o Oriente, tendo visitado também a Índia e visto o templo Taj Mahal, indo depois à

²¹⁶ Posteriormente essa praça ganhou o nome de “Antônio Carlos”, em homenagem ao ex-presidente do estado de Minas Gerais, nos anos 30, Antônio Carlos de Andrada e, atualmente, seu nome é “Clarimundo Carneiro”, administrador da primeira companhia de energia elétrica da cidade, Companhia Força e Luz.

Tunísia de onde trouxe mudas de tamareiras plantadas depois na praça ao longo da Av. João Pinheiro e outras plantas ornamentais. Esotérico, Cipriano apresentou um projeto majestoso com colunas e minaretes na direção dos quatro pontos cardeais, para captar todas as energias do universo.⁽²¹⁷⁾

O edifício foi construído inspirado em uma das sete maravilhas do mundo. Não seria uma construção como outra qualquer, uma construção de rara beleza. Acerca da veracidade dessa narrativa, as tamareiras ainda existentes parecem dar testemunho. Mas o que nos importa é a representação que carrega. Uma outra impressão nos é ofertada por um visitante:

Satisfiz uma velha aspiração: - conhecer Uberabinha, sentir-se lhe a ancia de progresso, o espirito de modernização do seu grande povo. Ao chegar, foi boa a primeira impressão recebida, pelo efeito da iluminação e porte magestoso dos edificios principaes, que nos iam assignalando. O paço da municipalidade deu-nos a illusão perfeita do Monroe, pelo seu conjuncto architectonico. Está situado em meio da praça da Liberdade ampla e bem cuidada. A sua construcção é moderna, offerecendo as casas todo o conforto e bom aspecto. Bellas as vivendas que eu visitei. Seu clima é benfasejo, sua natureza ridente. Não lhe faltam, pois, elementos para se tornar, dentro em pouco uma grande cidade, em que se poderá viver confortavelmente.⁽²¹⁸⁾

Em visita à cidade, o estrangeiro sente-se estupefato por conhecer Uberabinha. Ele confirma o que anteriormente soubera ao afirmar: *Satisfiz uma velha aspiração*. O viajante tinha conhecimento da condição da cidade, como apontara a imprensa no início do século, Uberabinha saíra do ostracismo e ganhara visibilidade, isto é, sua fama atravessou o limite do município. O propósito de fazer de Uberabinha uma cidade-progresso não era somente desejo, mas se tornara prática. Ações foram desencadeadas para cumpri-lo: modificações na paisagem urbana, divulgação da cidade em outras paragens. O *porte magestoso dos edificios principaes* dizia respeito aos estabelecimentos comerciais e os edifícios do fórum e Paço Municipal. Esse edifício foi comparado ao palácio Monroe no Rio de Janeiro, sede do Senado Federal, um conjunto arquitetônico de muito bom gosto que acompanhava as tendências que afirmavam o poder republicano e a nova ordem capitalista que ia se consolidando no país. Ao projeto

²¹⁷ PINHEIRO, Lucindo. *Dados Históricos do Palácio dos Leões*. Texto inédito.

²¹⁸ SOCRATES, Eduardo. “Impressões de Uberabinha”. *Jornal A TRIBUNA*. 12/09/1925. N°303. Anno VIII. p.10. (grifos nossos)

inicial da fachada externa foram acrescentados leões nas quatro meias colunas de cada sacada. Em seu interior, no plenário, foi pintada a alegoria *A Deusa do Progresso*, por Carlos Baraldi, como a direcionar suas ações no sentido de garantir o progresso local.



Paço Municipal construído em 1917, atual Museu Municipal, tombado em 25/09/1985
Fonte: Postal PMU/SMC/Div. Patr. Histórico – Fotógrafo: Eugenio Pacelli

Edifício de dois pavimentos, a construção arrebatou os sentimentos dos moradores da cidade. A suntuosidade do traçado, a beleza das cores, a dimensão das formas, enchem de vaidade não só os doutos, mas também o indouto, o simples passante, às vezes absorto em seus pensamentos e alheio às disputas políticas entre os partidos dos *cocões* (PRM - situação) e dos *coiós* (PRC – oposição). E se a arquitetura demarca posições sociais, ela também desperta a sensibilidade porque a visão dessas obras arquitetônicas assombrava seus espectadores. Residir em uma pequena cidade do interior (à Boca do Sertão), ladeada por extenso cerrado, mas que ia adquirindo aspecto de metrópole, permitia a seus moradores um sentimento misto de satisfação, ufanismo e espanto.

A fusão dos sentimentos do sublime despertado pelo assombro, e do belo, por sua vez, despertado pela afeição, forma o magnífico ou esplêndido. O sublime relaciona-se às grandes dimensões, cores opacas ou vibrantes, penumbra ou profusão de luzes, enquanto que o belo associa-se à idéia de pequenez, uniformidade, delicadeza, luminosidade, cores alegres⁽²¹⁹⁾. Ora sublime, ora bela, ora magnífico, a arquitetura uberlandense mais do que expressar um estilo em voga, fortalece o ideal de progresso contribuindo com a afirmação da capacidade de seus habitantes em ousar, empreender e fazer. Se pela palavra alguém não se convencera de que *essa cidade ha de fazer inveja a muitas outras*⁽²²⁰⁾, a imagem o faria. A monumentalidade é bastante eficiente na representação do poder porque o confirma, impõe-se ao mesmo tempo que minimiza o espectador. As obras arquitetônicas que abrigam os órgãos públicos, detentores do poder instituído, valem-se desse recurso como forma de garantir a ordem social e o imaginário social e político que vai se constituindo no percurso histórico. Em Uberlândia, o espectador que contemplasse, na primeira metade do século XIX, os edifícios públicos se surpreendia constatando que o labor de seus habitantes era incessante, construindo um futuro singular.

O edifício do Paço Municipal é um dos poucos edifícios antigos preservados na cidade. Tornou-se, na perspectiva de Pierre Nora, um lugar de memória⁽²²¹⁾. Para o autor, devido ao papel crescente da mídia e à democratização, a memória não mais existe. Há uma ruptura entre memória e história. A memória foi apropriada pela história e tornou-se historicizada, ou seja, toda memória passa pelos procedimentos historiográficos para ganhar existência, abandonando características como a espontaneidade, a atualidade e a afetividade. Não havendo memória espontânea é preciso criá-la, daí os lugares em que a memória se ancora como arquivos, museus, monumentos. O Paço Municipal, em toda sua monumentalidade, ao ser apropriado artificialmente como lugar de memória exprime a vontade de fazer lembrar a história da cidade e, ao mesmo tempo, dever de não esquecê-la.

A estética, compreendida pela apreciação da imagem urbana, é mais que uma questão sensível, é uma categoria política pois que fortalece o projeto político elaborado. A constante menção à assepsia e higiene urbanas, à regulamentação das

²¹⁹ BURKE, E. *Uma investigação filosófica sobre nossas idéias do sublime e do belo*. Op. Cit.

²²⁰ Jornal *A TRIBUNA*. 04/10/1931. Nº569. Anno XIII. p.1.

²²¹ NORA, Pierre. "Entre memória e história – a problemática dos lugares". Tradução de Yara Aun Khoury, *Projeto História*, São Paulo, (10), dez.1993, pp.7-28.

construções que, implicitamente, sugeriam o formato da construção, à ordem social e laboriosidade da população projetavam, juntos, uma imagem positiva e atrativa. Na projeção dessa imagem, muitas vezes, não foram medidos esforços. O poder público juntamente com parcela significativa da sociedade civil empreenderam inúmeras ações nesse sentido. Afinal, *sem propaganda não há eficiência*:

O nosso Prefeito, também quer fazer a propaganda do nosso município, procurando torná-lo conhecido em todo o Brasil e até mesmo fóra de suas fronteiras. É assim que está promovendo a confecção de sugestivas lithogravuras, em miniatura, focalizando os pontos pittorescos da cidade, as suas ruas e praças, os seus jardins arborizados, enfim tudo o que Uberlândia possui que mereça ser apreciado.⁽²²²⁾

As praças constituem, juntamente com a rua, um espaço plurifuncional, espaço da coletividade que delimita identidades, garantem o embelezamento do espaço urbano, envolvem considerações de ordem social, política e econômica, e, ao mesmo tempo, exigem de seus frequentadores uma série de normas de conduta e comportamento compatíveis com o ordenamento social. A origem das praças brasileiras está relacionada a existência dos adros das igrejas em que se reunia um sem número de pessoas para as mais diversas atividades. Na compreensão da imagem urbana de Uberlândia, na primeira metade do século XX, as ruas e praças são também importantes elementos pois que foram alvo de especial atenção e cuidado. Sempre bem tratadas apresentavam, como uma sala de visitas, a cidade em sua feição de progresso.

Uma das principais preocupações dos administradores eram os jardins, as praças públicas, que somavam 13, no final da década de 40, tratados com excessivo esmero e cuidado, mesmo nos longos e cíclicos períodos de seca, característicos dessa região.(...). Tratamento semelhante era dado também ao calçamento das principais avenidas, ao abastecimento de água, à iluminação pública nas áreas centrais, às novas construções públicas e privadas, serviços merecedores de parcelas expressivas dos investimentos municipais, tendo em vista a importante contribuição que eles costumam prestar na criação e manutenção da imagem pretendida para a cidade.⁽²²³⁾

Em outra ocasião, um visitante faz um síntese de sua impressão da cidade:

Aspecto panorâmico, alegre, acolhedor de sympathias. Cidade, que se estende por todos os lados, como a criar em cada canto novos núcleos de progresso, com irradiações recrescentes. Um conglomerado social, confiado em seus músculos, plenos de vitalidade. A finura de sentimentos aflora nas preces religiosas,

²²² “Uberlândia precisa tornar-se mais conhecida - Sem propaganda não ha eficiencia em negocios”. *Jornal A TRIBUNA*. 05/08/1934. Nº816. Anno XVI. p.1.

²²³ SOARES, Beatriz R. Op. Cit. p.117-8.

dentro de seus templos, assoma nas linhas architectonicas de seus palacetes, alteia-se em seus grandes edificios e sorri na physionomia da população, como expressão de sua elevada cultura civica.(...) Synthese final: Uberlandia terá um destino suave. Bôa estrella lhe pharolisa as encruzilhadas do progresso, bons sentimentos lhe norteiam o nascente de novos ideaes e nervos, feitos de vontade e enrijados pelo trabalho, vêm-lhe movimentando suas energias, renovando-as, em rythmos de fé e civismo incalculavel.⁽²²⁴⁾

Mais uma vez o discurso quer confirmar a imagem, uma cidade de progresso que continuamente se irradia. Pelo trabalho e *finura de sentimentos*, a cada dia, a população materializa, no espaço urbano, *novos núcleos de progresso*, vistos, em seu aspecto de animação, nas manifestações de civismo e na arquitetura. Essas condições constituem o que o autor chama de *bôa estrella* que *pharolisa as encruzilhadas do progresso* dando a Uberlândia um *destino suave*. Todas as ações e sentimentos visam a consecução do progresso. A presença dos sentimentos deve ser entendida como tão importante quanto a logicidade dos elementos materiais e concretos porque os indivíduos agem com maior ímpeto quando tocados em sua sensibilidade.

Os palacetes, construções arrojadas das famílias mais ricas, ao serem construídas pareciam possuir o propósito de existir como monumento. Esses palacetes estão impregnados de linguagens que simbolizam as representações de seus idealizadores que, ao se apropriarem de concepções de mundo que hierarquizam os indivíduos segundo índices de maior ou menor civilização – vistos pelo poder aquisitivo, o acesso a bens culturais (educação, formas de lazer e entretenimento), que direcionam os hábitos e comportamentos – delineia uma sociedade que se pauta em princípios que não os da cooperação e harmonia, mas os da competição e da desigualdade, da acirrada lógica capitalista em que a ordem e o progresso são valores-mestres para a construção da sociedade do futuro. Ou seja, na monumentalidade da arquitetura está expressa um desejo político e não meramente contemplação artística.⁽²²⁵⁾

²²⁴ CINTRA, Raymundo. *Uberlandia*. Jornal A TRIBUNA. 24/05/1931. Nº550. Anno XIII. p.3.

²²⁵ As construções monumentais como indicativo do progresso da cidade e do poder econômico de parcela de seus habitantes é retratada na publicação *Monografia de Uberlândia*, escrita pelo memorialista Jerônimo Arantes, a pedido da administração municipal. Essa publicação, datada de 1957, foi elaborada com o claro propósito de divulgar a cidade. Fartamente ilustrado com imagens da pequena Uberabinha e da contemporânea Uberlândia, retoma a história da cidade a partir da obra de Roberto Capri (1916) para, em seguida, descrever as condições da cidade por seu comércio, indústria e outros, comparando o

Lemos afirma que o estilo arquitetônico denominado Ecletismo, ao aportar no país no final do século XIX, foi entendido como uma manifestação de civilidade e erudição. As novas habitações deveriam superar o velho estilo colonial, comprometendo-se com os princípios de salubridade, higiene e estética vigentes na Europa. As construções passaram a ser feitas afastadas do limite do lote, com um bem cuidado jardim, alpendre, caprichosas grimpas ostentando iniciais ou datas de construção. Esse movimento propiciou a renovação de um *modus vivendi*, do antigo resguardo da intimidade familiar a formas mais descontraídas, regidas por normas de etiqueta e civilidade consoante aos centros europeus, em especial a elegância designada como "morar à francesa", diretamente importado de Paris.⁽²²⁶⁾

De semelhante modo, as residências construídas na primeira metade do século XX, em Uberlândia, guardam um *glamour* que expressa o ideal de progresso perseguido. As aparências, as fachadas são reveladoras dos signos de poder, demarcam a propriedade, exhibe os bens particulares, o poderio econômico e social. Muitos palacetes possuem uma profusão de detalhes que apontam para a busca de demonstrar progresso e modernidade, e despertar a sensibilidade dos sujeitos sociais. As principais construções “magníficas” compreendiam o trecho entre a Praça da Liberdade e a Estação de Ferro Mogiana, isto é, a Cidade Nova. Poucas eram as vistosas construções localizadas na parte velha da cidade, o Fundinho.

Conquanto os estilos arquitetônicos variassem, nas construções residenciais predominou o estilo eclético (ou neoclássico). As fachadas das residências impressionavam pela suntuosidade da forma e grandes dimensões. Primeiramente, um jardim bastante cuidado, o alpendre, onde se contemplava o público, e a entrada para o interior. O interior não fugia à regra, preocupação com acabamento, cores e formas demonstrando o grau de adesão da família ao ideal de progresso e acesso aos bens por ele disponíveis.

alcançado pela cidade. Na seção, *Algumas das mais belas residências da Cidade Jardim*, as construções residenciais das avenidas João Pinheiro e Cipriano Del Fávoro, os palacetes, são enfocados como forma de consolidar a imagem projetada. PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *Monografia de Uberlândia*. Rio de Janeiro: Universal Publicidade, 1957.

²²⁶ LEMOS, Carlos A. C. “Ecletismo”. In: *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999. pp.251-255.



Residência luxuosa na região central da cidade
Fonte: CDHIS - Coleção Uberlândia - Bens Imóveis anos 80



Aspecto interior de um palacete
Fonte: CDHIS - Coleção Uberlândia - Bens Imóveis anos 80



Residência no centro da cidade, atual Casa da Cultura, tombada em 15/10/1985
Fonte: Postal PMU/SMC/Div. Patr. Histórico – Fotógrafo: Eugenio Pacelli



Residência luxuosa na região central da cidade
Fonte: Foto realizada pela autora

As salas de cinema, a partir do final dos anos 30, constituíram importante recurso de sociabilidade na sociedade uberlandense. Frequentar as sessões de cinema era uma prática requintada, um ritual em que os indivíduos se preparavam com esmero com suas melhores

vestimentas e adereços pois, além da sessão, praticavam o *footing* na avenida Afonso Pena⁽²²⁷⁾. A construção de salas de cinema, além de propiciar maior opção de lazer, colaborou na configuração de uma imagem urbana da modernidade.

Na ocasião de inauguração daquele que se tornou o principal cinema da cidade, em 1937, a ufania do moderno se mostrou com veemência.

Hoje será inaugurado solennemente o maior Palacio Cinematographico do Brasil Central, o único que offerece todo conforto, comodidade, luxo e distinção aos amantes da sétima arte.⁽²²⁸⁾

Conforto e luxo foram itens marcantes da arquitetura do prédio. Luziano Pinto comenta que esse cinema *transformou-se no grande “orgulho” dos uberlandenses, ocupando uma área de 1.800 m², com capacidade para 2.200 pessoas, com suas linhas sóbrias, retas, de arquitetura moderna, iluminação indireta e colorida, escadarias de mármore, forrado com celotex e com comunicação interna por telefone automático*⁽²²⁹⁾. O prédio espelhava não só o desejo de modernidade, ele, em si mesmo, encarnava a modernidade por sua monumentalidade e, ao mesmo tempo, demonstrava o aspecto cultural de seu povo, *amante da sétima arte*. A representação que adquiriu como *maior Palacio Cinematographico do Brasil Central* que oferece *luxo e distinção* a seu público acabou por segregar seus frequentadores, visto que os grupos sociais de menor poder aquisitivo não podiam ter acesso aos mesmos lugares dos grupos sociais mais abastados.

Nos anos 50, foi inaugurado um clube social, o Uberlândia Club, que veio juntar-se ao “conjunto arquitetônico” que garantia à cidade a imagem do progresso e modernidade. O objetivo da construção do clube era oferecer à sociedade uberlandense, diga-se, a parcela dela que detinha poder político e econômico, um luxuoso e exclusivo local para sua sociabilidade, onde só os pares se relacionavam.

Curiosa é a diferente apropriação do espaço urbano. Os diferentes espaços são criados consoante as diferentes apropriações do solo urbano. As luxuosas residências foram construídas ao longo das avenidas Cipriano Del Fávero e João Pinheiro, ao passo que os principais estabelecimentos comerciais e financeiros concentraram-se nas avenidas Afonso Pena e

²²⁷ Ver PINTO, Luziano Macedo. *Cinema & Sociedade: Tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia de 30 a 50*. Uberlândia: UFU, 2001. (Dissertação de Mestrado).

²²⁸ Jornal *O REPORTER*. 15/12/1937. Nº188.

²²⁹ PINTO, Luziano. “Os primeiros cinemas de Uberlândia (1908 – 1952)”. *Boletim CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História*. Nº23. Ano 11. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. 2ºsemestre/1998.

Florianópolis, formando o ponto central da cidade. Nessa região, localizavam-se os principais edifícios públicos e privados, a Matriz de Santa Terezinha, efetuavam-se as operações financeiras e transações comerciais, planejavam-se os principais projetos políticos, reunia-se para o lazer e entretenimento, o bate-papo de amigos nas praças. Como bem sintetiza Soares, nessa região localizava-se os mais importantes pontos de referência da cidade até os anos 1970.⁽²³⁰⁾

Ao referir-se a região central da cidade, a autora resente-se de que esses testemunhos da história da cidade foram demolidos para dar vazão a novos símbolos do progresso. Opinião que assentimos. As novas gerações não demonstram cuidado com o passado, sua intenção é indicar o futuro através da demonstração de desenvolvimento local. Entretanto, para além da despreocupação com a preservação histórica, percebemos que o espaço urbano é constantemente reapropriado e nele impresso novas representações que explicam os ideais abraçados. Outrora estrada da estação e outras trilhas fora do espaço civilizado, essa área tornou-se o coração da cidade. Dantes, pessoas e construções simples compunham o cenário. Aos poucos, essas pessoas foram forçadas a se mudarem, geralmente para áreas mais periféricas, e as rústicas construções foram substituídas pelos palacetes e arrojados prédios comerciais, palco dos maiores e melhores eventos sociais.

²³⁰ SOARES, Beatriz R. Op. Cit.



Praça da República (atual Praça Tubal Vilela) – Anos 40.
Importante espaço de sociabilidade da população uberlandense
Fonte: *Arquivo Público Municipal*

O sítio histórico em que se desenvolveu a cidade, o Fundinho⁽²³¹⁾, tornou-se secundário em importância. De ruas tortuosas e estreitas, foi “planejado” para o carro de boi, não facilitando o trânsito de automóveis e a circulação de capitais. Referido como a parte histórica da cidade, também foi reapropriado e, atualmente, possui um alto valor mercadológico. Ao lado das antigas residências, casas luxuosas e de arquitetura moderna são construídas.

A medida que as práticas sociais e políticas foram alterando a paisagem urbana, a arquitetura, na área central de Uberlândia, também parecia falar, por si mesma, do desenvolvimento que a cidade ia alcançando. Não obstante, a paisagem urbana, em outras áreas, não era tão agradável. Até meados dos anos 50, Uberlândia estava dividida em duas áreas distintas: a cidade, entenda-se a parte civilizada, que compreendida da região em que, inicialmente, a cidade se desenvolveu (Fundinho) até a Estação de Ferro Mogiana, que, por sua vez, funcionava como um divisor; daí para diante, sentido norte, estava situada a periferia, desprovida de infra-estrutura. Cabe ressaltar que no sentidos oeste e leste, também havia áreas periféricas.

A paisagem da periferia diferia bastante da imagem projetada da cidade. Qualificadas como antro de vadiagem, pobreza e imundícia, as regiões periféricas careciam de melhoramentos. Sua população vivia em precárias condições de vida, agravadas pela carestia de preços e desemprego. Segundo a geógrafa Beatriz Ribeiro, adicione-se a esses problemas, a especulação imobiliária, denunciada pela imprensa desde os anos 30. As imobiliárias criaram novos espaços urbanos, ampliando horizontalmente o perímetro, porém sem ordenamento ou legislação pública. Como a oferta de lotes era bem superior a demanda e as possibilidades das classes trabalhadoras em adquiri-los eram escassas, cresceram os subúrbios, ou vilas⁽²³²⁾, com qualidade de vida deteriorada e sem infra-estrutura mínima (escolas, calçamento, água tratada, esgotos, energia elétrica). *Nesses lugares, a paisagem urbana em nada lembrava a*

²³¹ O nome Fundinho é uma forma ora pejorativa, ora carinhosa dada ao lugar devido a sua topografia inclinada, nas proximidades do fundo de vale que formavam o córrego São Pedro e o rio Uberabinha. O tom pejorativo era dado quando se queria desqualificar a região como parte velha da cidade. A forma carinhosa do nome dizia respeito ao significado emocional que seus moradores lhe atribuíram.

²³² Citaremos algumas delas: Vila Operária, Vila Martins, Vila Saraiva, Vila Nova. A Vila Martins, loteada em 1924, é apontada como a primeira tentativa de expansão da área mais antiga da cidade.

Cidade Jardim, *cantada em verso e prosa pelos administradores públicos, pelos empresários e jornalistas.*⁽²³³⁾

Não obstante a imagem, a pobreza latejava nos poros da vida social de Uberlândia. Vista como cancro social a ser extirpado, as estratégias de controle utilizadas se fundamentaram em dois princípios. Inicialmente, tentou-se reprimir a pobreza pela força da lei enquadrando-a como resultado da preguiça e do ócio; em seguida, a questão adquiriu um cunho assistencialista.

As estratégias disciplinares de cunho assistencialista em Uberlândia fundamentaram-se, desde a década de 20, em discursos modernos sobre a caridade pública. Contra a pobreza que se expõe cotidianamente no espaço público, que resiste às medidas jurídico-políticas postas em prática para reprimi-la a ajuda como um direito daqueles que vivem em um estado de indigência, o qual ameaça a ordem social burguesa.⁽²³⁴⁾

A criação de entidades de “apoio” ao pobre legitimou, então, o controle da pobreza e da mendicância no interior da cidade. A fundação do Dispensário dos Pobres (1934), por exemplo, sob o pretexto de retirar os mendigos das ruas e amparar os desvalidos, contribuiu para a exclusão dos pobres da região central da cidade. A institucionalização da pobreza, no final da década de 50, permitiu uma melhor gestão do espaço urbano, confirmando a imagem projetada da cidade.

Mesmo com as sérias contradições, a imagem de cidade-progresso aos poucos vai se consolidando. A projeção da imagem da cidade fora de seus limites atrai migrantes e a cidade cresce. O progresso veio sobre trilhos e rodas, inicialmente a estrada de ferro – Companhia Mogiana –, em seguida a Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal que abrindo estradas possibilitou o intercâmbio com outras cidades, fazendo-a um entreposto comercial. Por fim, a implantação de estradas de rodagem que interligavam o Centro Oeste ao Centro Sul brasileiro, e a construção da nova capital federal, Brasília, que deslocou grande contingente de pessoal e capital passando pela região, beneficiou o comércio e os empreendimentos locais. Aliado ao afã de novas transformações o poder público encomendou ao Departamento Geográfico de

²³³ SOARES, Beatriz R. Op. Cit. p.135.

²³⁴ MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês.* Op. Cit. p.112.

Minas Gerais um plano urbanístico⁽²³⁵⁾, para que, assim, a cidade pudesse manter-se na “senda do progresso”, sem sobressaltos.

Animado pelo progresso que a cidade vinha alcançando, o planejamento urbano foi influenciado pelo movimento americano *City Planning*, que sugeria grandes planos que poderiam ser executados no futuro quando a cidade crescesse um pouco mais. Exprimindo a crença no progresso, o traçado existente assemelha-se ao modelo de planejamento denominado progressista, que busca imprimir funcionalidade ao espaço. O ordenamento urbano deve se pautar em quatro funções: habitar, trabalhar, recrear, circular, criando zonas específicas para cada atividade.⁽²³⁶⁾

Sob esse princípio, o plano urbanístico previa a reformulação da cidade em cinco pontos nodais: tráfego, com o aprimoramento do centro, abertura de artérias radiais para escoamento e desenvolvimento das comunicações; urbanização, envolvendo arruamento e reformulação das quadras para o formato retangular (o antigo traçado quadriculado tornara-se rígido); zoneamento dizendo respeito a localização e demarcação das zonas segundo sua finalidade; arborização⁽²³⁷⁾ e seção técnica correspondendo à capacitação técnica de pessoal para garantir a execução do planejamento. Contudo, por implicar alto custo, o plano não foi plenamente respeitado ou mesmo executado.

Um dos maiores símbolos de progresso e modernidade que abrilhantou a imagem urbana de Uberlândia foi o arranha-céu, pois a verticalização, ocorrida no final dos anos 50, criou uma nova paisagem evocada como necessidade de afirmação perante outras cidades e que, ao mesmo tempo, se apresentava como resultado do desenvolvimento tecnológico e das novas conjunturas sociais. Nos depoimentos orais de pessoas que vivenciaram esse período, elas, freqüentemente, referem-se aos edifícios Drogasil, com sete andares, e edifício Tubal Vilela, com dezesseis andares, como os mais significativos dos sonhos uberlandenses que se elevavam às alturas. Ambos localizam-se na avenida Afonso Pena esquina com a praça Tubal Vilela (antiga Praça da República), a artéria aorta da cidade.

²³⁵ DEPARTAMENTO GEOGRÁFICO DO SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Plano de Urbanização da Cidade de Uberlândia*. Belo Horizonte: Serviço Público do Estado de Minas Gerais, 1954.

²³⁶ Ver: CHOAY, Françoise. “A história e o método em urbanismo”. In: *Imagens da cidade*. Op. Cit. pp. 13-27.

²³⁷ No plano, esse ponto é referido como digno de minucioso estudo, possivelmente devido a constante preocupação com a assepsia e estética urbanas, fortalecendo a imagem de Cidade Jardim.

Ao observar a imagem de Uberlândia na primeira metade do século passado, há um crescimento significativo. A cidade extravasou as margens dos córregos e rios, avançando em todos os sentidos: norte-sul, leste-oeste.



Uberlândia, vista aérea dos anos 1940.
(Fonte: Arquivo Público Municipal)

A imagem da cidade que era divulgada compreendia da Praça Liberdade (atual Praça Clarimundo Carneiro) a Estação de Ferro Mogiana (Praça Sérgio Pacheco). Nos primeiros tempos de Uberabinha, a Estação funcionou como imã na expansão da cidade, atraindo investimentos e incentivando a fixação da população nas vias que lhe davam acesso. Cumprida essa “missão”, a Estação e a instalação dos trilhos logo passaram a representar um entrave; além de “estragar” a paisagem, impedia a continuidade da expansão no sentido norte.

Vendo a Mogyana nesta cidade, sempre gulosa e interesseira, lembramos do estrago que a mesma faz do nosso panorama. Os seus imensos terrenos sujos e mal tratados, já agora bem no centro da nossa cidade, é um desastre. É um jeca no meio da mais linda paisagem brasileira.⁽²³⁸⁾

²³⁸ “Estragando a paisagem”. *Jornal A TRIBUNA*. 04/01/1931. Nº530. Anno XIII. p.1.

O papel de determinados signos do progresso é serem válidos somente até o cumprimento dos objetivos. Quando alcançados, novos signos são criados, e, de semelhante modo, utilizados à exaustão. Signos de valor estético e funcional, considerados belos ou úteis podem vir a tornar-se uma nódoa a ser extirpada e esquecida ou vice-versa.

De acordo com Ferrara, a cidade possui uma estrutura de linguagem para além do visual, é polissensorial. É olfativa, tátil, sonora, cinética. Para compreender essa multiplicidade de significados no interior da cidade, a autora aponta um caminho: *a transformação do espaço construído e habitado é tão incômoda e desafiante que exige o domínio da razão como único meio de compreender/explicar*⁽²³⁹⁾. Nesse ponto, discordamos pois a própria autora afirma que a cidade é polissensorial. Assim, a razão não necessita ser o único meio para compreendê-la. A cidade é razão vista no planejamento, ordenamento, hierarquização dos espaços mas, também é sentimento, desejo, percebidos nos próprios planejamentos, nas práticas de seus habitantes, na expressividade dos monumentos. Sendo múltiplas as representações no urbano, os sentidos conferidos podem tocar mais profundamente a razão ou a sensibilidade.

A imagem urbana, resultante da intervenção dos sujeitos sociais no espaço, impulsionados pelo imaginário social e político, é um dos meios pelos quais a cidade se dá a ler. A eficácia da imagem é proporcional à relação que os indivíduos estabelecem com o imaginário e à apropriação das representações construídas. Nessa perspectiva, a imagem urbana, como forma de linguagem que dá inteligibilidade ao cotidiano, fornece elementos para a tessitura do discurso de legitimação do poder.

As transformações na imagem urbana de Uberlândia, em todo o tempo, buscaram garantir a consecução dos objetivos de alcançar um grande nível de desenvolvimento e aparentar modernidade. Se dantes a imagem do arraial não inspirava muita simpatia, a imagem urbana, constituída ao longo do percurso histórico, dá vistas de um nobre ideal. A história da cidade não é contada apenas por palavras eloqüentes e persuasivas, a imagem urbana como texto não-verbal muito tem a dizer e, como bem aponta Ferrara, *as transformações econômicas e culturais deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras, que*

²³⁹ FERRARA, Lucrécia. *Olhar Periférico*. Op. Cit. p.233. (grifo nosso)

têm como significado o conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças que nutriram, através dos tempos, o cotidiano dos homens.⁽²⁴⁰⁾

A imagem não é única, possui máscaras. Em outra oportunidade, Ferrara indica algumas qualificações para a compreensão da imagem urbana, pois a medida que a imagem se dispõe concretamente vai adquirindo maior complexidade: *edificada*, a arquitetura se destaca e fala por si própria; a *escultórica*, diz respeito às formas que dão eficiência à imagem; *emblemática*, valor de documento histórico; *renovada*, tentativa de fornecer um visual sempre novo; *referencial*, demarcação dos espaços; *estática*, descrição do panoramas; *segura*, a imagem não sugere dúvidas sobre suas informações; *apelativa*, espécie de publicidade; *pública*, percepção coletiva que a consagra⁽²⁴¹⁾. Podemos observar que essas qualificações podem ser evidenciadas em Uberlândia pois que, na região central, as imagens contempladas corroboram, em certa medida, o discurso do progresso. A construção da imagem da cidade não foi realizada de maneira aleatória, mas uma inquietação levou os indivíduos a elaborá-la com apurada dedicação, tentando evitar as nódoas que, vez ou outra, teimavam em mostrar-se fosse na região central, através de roubos e acidentes, a prática da mendicância, construções inacabadas, lixo e entulho em calçadas e vias, na perturbação da ordem como o quebra-quebra em 1959⁽²⁴²⁾, ou na periferia carente de infra-estrutura.

Uberlândia sonhou em ser grande! Sonhou em se impor a Minas Gerais, ao Brasil com seu nome glorioso de cidade grande, bela e magestosa. Sonhou e converte seu sonho em realidade.⁽²⁴³⁾

O sonho de grandeza e progresso, herdado dos pioneiros que desbravaram a região e perseguido com diligência, parecia estar se convertendo em realidade. Diante das intempéries, a imagem dominante que se formou é de uma cidade-progresso que venceu e se impõe. Seria realmente assim? Ouçamos o que os sujeitos uberlandenses têm a dizer.

²⁴⁰ Idem. p.202.

²⁴¹ "Cidade: imagem e imaginário". In: *Imagens Urbanas*. Op. Cit. pp.193-201.

²⁴² A respeito do quebra-quebra de 1959, ver NUNES, Leandro José. *Cidade e Imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras*. Uberlândia – 1950 – 1960. São Paulo: PUC, 1993. Dissertação de Mestrado. VASCONCELOS, Maria Helena Falcão. *Dias de violência*. O Quebra de janeiro de 59 em Uberlândia. Campinas: UNICAMP, 1993. Dissertação de Mestrado.

²⁴³ *A Cesar o que é de Cesar*. Jornal *O REPORTER*. 09/01/1951. Nº1407. Ano XVIII. p.2.

3.2 - O que os Sujeitos Sociais Têm a Dizer

A imagem da cidade possui uma durabilidade que permite aos grupos sociais marcarem posição, confirmarem suas representações. Ao mesmo tempo que os grupos sociais imprimem sua identidade no espaço, é por ele influenciado. A medida que o grupo se modifica, altera a percepção do ambiente. Visto que os grupos sociais são diferenciados, há diferentes formas de representar um mesmo espaço, guardando memórias múltiplas.

Segundo Halbwachs, a memória é um ato de reconstrução do passado, sendo sua realidade dada pela sociedade, a partir dos quadros sociais do presente.²⁴⁴ Dessa forma, as lembranças que compõem a memória podem consistir de experiências realmente vividas ou de lembranças construídas pela experiência de outros e agregadas a lembranças individuais que alimentam-na. Só há memória se houver grupo social. Há quantas memórias coletivas, quantos forem os grupos sociais. Daí a multiplicidade de percepções da cidade.

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura, não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca.⁽²⁴⁵⁾

A memória se impregna no espaço. Seja na arquitetura, seja nos marcos simbólicos, como murmúrio de vozes diversas, o espaço urbano relata histórias das transformações, conflitos, festejos e outros. A maior estabilidade do espaço indica a permanência da memória do grupo social que deseja legar. Pode ocorrer o inverso, a mudança do espaço urbano é reveladora das transformações dos grupos sociais e sua ânsia em fazer-se novo.

²⁴⁴ HALBWACHS, Maurice. Op. Cit.

²⁴⁵ Idem. p.143.

Rememorar as transformações e permanências é um exercício que, muitas vezes, busca reafirmar representações, os referenciais e apontar novas perspectivas. A ativação da memória dada pelos quadros sociais do presente, depende da função social exercida pelo sujeito que lembra. Inserido em determinado grupo social, suas lembranças são aquelas de seu grupo. Nas lembranças, também estão presentes as emoções, as angústias, as frustrações, as alegrias e conquistas, enfim as sensibilidades do sujeito que lembra e de seu grupo social.

Assim como a imagem urbana relata a história da cidade, a memória de seus habitantes é uma porta de entrada para compreendermos a multiplicidade que se abriga nessa criação humana, a cidade.

Na sociedade moderna, lembrar, geralmente, é atividade atribuída aos velhos como obrigação social que garante a continuidade dos grupos sociais, podendo fornecer as bases em que se assentam o imaginário porque, ao terem vivenciado o passado, compreendem a dinâmica que levou ao ponto presente. Outrossim, constituem documentos vivos de um tempo que não volta.⁽²⁴⁶⁾

Debruçar-se sobre o testemunho oral de sujeitos sociais que nos relataram suas versões a respeito da história da cidade de Uberlândia permitiu-nos averiguar o grau de introjeção do discurso grandiloquente de progresso. Naturais de Uberlândia (*uberlandenses*) ou filhos adotivos da terra (*uberlandinos*), os sujeitos guardam em suas memórias eventos, fatos, personagens, emoções, sonhos que, para além da história oficial, contam a história da cidade. Nosso objetivo ao ouvir os depoimentos foi apreender as diferentes percepções da cidade, através dos relatos de história de vida.

A maioria da população uberlandense, da primeira metade do século XX, não era alfabetizada, não possuindo acesso à produção escrita que versava sobre a cidade. Outrossim, poucos são os murmúrios da população pobre na documentação escrita. Assim, buscamos antigos moradores da cidade que tivessem nascido a partir da década de 1920 ou que morassem na cidade desde o final dos anos 1930. São indivíduos de diferentes grupos sociais, com diferentes níveis de escolaridade, de concepções de mundo e experiências variadas, diferentes funções sociais.

Desse mosaico, pinçamos aspectos que respondessem às nossas indagações. O discurso grandiloquente do progresso local é compartilhado pelos diversos sujeitos sociais? Como esses sujeitos percebem a cidade? Como era a cidade em sua infância, adolescência ou quando se mudou? Que fatores explicam o progresso de Uberlândia? O que impulsionou o desenvolvimento da cidade? O que considera prova do desenvolvimento e progresso da cidade? Quem mais contribuiu e tem contribuído com a cidade? Nas últimas décadas, houve um considerável desenvolvimento. Não obstante isso, que problemas podem ser considerados decorrentes desse progresso?

Na realização das entrevistas, procuramos levantar as características da família do entrevistado, sua infância, juventude e maturidade; relações entre sua história de vida e a história da cidade, no sentido de tentar estabelecer alguns pontos de convergência entre as experiências do entrevistado e o desenvolvimento da cidade; visões subjetivas que expliquem suas percepções.

Cada relato, uma história. Em cada história, aspectos comuns da versão oficial da cidade que insiste na condição de progresso. Como nas fontes escritas, tomamos o

²⁴⁶ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Op. Cit.

cuidado em não tomar o relato oral como verdade em si mesmo. Afinal, ao se dispor a relatar suas impressões da cidade, o entrevistado selecionou fatos considerados dignos de menção, evocou lembranças individuais e coletivas ainda que não vividas, foram incorporadas ao longo do tempo, ou quem sabe, lembranças apenas idealizadas. Nesse exercício de rememoração, o entrevistado falava de um lugar social específico, com determinados objetivos deixando, muitas vezes, de relatar o inconveniente, o não desejado, o contraste, o conflito, as desigualdades e exclusões.

Percebemos, no decorrer das entrevistas, alguns entrevistados selecionando lembranças, respondendo evasivamente a determinadas questões, privilegiando personagens ou lugares, insistindo em demarcar alguns pontos considerados de maior ou menor relevância pois, afinal, como sujeitos históricos, essas pessoas não são neutras, possuem concepções e paixões que defendem com ardor.

Os critérios de seleção dos entrevistados consistiram em abordar pessoas, de ambos os sexos, de diferentes formas de inserção social que fossem pessoas que tivessem ocupado cargo público e pessoas simples que não se preocuparam com as intrigas do poder instituído. Observando esse perfil, selecionamos sete pessoas que, no primeiro momento, concordaram em colaborar. Entretanto, após alguns contatos, três delas preferiram não fornecer informações por motivações particulares. As resistências mais tenazes foram das mulheres que, julgando suas experiências de pouca valia, alegaram que sua vivência foi restrita, sem acompanhar com muito interesse o cotidiano da cidade ou mesmo sem importar em problematizar suas experiências.

Uma das primeiras atitudes dos entrevistados ao serem indagados sobre a Uberabinha/Uberlândia que conheceram foi realizar uma comparação entre seu momento passado e presente. O tempo da memória é plural. A memória não obedece a encadeamentos rígidos, nem se confunde com os acontecimentos, ela dá saltos temporais. Visto não ser o tempo universal, é uma convenção social dos grupos sociais, consoante as correntes de pensamento coletivo vigentes, os entrevistados, ao olharem seu passado, não manifestaram saudosismo. Fazem uma “ponte”, pois o que importa é o presente e o futuro, designados melhores. Ao iniciar sua descrição do passado, saltaram para seu presente sem aparente dificuldade de localização ou preocupação com lacunas ou anacronismo.⁽²⁴⁷⁾

O meu ponto de convivência normal e natural foi sempre em Uberlândia, desde o Uberabinha dos primeiros tempos, até a portentosa cidade que é hoje e que se caracteriza como um dos centros mais notáveis do país, seja em seu sentido econômico, social, cultural, em qualquer que seja seu aspecto. Incontestavelmente, Uberlândia é hoje um dos principais centros do Brasil. Eu me orgulho com isto, porque eu vi a cidade crescer de uma simples aldeia ao que é hoje.⁽²⁴⁸⁾

Que quem conhecia Uberlândia em 1928 até hoje, não fala que esse Uberlândia hoje é aquele, não. É uma coisa fora do limite. Ih, minha Nossa Senhora! A senhora vai ficar até abismada. Vai achar até que eu tô falando uma coisa que,

²⁴⁷ Na transcrição das entrevistas, preferimos manter a forma original dos relatos por entendermos que expressam melhor a individualidade de cada um dos entrevistados.

²⁴⁸ Professor Osvaldo Vieira Gonçalves. Entrevista realizada em 25/01/1990 pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

que não é. Eu quando conheci Uberlândia não tinha nenhum bairro, a não ser o Fundinho. Era um miolinho. A gente descia lá, naquela rua João Pinheiro, no carro de boi, vinha até a praça Coronel Carneiro. Pra baixo não descia, não tinha condições de descer, né. Era capoeira, mato, pasto de boi, pasto de carroceiro pôr os animais. Não descia mais, não.⁽²⁴⁹⁾

Então a primeira qualidade que eu vejo na ocupação de Uberlândia, no passado do nosso município, esse espírito guerreiro, de transformar as qualidades em motivação para sucessos, para construir coisas importantes. Esse espírito, assim, de entender o que precisa ser feito, um espírito de inconformidade, inconformismo, as pessoas não se acomodavam. Quando eu vejo, hoje, as pessoas criticando o que existe, insatisfeitas, eu digo, isso é uma característica típica de Uberlândia. Aqui, nunca, nem quando for o paraíso, deixará as pessoas extremamente felizes, que é da raiz não se conformar, e foi por isso que se construiu Uberlândia. Mas eu digo sempre, é que nós não estamos satisfeitos com Uberlândia tão boa como ela já é, mas nós ainda não estamos satisfeitos, queremos transformar em coisa melhor.⁽²⁵⁰⁾

Notemos a semelhança entre as afirmações. A primeira e a terceira foram proferidas por pessoas que exerceram função pública durante grande parte de suas vidas, ressaltamos, o último ainda vive. A segunda afirmação é de um senhor que veio para Uberlândia no final da década de 1920, quando ainda era Uberabinha, sempre trabalhou na zona rural do município, vindo à cidade apenas para comercializar seus produtos agrícolas e adquirir produtos manufaturados. Outrora uma pequena *aldeia*, a cidade adquiriu novas feições e seus moradores manifestam satisfação por isso. O desenvolvimento da cidade provoca orgulho, às vezes espanto. A pequena cidade rodeada de vegetação nativa em que o carro de boi, com sua cantiga triste, trazia os gêneros necessários à subsistência de seus moradores, cresceu, *é uma coisa fora do limite*, e não se contenta, quer ser cada vez melhor. Esse *inconformismo* faz parte da índole de sua população, herdado dos pioneiros. As dificuldades são encaradas como desafios a serem vencidos em prol de maior excelência.

Na terceira afirmação, há um certo tom paradoxal: *Nunca, nem quando for o paraíso, deixará as pessoas extremamente felizes, que é da raiz não se conformar, e foi por isso que se construiu Uberlândia*. Se Uberlândia é formada por indivíduos que não se intimidam frente às dificuldades, antes torna-as motivação para o sucesso para, a cada dia, construir o novo que é sempre superior ao estágio anterior, então cabe indagar: afinal, onde os uberlandenses querem chegar, visto que nunca estarão satisfeitos? Essa insatisfação pode ser explicada porque Uberlândia está inserida na sociedade capitalista em que a produção nunca basta a si própria. Cada limite, invenção ou conquista científica já trazem, em si, novas exigências a serem supridas. Por isso, a insaciável Uberlândia persiste percorrendo as “verdejantes campinas do progresso”. Por outro lado, indagamos: e a felicidade, quando será alcançada, pois afinal a obra de construção da cidade não visa atender, entre outras coisas, as necessidades do homem?

A cidade que os entrevistados conheceram no passado não mais existe e não eles se ressentem disso. Lembram-se, sem mágoas, das dificuldades da infância: o percurso da

²⁴⁹ Entrevista com Sr. José Severino Borges.

²⁵⁰ Entrevista com Sr. Oscar Virgílio Pereira.

escola feito a pé, enfrentando a lama ou a poeira das ruas e avenidas, a dificuldade de acesso a pontos da cidade devido a falta de ponte sobre um córrego ou serviço de transporte, o campo de futebol no meio do cerrado, o banho nas águas barrentas do rio, as picadas do grande número de moscas e mosquitos que infestavam a cidade devido ao mau cheiro dos lixos nos quintais, a água represada nos tambores. Quando jovem, a falta de variedade para formação escolar que exigia das famílias ricas que levassem seus filhos para as cidades maiores como São Paulo ou Rio de Janeiro, e das mais pobres o fim do sonho de uma carreira profissional de nível superior, a escassez de oportunidades no mercado de trabalho. Tudo isso parece ser compensado pelas condições presentes do momento da lembrança.

Barui de galo cantano, barui de carroceiro deixano os animal e barui daqueles sari de cisterna. Então, aquilo acabou. Tem hora que eu penso, penso... Deixa pra lá. Eu não quero nem lembrar disso, deixa pra lá. O que passou, passou. Fica pra lá, né. O bom é pra cá, pra cá tá mió. Quero desenvolver.⁽²⁵¹⁾

Interessante é, se cruzarmos esses relatos do tempo presente em que falam os entrevistados e o presente em que redatores da imprensa local escreveram, a afirmação da condição de progresso é latente. A cidade é mais próspera que o passado imediato e reúne as condições para um desenvolvimento contínuo.

*Uberabinha está fadada a um brilhante futuro. As rendas crescem e a sua aplicação é honesta e criteriosamente aproveitada, de maneira a transformar a velha cidade de S. Pedro na moderna Uberabinha.*²⁵²

*Recebemos diariamente, visitantes que se impressionam conosco.*²⁵³

*Mais de uma vez temos dito, e, continuaremos dizer sempre, Uberlândia será futuramente uma cidade monumental.*²⁵⁴

O progresso de Uberlândia pode ser atribuído a alguns fatores: o espírito guerreiro de sua gente que acaba por contagiar o forasteiro; a hospitalidade que facilita a divulgação da imagem da cidade; a higiene manifesta nas residências, nos veículos, geralmente, de cores claras, ruas e praças bem ajardinadas e cuidadas; a construção de estradas para ligação com outras regiões que, ao mesmo tempo, impulsionou o comércio; o considerável número de escolas formando cidadãos cultos, a excelente posição geográfica. Somados, desencadeiam o progresso. Esses fatores tomam vida ao serem representados, ou seja, à proporção que os indivíduos vão incorporando-os ao seu cotidiano, seja na forma do trabalho, na manutenção da higiene privada e pública, torna-se real. Na verdade, a indicação desses fatores como responsáveis pelo progresso local,

²⁵¹ Entrevista com Sr. José Severino Borges.

²⁵² CUBAS, Braz. "A quem competir." *Jornal O PROGRESSO*. 03/10/1909. Nº 105. Anno III. p.1.

²⁵³ *Jornal A TRIBUNA*. 05/10/1924. Nº263. Anno VI. p.1

²⁵⁴ FERREIRA, Orozimbo. "Rodovia, pneu e gasolina" *Revista Uberlândia Ilustrada*. Uberlândia: Junho/1939. Nº4. Ano I. p.11.

se ampara no discurso oficial que foi incorporado pelo imaginário social e tornando-se comum nas falas dos indivíduos.

Aqueles uberlandenses natos, que vieram pra'qui nos primórdios de Uberlândia, tinham esse espírito de desenvolvimento. E, então parece que esse bom germe veio acompanhando, poderia ousar dizer, até os nossos dias.⁽²⁵⁵⁾

Desde as raízes, foi gerado um espírito de desenvolvimento que perdura e suas manifestações podem ser verificadas na condição de liderança regional que a cidade exerce sobre outras do Triângulo Mineiro, no crescimento populacional devido a atração de migrantes, contingente que se tornou significativo nos anos 1970.

A ênfase no espírito progressista, ao mesmo tempo em que impulsiona em direção ao futuro, também estimula o esquecimento do passado. Se os sujeitos sociais desprezam o passado por significar dificuldades e atraso, valorizando o presente, essa atitude pode ser vista na transformação da imagem urbana. Antigas construções são demolidas para a construção de luxuosos palacetes ou modernos edifícios comerciais e públicos.

Curiosamente, há um edifício que quase todos os depoentes, inclusive aqueles que não quiseram gravar entrevista, reclamaram, pesarosos, de sua demolição. O edifício do fórum, construído na Praça de República (atual Praça Tubal Vilela), centro comercial da cidade, inaugurado em 1922, foi demolido pela Prefeitura Municipal na década de 1980. Alguns protestos são incisivos:

Uma das coisas que eu reprovo foi a demolição do prédio do fórum, reprovo isso daí. Prédio é uma tradição, não podia ser tocado em hipótese alguma, mas descuidaram. A prefeitura descuidô, porque ela podia impedir a demolição daquele prédio. Não há praça como aquela, aquele prédio lá, majestoso, antigo, igual a eu mesmo.⁽²⁵⁶⁾

Lamento, porque a história está se perdendo. Nós tínhamos verdadeiros projetos de arquitetura que foram todos destruídos. Dizem que o brasileiro não têm memória, talvez tem razão, porque poder-se-ia fazer o progresso conservando essa riqueza histórica, que é uma riqueza histórica. Hoje se você percorrer a cidade antiga, digamos assim, talvez você não encontre dez construções daquela época. Não é que eu seja saudosista ao extremo, mas acho que podia ter feito o progresso sem destruir essa riqueza. Destruíram o Fórum aqui, pra construir aquele edifício, porque se construiu um novo Fórum lá na praça Sérgio Pacheco. Será que não teria um outro terreno pra construir aquele edifício e preservarem em nome da história jurídica de Uberlândia, aquele Fórum? Será que seria tão caro reformar digamos, para que aquilo servisse como um marco da nossa história jurídica?⁽²⁵⁷⁾

²⁵⁵ Entrevista com Sr. Roberto Vieira da Silva.

²⁵⁶ Entrevista com Sr. Otacílio José Dias.

²⁵⁷ Entrevista com Sr. Roberto Vieira da Silva.

O velho edifício possuía um valor simbólico. Considerando que a imagem desencadeia a memória, para os mais velhos a contemplação do prédio do fórum poderia refazer lembranças de momentos expressivos ou significados afetivos. O prédio foi, durante muitas décadas, a morada da ordem e da justiça. Se para o primeiro sujeito o prédio era tradição, uma parte da história da cidade, o outro acrescenta um outro sentido: abrigo da história jurídica. Isso não é sem razão. Formado em direito, o entrevistado importa-se com questões atinentes a essa área. Quem sabe não teria ele atuado no plenário do antigo fórum defendendo alguma causa? Se no passado, ou presente da construção, o prédio foi indicativo das aspirações locais, do nível de civilização desenvolvimento da população, quando demolido estava estragando a imagem. Os sonhos haviam se “modernizado” e o arcaico não convive bem com o moderno.

A observação, *hoje se você percorrer a cidade antiga, digamos assim, talvez você não encontre dez construções daquela época*, nos aponta o movimento de “criação destrutiva” do progresso que precisa se afirmar continuamente, por isso se desfaz do antigo para inaugurar o novo. Se o espaço oferece referências à memória dos grupos sociais, sua alteração obriga-os a reelaborar seus referenciais. Poucas são as construções da primeira metade do século que ainda restam. Entretanto houve uma reapropriação do espaço e a nova construção representa as novas percepções que foram se solidificando.

Outros fatores também impulsionaram o desenvolvimento da cidade: a estrada de ferro Mogiana, em seguida a abertura de estradas de rodagem permitindo maior acesso e intercâmbio com outras paragens. O comércio, facilitado pelos elementos citados, é apontado pela maioria dos depoentes como principal fator de desenvolvimento e que fez Uberlândia conhecida regionalmente. E embora a cidade se destacasse dentre as cidades do Triângulo Mineiro, sua fama não se estendia muito além.

Muitas vezes eu fui a São Paulo, eles achavam que em Uberlândia existia até onça e companhia limitada e tal. Aí você vê o desconhecimento. Eles chegavam a não acreditar quando eu contava que Uberlândia estava assim.⁽²⁵⁸⁾

Referindo-se a Uberlândia da década de 50, o testemunho ilustra as dificuldades enfrentadas por todos que lutavam por divulgar a cidade-progresso. O desconhecimento a respeito da cidade evidencia que a região não passava de um lugar à *Boca do Sertão*, inóspito, distante da região litorânea em que se concentrava os principais centros “civilizados” do país, carente de recursos e melhoramentos. Ainda que internamente o progresso fosse prática, não apenas discurso vazio, fazia-se necessário empreender estratégias que destacassem Uberlândia, atraindo pessoas, capital e, por conseguinte, maior desenvolvimento.

Se, por um lado, fosse necessário atrair estrangeiros, essa tática possuía alguns inconvenientes. Atraídos pela propalada hospitalidade, nem sempre o forasteiro correspondia às expectativas locais. Por não possuir raízes na cidade sua preocupação era, muitas vezes, “fazer fortuna” e retornar a seu local de origem, não se importando

²⁵⁸ Entrevista com Sr. Roberto Vieira da Silva.

com a imagem da cidade. No entanto, o estrangeiro que ao se fixar na cidade consegue se projetar é louvado como aquele que soube compreender o espírito desenvolvimentista. A esses costuma-se dar o nome de *uberlandinos* porque são adotados como filhos da terra e se comportam como tais.

Alem registra que as classes dirigentes da cidade sempre tiveram uma enorme capacidade para forjar um destino acima das eventuais disputas internas⁽²⁵⁹⁾. Não há dissonância na busca do eterno ideal de progresso e modernidade. Isso transparece nas falas dos entrevistados como algo natural. A despeito de quaisquer questões, fossem políticas ou ideológicas, todos se unem em torno desse ideal e colocam em segundo plano as disputas internas.

Havia dois cidadãos que foram muito importantes na história de Uberlândia, Roberto Margonari que era o dirigente do partido comunista e o Dr. Eduardo Veloso Viana que era dirigente do partido de representação popular, o partido integralista do Plínio Salgado. Então, eram correntes políticas diametralmente opostas, discutiam ferozmente na Câmara seus pontos de vista. Mas quando viajavam incorporados às comitivas que iam ao governo do estado, ao governo federal, os dois quase sempre eram companheiros de quarto pra estudar a melhor maneira de aproveitar aquela viagem. Então eu acho que a questão ideológica era um veículo de realização das aspirações da comunidade, havia acima de tudo esse tipo de identificação entre as pessoas e foi isso que fez com que Uberlândia construísse as coisas básicas.⁽²⁶⁰⁾

A participação da população na constituição da cidade-progresso consiste em executar práticas que confirmam as representações e o imaginário engendrados. Contagiados pelo ideal de desenvolvimento, os uberlandenses adquiriram um *espírito comunitário* que leva todos a contribuírem com sua realização.

Aqui tudo se fez, vamos dizer assim, é o esforço comum. Então esse espírito comunitário é a coisa mais importante que já houve em Uberlândia.⁽²⁶¹⁾

A realização de diversas obras deve-se à contribuição dos diversos sujeitos sociais. Os indivíduos, impregnados do discurso grandiloquente da ordem e do progresso, empreendem realizações como para si mesmos porque a vitória da cidade é a sua vitória. Essa atitude não foi exclusiva das pessoas de maior poder aquisitivo, muitos pobres abraçaram-na.

Todavia, nem todos os sujeitos sociais puderam participar da obra de construção da cidade. Muitos deles foram excluídos pois que, na lógica da sociedade capitalista não há a inclusão de todos nas benesses produzidas pelo capital. Ao contrário, a maioria fica excluída. E, em meio a uma sociedade de desiguais, o que há?

²⁵⁹ ALEM, João Marcos. “Representações coletivas e história política em Uberlândia.” In: *Revista História & Perspectivas*. Op. Cit.

²⁶⁰ Entrevista com Sr. Oscar Virgílio Pereira.

²⁶¹ Entrevista com Sr. Oscar Virgílio Pereira.

Onde tem duas pessoas, num tem “relia”, onde tem três já aparece. Onde tem vinte, duas “relia”, e assim por diante.⁽²⁶²⁾

Expresso nesses termos, percebemos que a medida que Uberlândia foi crescendo, muitas “relias” foram aparecendo porque seus problemas e as contradições foram crescendo quase na mesma razão do crescimento da população e no desenvolvimento econômico e político. Da vida pacata do início do século XX, em que quase todos se conheciam pelo nome, em que paravam nos alpendres e defronte das amplas janelas para “ver o tempo passar” ou dialogar com algum passante, das construções de muros baixos só restam lembranças. Aos poucos, o convívio social foi se escasseando, as casas foram aumentando seus muros por temor ao aumento da violência, a janela ganhou uma grade, a população de baixa renda mudou-se para regiões ainda mais longínquas do centro da cidade devido a especulação imobiliária.

E se, de um lado, alguns sujeitos sociais não aparecem como colaboradores na construção da cidade, outros, geralmente homens públicos, são destacados como mais significativos. Até 1930, os coronéis ocuparam a cena política local, como indivíduos que investiram na cidade com o mesmo ardor de um investimento pessoal. Essa prática personalista vincula política e sensibilidade. A dominação não se restringe ao racional, passa pela subjetividade confundindo interesses privados e interesses públicos, a administração é resultado de sua soma. Esse é, segundo Alem, o dilema político da classe política dos primórdios do município. A ação dos agentes políticos, não rara truculenta, é justificada como necessidade de se manter a ordem⁽²⁶³⁾. Característica também da dominação dos vigários quando Uberlândia era freguesia (1857-1888), a personalidade dos coronéis-administradores²⁶⁴ é descrita como pessoa de boa índole e qualidades humanitárias, que a todos acolhe com entusiasmo, buscando solucionar satisfatoriamente as questões apresentadas, de modo a favorecer o engrandecimento de todos. O fim do domínio dos coronéis para uns, é a razão de que Uberlândia toma fôlego e passa a caminhar com ânimo e passos mais ágeis para o futuro promissor.

Dessa época pra cá acabou a voz dos coronéis, acabou. Aí começou a expandir. Ou Pedro, ou Paulo, Se num ganhava o Pedro, o Paulo ganhava.⁽²⁶⁵⁾

A política local até 1930 estava circunscrita aos dois partidos *cocão* e *coió*, representantes dos grupos sociais que lutavam por se afirmar como dominante na administração, consolidando suas representações. Alternavam-se no poder, *ou Pedro, ou Paulo*, sem alterações no ideal supremo de progresso. Se antes fora a estrada de ferro, a estrada de rodagem e o comércio os motores de desenvolvimento doravante, a partir dos anos 40, a industrialização e urbanização passaram a ocupar a atenção dos

²⁶² Entrevista com Sr. Otacílio José Dias.

²⁶³ ALEM, João Marcos. Op. Cit.

²⁶⁴ Até 1930, os administradores recebiam o nome de Agente Executivo, acumulando as funções de prefeito e presidente da Câmara Municipal, indicados pelos grupos sociais mais poderosos, como os coronéis. A partir daí, com a ascensão de Getúlio Vargas foram nomeados interventores e, posteriormente, ao final da ditadura, desmembrou-se os Poderes Executivo e Legislativo, passando a existir, separadamente, as figuras do prefeito e do presidente da Câmara.

²⁶⁵ Entrevista com Sr. Otacílio José Dias.

administradores. Os anos 50 é o período em que os entrevistados pontuam como efetivação do progresso. O sonho tão caro do século XIX começava a se concretizar. De fato, grandes obras públicas de saneamento básico como construção de estação de tratamento de água, o planejamento urbano que redefinia o traçado urbano consoante aos novos tempos permitiram à cidade não apenas caminhar pelas veredas, porém, como água viva, alçar vôo para pousar no cume em que está seu ninho: o progresso. Mais que um discurso grandiloquente, o progresso tornou-se prática efetiva. E nos últimos 30 anos se acelerou.

Foi de 30 anos pra cá. O progresso foi rápido demais da conta. Nesse 30 anos, Uberlândia cresceu demais.(...) Eu comparo Uberlândia como um bebedouro de água no deserto, que tudo que quiser beber tem que vir naquele bebedouro.⁽²⁶⁶⁾

A condição de cidade-progresso, consolidada no imaginário social e político de Uberlândia, parece até certo ponto hegemônica, no sentido de que seus habitantes reforçam em suas práticas cotidianas, o discurso moldado no chão bráveo do arraial do final do século XIX, de que *fadada ao progresso*, essa terra tem um *futuro inaudito*. A Uberlândia do século XXI não abre mão desse sonho.

Não há como negar que Uberlândia cresceu e se desenvolveu. Alguns indicativos demonstram que em várias áreas há níveis salubres de desenvolvimento como o tratamento de água, 100% da população recebe água tratada. Mas, diante disso, o progresso tem seu preço. A exclusão social é grande, pois que a cidade não é produzida para todos, apenas uma parte usufrui dos produtos disponibilizados. E como os entrevistados indicaram, a despeito dos senões, é necessário que a “Portal do Cerrado”⁽²⁶⁷⁾ abra suas portas e deixe o progresso fazer morada. A fim de concretizar esse intento, alguns meios de comunicação de circulação nacional são utilizados para alardear que Uberlândia é *o elo entre os grandes centros urbanos e o interior do país*. Uma das últimas matérias desse porte foi realizada em janeiro de 2000, para a alegria de parte de seus moradores, que se sentem contemplados na mesma.

Rica, poderosa e fútil. Desfila com roupas extravagantes, celular a tiracolo e não perde a chance de dar um pulinho ao shopping center. Se a sociedade uberlandense fosse uma mulher teria todas essas características. E mais uma: seria muito invejada. É a cidade dos sonhos de quem vive nas redondezas. (...)

²⁶⁶ Entrevista com Sr. José Severino Borges.

²⁶⁷ Slogan de marketing utilizado pelo poder público nos anos 90 para divulgar a cidade.

Com tudo isso, Uberlândia pode rir gostosamente de quem estranha seu estilo de vida.⁽²⁶⁸⁾

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A civilização ocidental... é a primeira que se crê imortal, enquanto talvez seja simplesmente a primeira à qual falta um sentimento consciente da limitação.

(Luigi Zoja – *História da Arrogância*)

²⁶⁸ GRANATO, Alice. “Quero ser ela – O sonho nos arredores da BR-153 é um dia virar a rica Uberlândia”. *Revista Veja*. 05/01/2000. Edição 1630. Nº 1. Ano 33. São Paulo: Abril. p.84.

A cidade, como obra de infundável (re)construção, possui diversas histórias, e, por conseguinte, diversas interpretações. Ao pensá-la, não podemos fazê-lo como coisa em si, mas, também, como seus habitantes a percebem. Na cidade há hábitos, costumes, percepções, representações múltiplas que são diferentemente apropriadas por seus habitantes, pertencentes a grupos sociais distintos.

Construída ao longo do tempo em conformidade com as práticas sociais, a cidade tornou-se o emblema do progresso e da modernidade. Por isso, seus habitantes parecem assumi-la como continuamente nova, em que os vestígios do passado são extintos dando espaço ao novo e ao efêmero.

Manifestação da criatividade e inteligência humanas, a cidade concretiza o sonho do homem de dominar a natureza, retirando-lhe a hostilidade e possibilitando um novo cenário em que, de forma mais ou menos controlada, desenrola a vida, a história.

As cidades modernas ganham expressividade a partir da consolidação do capitalismo e, na Europa, Londres e Paris são tomadas como exemplo. Londres, a cidade industrial com suas grandes fábricas, multidão nas ruas, espaço acizentado da fumaça das chaminés, não se firma como modelo ideal. A qualidade de vida é precária, a turba é perigosa, por isso deveria ser controlada, evitando o caos. Paris, então, se converteu no modelo a ser adotado no século XIX. Paris, cidade elegante dos bulevares, das amplas avenidas, dos cafés, do movimento de pessoas nas ruas; cidade civilizada que irradia cultura, ordem, progresso em que tudo se caracteriza pela urbanidade, um *ethos* urbano. Esse modelo é exportado para diversos países, inclusive o Brasil.

O Rio de Janeiro, capital da nascente república brasileira, necessitava de uma reformulação para abrigar os sonhos de novos tempos que se abriam no final do século XIX. Com técnicos e urbanistas formados na escola francesa, a cidade foi reformulada, pois que como capital federal fazia-se imprescindível que aparentasse as esperanças de uma nova sociedade, fundamentada nos ideais positivistas da ordem e progresso. Em Minas Gerais, a nova capital também obedeceu a esses princípios. A colonial Ouro Preto de ruas estreitas e tortuosas e arquitetura barroca cedeu lugar à cidade planejada de Belo Horizonte porque era necessário apagar os vestígios do período imperial, inaugurando o novo mundo dominado pela racionalidade, técnica e eficiência.

Correndo mundo, o modelo parisiense aportou em São Pedro de Uberabinha, no Triângulo Mineiro, no final do século XIX. O pequeno arraial, nascido às margens de um córrego, em um lugar ermo, como semente lançada em “terra fértil”

vicejou e produziu vistosos frutos do progresso. A medida que o arraial foi crescendo e adquirindo maior autonomia, um ufanismo foi se tornando marcante na constituição do imaginário local. Fundamentados nos princípios da ordem, trabalho, disciplina e higiene poder-se-ia construir uma cidade moderna e progressista no coração do Brasil Central. Imbuídos pelo imaginário, os sujeitos sociais se puseram em ação.

Segundo a idéia de progresso, o patrimônio futuro é sempre mais sólido que o do presente. A despeito das limitações, pode-se lutar por aperfeiçoar, criando condições para a melhoria e assentando bases mais consistentes, pois o conhecimento humano aumenta à proporção que decorre o tempo, proporcionando soluções aos desafios enfrentados. Essa idéia é, também, uma metáfora da imortalidade em que se crê que o crescimento sem limites dá ao homem a impressão de nunca cessar sua atividade, assemelhando-se a Deus.⁽²⁶⁹⁾

Sob a premissa de conquistar o futuro, Uberlândia iniciou sua jornada nas “veredas do progresso”. Para os “pioneiros” e população local do século XIX, não importava se iriam colher, em seu tempo, os louros de suas lutas e empreendimentos. A certeza de que algum dia se concretizariam, os impeliu a agirem.

Não obstante, para alcançarem os objetivos almejados, alguns pressupostos deveriam ser observados: o espaço deveria ser saneado, ordenado, disciplinado para fornecer uma boa imagem ao passageiro/visitante para abrigar as manifestações do progresso (energia elétrica, saneamento, planejamento) e para retirar os traços do passado e do meio rural. O Código de Posturas cumpriu bem essa função ao normatizar corpos/mentes/comportamentos/práticas. Em ato contínuo, a transferência do centro comercial para o setor norte favoreceu a expansão, assim como a construção de estradas de rodagens; o aumento do número de construções residenciais e comerciais; melhoramentos na infra-estrutura urbana (arborização, saneamento, abastecimento de energia elétrica, tratamento de água e esgoto, serviços de telefonia e outros), atração de investimentos públicos e privados. O que estava em questão era a constituição de um imaginário que efetivasse o ideal planejado outrora. A elaboração de um discurso da ordem e do progresso visava dar justificativa, de forma eloqüente, ao sonho positivista com elementos racionais e objetivos, fundamentados em acurada reflexão, e elementos subjetivos que atingisse não somente o intelecto mas, também, o homem interior em suas emoções.

As escolhas dos indivíduos combinam motivações racionais e emocionais. Desse modo, podemos observar que razão e sensibilidade são facetas constitutivas do discurso grandiloqüente que Uberlândia ostenta. Razão porque a elaboração se

²⁶⁹ ZOJA, Luigi. *História da Arrogância*. Psicologia e limites do desenvolvimento humano. São Paulo: Axis Mundi, 2000.

amparou em argumentos lógicos e racionais como o arrolamento das características físicas do lugar, das condições materiais que pudessem garantir fins objetivos. Sensibilidade porque despertou os sentimentos, as emoções afloraram, os sonhos foram acalentados e as mais recônditas convicções estimuladas, de modo que a ação foi impulsionada ao tocar o íntimo dos indivíduos.

A fim de concretizar os objetivos perseguidos, uma gama de representações foi construída. Todavia, fazia-se necessário divulgá-las para que, ao serem apropriadas, comandassem práticas que materializariam o progresso. Os memorialistas e a imprensa foram algumas dessas vozes, pois trabalharam ao lado dos grupos sociais que desejavam a manutenção da ordem estabelecida.

Memorialistas porque são, ao mesmo tempo, produtores de história e de memória, cristalizam a memória coletiva ao refazerem o percurso histórico da cidade para justificar o presente e apontar o futuro. A imprensa, por sua vez, durante a primeira metade do século XX, foi um dos principais veículos de divulgação das idéias e ideais de projeção e afirmação da cidade expressando, em seu cotidiano, o projeto de cidade-progresso pelas representações que estampavam em suas páginas. Considerando o que nos aconselha Blázquez⁽²⁷⁰⁾, importa pensar não o que as representações representam, mas como elas representam e de onde provém seu direito de existência e as condições sociais que levam os diferentes grupos a aceitarem-nas. Percebemos que esses meios foram, até certo ponto, eficazes porque buscou fazer com que os indivíduos se identificassem com os anseios de facções de grupos sociais, fazendo-os parecer universais porquanto dignos de serem introjetados, uma vez que alcançados, todos usufruíam de suas benesses.

As representações foram diferentemente apropriadas e para que o discurso não se tornasse inócuo - visto que as palavras poderiam se perder não cumprindo o objetivo desejado - foi de fundamental importância que o discurso se materializasse. A construção da imagem urbana deveria expressar um projeto civilizado: nova paisagem, nova arquitetura, espaço remodelado. Daí terem construído, em pontos estratégicos, marcos simbólicos que atestassem a

²⁷⁰ BLÁZQUEZ, Gustavo. "Exercícios de apresentação: antropologia social, rituais e representações". In: *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Op. Cit. pp. 169-198.

veracidade da palavra, obras arquitetônicas de caráter, muitas vezes, sublimes. Os diferentes espaços foram reapropriados, atribuindo-lhes novas funções, transformando a paisagem para conferir à imagem urbana o sentido que se projetava.

A imagem urbana demonstra as diversas etapas do processo de transformação social. Pela imagem, reveladora dos hábitos, sonhos e práticas, a história dos moradores da cidade torna-se conhecida. E, em Uberlândia, as transformações impregnadas em sua imagem urbana objetivaram a construção de uma cidade de venturoso futuro, como almejada pelos pioneiros do século XIX. Ao mesmo tempo, essa imagem legitima a dominação pois quer-se obra de determinados sujeitos ou grupos sociais que, por se julgarem mais valorosos, lutaram por fazer da cidade aquilo que se vê.

A constituição da imagem urbana quer definir a percepção dos habitantes da cidade, isto é, o modo que a retêm e com ela se relaciona. A percepção que os diversos sujeitos sociais possuem de Uberlândia corroboram a imagem dominante dela como “a cidade que deu certo”, uma cidade moderna que acompanha tendências mundiais. O presente é superior ao passado e o futuro o será em relação ao presente. E mesmo que haja contradições, o estágio de desenvolvimento alcançado pela cidade é, até certo ponto, satisfatório.

O exercício de reconstrução de lembranças de um tempo em que Uberlândia era a cidade que possuía um promissor futuro, em um presente em que as conquistas são comemoradas, serviu para os entrevistados como instante de reflexão para apontar novos objetivos. Ainda é preciso prosseguir pelas “veredas do progresso” porque o horizonte se ampliou, assim como as aspirações e, diante das novas exigências, as respostas só serão alcançadas após muito labor e exaustiva caminhada.

Durante a primeira metade do século XX, Uberlândia perseguiu, à exaustão, o progresso, mas este teimava em não se fixar em suas terras férteis. Ora afirmava-se que Uberlândia é grandiosa, ora Uberlândia seria grande no futuro, num breve ou, às vezes, distante futuro. Esse devir é o que movia os indivíduos.

No primeiro momento, a urbanização foi o símbolo do progresso. Em seguida, o comércio, e, posteriormente, a indústria. Em nenhum desses momentos, o que já

fora alcançado bastava. Neles, os diversos sujeitos sociais trabalharam para obter o fim desejado sem que muitos, entretanto, pudessem contemplá-lo. No final da primeira metade do século XX, houve um significativo crescimento urbano. As transformações se acentuaram e a realização de um sonho parecia se aproximar. Semeada a semente na “terra fértil”, esta se encarregou de frutificá-la, uma vez que a cidade se tornou principal centro regional.

O plano de urbanização, implantando nos anos 50, consistiu em um planejamento que permitisse um crescimento mais ou menos ordenado, atacando pontos considerados de maior urgência para a prosperidade local. A partir daí, a área periférica cresceu desmesuradamente, visto a especulação imobiliária; lutou-se pela implantação de um distrito industrial para completar a reputação de “cidade industriosa”; aumentou o número de escolas de nível superior para formar o novo tipo de cidadão que iria contribuir com o crescimento e, com a construção de Brasília, muitos migrantes e investimentos foram atraídos, sob o propalado refrão da posição geográfica privilegiada.

A partir de 1950, as conquistas de progresso da cidade foram significativas. Sua população dobrou; a área urbana se expandiu; foi instalado, no distrito industrial, considerável número de indústrias; foram criadas inúmeras empresas de prestação de serviços como os atacadistas⁽²⁷¹⁾; vultuosos investimentos foram realizados para implantação de novos negócios (construção de hipermercado, shopping center, estádio de futebol, call center, agroindústrias, centro administrativo), geralmente, em forma de obras faraônicas. Muitos fizeram fortuna. Mas, não é tudo. No limiar do século XXI, o ideal de progresso persiste. Como sonho arrebatador que direciona ao além, o desenvolvimento é o principal objetivo, pois que proporcionará, na concepção de grande parte de seus habitantes, mais capitais; mais indústrias; mais empregos; mais opções de vida, de lazer, maior conforto e uma melhor qualidade de vida. A megalomania de superar-se continuamente mantém vívido o ideal de uma “cidade acima das outras”, como o próprio nome Uberlândia sugere. Conquanto possua outras representações, outras

²⁷¹ Devido ao notável número de empresas atacadistas na cidade e sua intensa movimentação, durante os anos 80 foi cunhada a expressão de divulgação: *Uberlândia, capital do atacado*.

possibilidades, outros imaginários, essa é a imagem que predomina. E, assim, é consumida mesmo que seja necessário calar as vozes contrárias.

Nessa cidade, símbolo da modernidade, não há espaço para o *flâneur*, dada a velocidade da transformação. O tempo não pára, o progresso não espera. O arrebatamento de sentidos que eleva os uberlandenses a acreditar e buscar o progresso é semelhante ao sonho brasileiro: o Brasil é o (eterno) país do futuro... À revelia das crises que continuamente assolam o país, segue-se acreditando que, um dia, o país encontrará a saída e será um país desenvolvido. Afinal, possui níveis de desenvolvimento semelhantes a alguns países desenvolvidos e o povo brasileiro é um povo que não se assusta diante das adversidades.

O anseio de progresso, nascido no iluminismo europeu do século XVIII, levou o homem ocidental à desenfreada busca pelo crescimento ilimitado. Todavia, as conquistas alcançadas não são comemoradas, geram uma sensação de desconforto, pois o homem-criador parece se subjugar diante de sua criatura e, continuamente, precisa se reafirmar perante ela para não se sentir impotente. Por conseguinte, há um sentimento de angústia e culpa, que o leva a sempre buscar o novo, a desafiar-se em seus limites. Até quando?

FONTES

FONTES SOBRE A HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA

ARANTES, Jerônimo. *Corografia do Municipio de Uberlândia*. Uberlândia: Edição da Pavan, 1938.

_____ *Monografia de Uberlândia*. Rio de Janeiro: Universal Publicidad, 1957.

_____ *Como fizeram Uberabinha*. Uberlândia: 1972

_____ *Memórias históricas de Uberlândia*. 2ª ed. Uberlândia: Zardo, 1982.

_____ *Álbum da Câmara Municipal de Uberlândia*. Uberlândia: Zardo, 1980

CAPRI, Roberto. *Municipio de Uberabinha – Physico, economico, administrativo e suas riquezas naturaes e agricola*. São Paulo: Andrade e000 Dia Ed., 1916.

CARNEIRO, Ceres de Alvim. *Lágrima Comprida*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

FILHO, Salazar Pêsoa. *Uberabinha x Uberlândia - Duas histórias ainda não contadas aos meus benevolos leitores*. Uberlândia: Tip. Manhães. Setembro/1968.

PEZZUTI, Pedro. *Municipio de Uberabinha – Historia, Administração, Finanças, Economia*. Uberabinha: Livraria Kosmos, 1922.

SILVA, Antônio P. *Com o suor do teu rosto – Biografia do Comendador Alexandrino Garcia – O homem*. Uberlândia: SABE, 1993.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros no Brasil Central – História da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970.

JORNAIS E REVISTAS

ACIUB em Revista. Edição Comemorativa de 50 anos. Uberlândia: Ed. Sabe, 1983.

REVISTA ELITE MAGAZINE 1957 - 1959

REVISTA UBERLÂNDIA ILUSTRADA 1939 - 1959

UBERLÂNDIA, a grande razão. Anos 80

Jornal *Nova Era* (1907)

Jornal *Paranahyba*. (1914)

Jornal *O Progresso* (1907 –1914)

Jornal *O Corisco* (1920)

Jornal *A Tribuna* (1919 – 1944)

Jornal *de Uberlândia* (1936-37)

Jornal *O Repórter* (números diversos)

Jornal *Correio de Uberlândia* (números diversos)

OUTROS

ESTATUTOS E LEIS DA CAMARA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DE UBERABINHA. ESTADO DE MINAS. Uberaba: Typ. Livraria Seculo XX, 1903.

DEPARTAMENTO GEOGRÁFICO DO SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Plano de Urbanização da Cidade de Uberlândia.* Belo Horizonte: Serviço Público do Estado de Minas Gerais, 1954.

APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Prof. José Lucindo Pinheiro

Nascido em 01/07/1927, natural de Ponte Nova (MG), reside em Uberlândia desde 1969. Com ampla formação acadêmica (Filosofia, Teologia, Pedagogia) exerceu a atividade de docência durante vários anos. Estudioso da história da cidade, é funcionário da Câmara Municipal de Uberlândia desde 1979.

Sr. José Severino Barbosa

Nascido em 15/08/1920, natural de Araguari (MG), reside em Uberlândia desde 1928. Possui curso primário completo, é agricultor aposentado. Entrevista gravada em 30/01/2001.

Sr. Oscar Virgílio Pereira

Uberlandense, nascido em 03/03/1933. Advogado, participou ativamente da vida política da cidade nas últimas décadas, ocupando inúmeros cargos na administração do município. Também foi procurador jurídico da Universidade Federal de Uberlândia, função em que foi aposentado.

Entrevista gravada em 07/02/2001

Sr. Otacílio José Dias

Nascido em 24/12/1919, em Uberlândia. Reside no mesmo local desde que nasceu e se orgulha disso. Homem simples, possui o curso primário completo. Trabalhador autônomo, é aposentado.

Entrevista gravada em 16/01/2001

Sr. Roberto Vieira da Silva

Uberlandense, nascido em 22/11/1931, é professor aposentado. Como fotógrafo registrou inúmeros momentos que considera “marcantes” história da cidade. Preocupado com a preservação da história da cidade, coleciona vários documentos históricos.

Entrevista gravada em 16/01/2001

Entrevistados selecionados do projeto *Depoimentos da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia*

Oswaldo Vieira Gonçalves, Professor Vadico como ficou conhecido, chegou em Uberabinha em 1906, natural de Paracatu(MG). Na cidade cresceu e foi educado. Quando adulto foi professor em inúmeros colégios e ativo participante da vida política de Uberlândia, estando próximo à Administração Municipal.

Entrevista gravada em 25 de janeiro de 1990.

Sr. Afonso Carneiro

Nasceu em 14.09.1896 na então Uberabinha. Filho do Cel. José Teófilo Carneiro, importante líder local no início do século XX. Residiu em Uberlândia em toda sua vida, testemunhando as transformações ocorridas.

Entrevista gravada em 07/06/1990.

Sr. Álvaro Fonseca e Silva

Natural de Uberlândia, nasceu em 18/06/1906. Filho de família tradicional, líder do partido político cognominado *coió*, oposição ao *cocão*. Opositor da administração nas primeiras três décadas do século XX, após o fim do Estado Novo exerceu várias atividades na vida política da cidade.

Entrevista gravada em 07/04/1992.

BIBLIOGRAFIA

- ALEM, João Marcos. "Representações coletivas e história política em Uberlândia." In: *Revista História e Perspectivas*. nº4: Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia,. Jan/jun.1991.
- ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de. *Uberlândia operária? – Uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia – 1950 – 1964*. Campinas: UNICAMP, 1992. Dissertação de Mestrado.
- ANSART, Michelle. "Rousseau e a ideologia jacobina" In: *Razão e paixão na política*. Brasília: UNB, no prelo.
- ANSART, Pierre. "Mal-estar ou fim dos amores políticos" Trad. Jacy Alves de Seixas. In: *La Gestion des passions politiques*. Lausanne: Ed. L'Age d'Homme, 1983.
- ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1998.
- ARRUDA, Maria Arminda N. *Mitologia da Mineiridade - o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social" In: *Enciclopedia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional. 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: 2ª ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Ed. da UNB, 1993.
- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- BOSI, Antônio de Pádua. "Conflitos Sociais na constituição do espaço: São Pedro de Uberabinha na década de 1890." In: *Revista História e Perspectivas*. Revista dos Cursos de História da Universidade Federal de Uberlândia. Nº 18/19. Uberlândia: Edufu, 1998. pp. 53-72.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRESCIANI, Maria Stella (org) *Jogos do Político*. Imagens, Representações e Práticas. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/Fapesp, 1992.
- _____. *Imagens da Cidade*. Séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/Fapesp, 1994.
- _____. “Lógica e Dissonância - Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária”. In: *Revista Brasileira de História*. (V.6, nº11). São Paulo: ANPUH, set.1985/fev.1986. pp. 7-44.
- _____. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)” In: *Revista Brasileira de História*. (V.5, nº8/9). São Paulo: ANPUH, 1984/1985. pp. 35-68.
- _____. “História e historiografia das cidades, um percurso” In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. “Nas ruas, os caminhos da cidade.” In: *A Cidade e a Rua*. Cadernos de História de São Paulo 2. São Paulo: Museu Paulista-USP, 1993. pp.27-38.
- BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Campinas: Ed. Da Universidade de Campinas, 1993.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir. (orgs) *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. (Coleção Textos do Tempo).
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs). *Domínios da História*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1994 - (Coleção Repensando a Geografia).
- CHARTIER, Roger. *A História cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985.
- _____. "O mundo como representação"[1989] *Estudos Avançados*, 11(5). São Paulo: Edusp, 1991. p.173-191.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. *O Silêncio dos vencidos*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- FELDMAN-BIANCO, Bela & MOREIRA LEITE, Míriam L. (orgs) *Desafios da Imagem*. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.
- FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio A F. (org) *Cidade e História - Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, Faculdade de Arquitetura. ANPUR, 1992.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Olhar Periférico*. Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999
- FREITAS, Eliane Martins de. *Memórias de uma "Odisséia"* : Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia-MG. Campinas: UNICAMP, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- GINZBURG, Carlo. "Sinais - Raízes de um Paradigma Indiciário". In *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.143-179.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- GUERRA, Maria Eliza Alves. *As "praças modernas" de João Jorge Coury no triângulo mineiro*. São Carlos: USP, 1998. (Dissertação de Mestrado em Engenharia)
- GUIMARÃES, Eduardo N. *Infra-Estrutura Pública e Movimento de Capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do Trabalho*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1979.
- HALL, Peter. *Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- HAROUCHE, Claudine. *Da Palavra ao gesto*. Campinas: Papirus, 1998.
- KANT, Imanuel. *O Belo e o Sublime*. (Ensaio de estética e moral). Porto: Livraria Educação Nacional, 1943.
- KOSSOY, Boris. "Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia." In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998. pp.41-47.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Unesp, 1988.
- _____ *O imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

- LEFORT, Claude. *Pensando o Político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEFVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. Breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1989.
- _____. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- LIMA, Rogério e FERNANDES, Ronaldo Costa. (org). *O imaginário da cidade*. Brasília: Ed. UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada - Uberlândia - 1965 a 1980*. São Paulo: USP, 1990. Dissertação de Mestrado.
- MARX, Murilo. *Cidade no Brasil, terra de quem?* São Paulo: Nobel - Edusp, 1991
- NAXARA, Márcia R. C. *Sobre campo e cidade*. Olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Campinas: Unicamp, 1999. (Tese de Doutorado).
- NORA, Pierre. “Entre memória e história – a problemática dos lugares.” Tradução de Yara Aun Khoury, *Projeto História*, São Paulo, (10), dez.1993, pp.7-28.
- NUNES, Leandro José. *Cidade e Imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras*. Uberlândia – 1950 – 1960. São Paulo: PUC, 1993. Dissertação de Mestrado.
- OLIVEIRA, Selmane Felipe. *Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa*. Rio de Janeiro: UFF,1992. Dissertação de Mestrado.
- PECHMAN, Robert Moses.(org). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1999.
- _____. “Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo.” In: RIBEIRO, L.C. Q. & PECHMAN, M. (org.). *Cidade, Povo e Nação*. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. pp. 377-397.

- _____ “Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o ‘caráter nacional’ ” In: *Anos 90 – Revista dos Pós-graduandos em História da UFRGS*. Nº 8, Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997. pp. 31-44.
- _____ “Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário” In: *Revista Brasileira de História*. nº 29, v. 15. São Paulo: ANPUH/Contexto, 1995. pp. 9-27
- PINTAUDI, Silvana Maria. “Cidade, cotidiano e imaginário” In: *A cidade e o urbano: temas para debates*. Fortaleza: EUFC, 1997. pp. 213-220.
- PINTO, Luziano. “Os primeiros cinemas de Uberlândia (1908 – 1952)”. *Boletim CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História*. Nº23. Ano 11. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. 2ºsemestre/1998.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. V.2, nº3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989. pp.3-15.
- RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RELPH, Edward. *A paisagem urbana moderna*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. (Coleção Debates).
- RÉMOND, René. “O retorno do político” In: CHAUVEAU, A & TÉTARD, Ph. (orgs). *Questões para a História do Presente*. Bauru: EDUSC, 1999. pp.51-59.
- _____. “Por que a história política?” In: *Revista Estudos Históricos*. Nº13. CPDOC/FGV, 1994. pp.7-20.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs). *Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RODRIGUES, Jane de Fátima F. “Nas sendas do progresso: trabalho e disciplina. Uberlândia, um percurso histórico”. In: *Cadernos de História Especial*. V.4, nº 4/ Uberlândia: Edufu, jan/1993.
- _____. *Perfis femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense. 1920 – 1958*. São Paulo: USP, 1995. Tese de Doutorado
- _____. *Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924 – 1964*. São Paulo: USP, 1989. Dissertação de Mestrado.

- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).
- ROSANVALLON, Pierre. “Por uma História Conceitual do Político” (nota de trabalho)
In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero. V. 15, nº30, 1995.
- ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: A idéia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SEIXAS, Jacy A. de. “Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica”. In: *Razão e sentimentos na política*. Brasília, UNB, no prelo.
- _____ “Os tempos da memória: a (des)continuidade. Reflexões sobre a memória histórica”. Mimeo, 1999.
- SILVA, Idalice Ribeiro. “*Flores do Mal*” na *Cidade Jardim*: comunismo e anticomunismo em Uberlândia (1945-1954). Campinas: UNICAMP. 2000. Dissertação de Mestrado.
- SILVEIRA, Anny Jackeline T. “Acerca da leitura das cidades” In: *Varia História*. Revista do Departamento de História da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, nº16, Setembro/1996. pp. 78-89.
- _____ “O sonho de uma petite *Paris*: os cafés no cotidiano da capital” In: *BH – Horizontes Históricos*. Belo Horizonte: Com Arte, 1995. pp. 119-182.
- _____ “As ruas e as cidades” In: *Cadernos de História*. V.2, n.3 . Belo Horizonte: PUC/MG, Out/1997, pp. 29-35.
- _____ “Imagens destoantes: a moderna capital de Minas” In: *V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Campinas: Out/1998.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado - Imagens e Representações no Triângulo Mineiro*. São Paulo: USP, 1995. Tese de doutoramento.
- SOUZA, Célia Ferraz de. & PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs) *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- TUCHMAN, Barbara W. *A Prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- VASCONCELOS, Maria Helena Falcão. *Dias de violência*. O Quebra de janeiro de 59 em Uberlândia. Campinas: UNICAMP, 1993. Dissertação de Mestrado.

VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato: estudo sobre memória histórica*. Hucitec: São Paulo, 1997.

VEYNE. Paul. *Como se escreve a história?* 3ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1995.

VIEIRA, Maria do Pilar A. *A pesquisa em História*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 991.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade - Na história e na literatura*. São Paulo: Cia da Letras.

ZOJA, Luigi. *História da Arrogância*. Psicologia e limites do desenvolvimento humano. São Paulo: Axis Mundi, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)